

# REVISTA MODERNA



185

Nº 29 \* MARÇO \* 1899  
ANNO III

## Sumario

AFONSO CELSO . . . . .	M. A.
SUPREMA SEDUÇÃO . . . . .	JOAQUIM DE ARAUJO
ARTIE . . . . .	CAMILLE LEMONNIER.
VOU SER PAE . . . . .	VALENTIM MAGALHÃES.
INDICAÇÕES . . . . .	GUASCA.
LEÃO XIII E O VATICANO . . . . .	AURELIUS.
MANDAMAS D'ESPAÑA . . . . .	DOMINGO GUIMARÃES.
QUE SNETOS . . . . .	BENTO ERNESTO JUNIOR.
ESCUPTURA ALLEMÃ . . . . .	THEODORO DE WILLY.
GUERRA NAS FILIPPINAS . . . . .	INFORMADOR
UM LORD TOCADOR DE REALEJO . . . . .	***
OLIVEIRA GOMES.	
MILLIONARIAS AMERICANAS . . . . .	L. DE NORVINS.
QUOTIDIANO ILLUSTRADO . . . . .	REPORTER
A ILLUSTRÉ CASA DE RAMIRES . . . . .	EÇA DE QUEIROZ
REPORT . . . . .	S. MARCELLO.
HISTORIAS COMICAS	



D. AFFONSO CELSO  
ESCRITOR E POETA BRASILEIRO

Este numero contem  
80 ILLUSTRACOES  
E UM HORS-TEXTE A CORES

# Revista Moderna

MAGAZINE  
LITTERARIO  
E ARTISTICO

**ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA**

CORREIO  
DE  
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELMO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

**BRAZIL**

**FRANÇA**

**PORTUGAL**

e outros paizes da União Postal

Um anno . . . . .	50\$000 †	Um anno . . . . .	40 francos †	Um anno . . . . .	12\$000
6 mezes . . . . .	30\$000 †	6 mezes . . . . .	24 » †	6 mezes . . . . .	6\$000
Numero avulso . . . . .	5\$000 †	Numero avulso . . . . .	4 » †	Numero avulso . . . . .	1\$000

**A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :**

### AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro . . . . .	A. LAVIGNASSE FILHO E C <sup>ia</sup> , Rua dos Ourives, nº 7.	Taubaté . . . . .	V. COELHO DE CARVALHO.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande . . . . .	CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> .	Juiz de Fora e Minas- Geraes . . . . .	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
São Paulo . . . . .	CH. HILDEBRAND E C <sup>ia</sup> , CASA GARRAUX.	Pernambuco . . . . .	LIVRARIA CONTEMPORANEA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
Santos . . . . .	F. MATTOS E C <sup>ia</sup> , Rua 15 de Novembro.	Ceará . . . . .	J. J. DE OLIVEIRA E C <sup>ia</sup> .
Campinas . . . . .	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	Pará . . . . .	J. B. DOS SANTOS E C <sup>ia</sup> .
		Bahia . . . . .	CATILINA E C <sup>ia</sup> .

*A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal*

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se  
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

### AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

*A REVISTA MODERNA* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

*A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.*

## ASSIGNATURAS

## BRAZIL

Anno . . . . .	50\$000
6 mezes . . . . .	30\$000
Numero avulso . . . . .	5\$000

## UNIÃO POSTAL

Anno . . . . .	40 francs
6 mezes . . . . .	24 —
Numero avulso . . . . .	4 —

## PORTUGAL

Anno . . . . .	12\$000
6 mezes . . . . .	6\$000
Numero avulso . . . . .	1\$000

## OS NOSSOS CONCURSOS

De novo chamamos a attenção dos nossos leitores para os nossos concursos cujo encerramento é como dissemos a 30 de Junho proximo.

Como se verá pelo annuncio inserido no verso estes dois concursos são: *Um concurso litterario* consistindo n'um conto inédito e original sem assumpto determinado — para que assim mais livremente a phantasia e tendencias de cada um se possam manifestar — mas que não tenha como desenvolvimento mais de tres paginas da nossa Revista.

O Jury presidido por Eça de Queiroz examinará com justiça e imparcialidade os trabalhos de todos os concorrentes e concederá o premio ao trabalho de maior valor. O premio é, como já dissemos; um magnifico bronze de Falguière: *La Danseuse*.

Para o concurso photographico que tambem está aberto até ao dia 30 de Junho, daremos como premio um magnifico *apparelho photographico e seus pertences*. Os assumpto d'este concurso compõe-se de monumentos artisticos, marinhas, typos de cidade e do campo, etc.

## O PROXIMO NUMERO

No nosso proximo numero publicaremos um bello estudo biographico do celebre pintor brasileiro Pedro Americo, acompanhado de documentos illustrados de grande valor, photographias dos seus mais celebres quadros, retratos, etc. Inserirẽmos tambem uma grande critica illustrada dos dois Salões de pintura parisienses o dos Campos-Elyseos e o do Campo de Marte e continuaremos, a serie dos nossos artigos de informação e actualidade feitos com o maior esmero e enriquecidos de numerosas gravuras.

## AGRADECEMOS

O Diario Illustrado de Lisboa, um dos mais antigos e apreciados jornaes do capital lusitana, publicou ha dias o retrato do nosso director, M. Botelho acompanhado de algumas linhas biographicas. A *Revista Moderna* muito penhorada por esta gentileza de tão conceituado periodico envia ao Diario Illustrado os seus mais sinceros agradecimentos.

## OS NOSSOS BRINDES

Femos recebido varias cartas dos

nossos estimados Assignantes pedindo-nos a remessa dos brindes a que têm direitos como já aqui dissemos e como d'outra parte annunciamos esses brindes devem ser pedidos directamente aos nossos agentes que já têm em seu poder essas magnificas gravuras bem como as ordens respectivas para sua distribuição. Sabemos que, como esperavamos, o quadro de Boucher tem causado um verdadeiro successo e que muito tem sido apreciado não só pelo seu valor artistico como por serem hoje muito raras as gravuras de seculo XVIII de que a nossa é fiel reprodução.

## RECEBEMOS

**Alma. Paginas Intimas.**— Valentim Magalhães, Rio de Janeiro.

Do nosso tão illustre collaborador Valentim Magalhães recebemos o seu ultimo volume intitulado *Alma*.

Para mais tarde reservamos largo estudo de tão importante obra na nossa secção de « Livros Novos » mas desde já não só para agradecer a gentileza da offerta, como para desabafar o nosso entusiasmo por tão sentidas e encantadoras paginas — queremos dizer quanto este livro é admiravel, de doce e fina intimidade e consoladora moral.

N'estes capitulos que o autor decerto escreveu a principio sem ideia de publicação ulterior, revela-se um outro Valentim Magalhães, em que a ironia forte e tantas vezes amarga do seu estylo, foi substituida por um tranquillo sentimento de felicidade e amor. E' o pae extremo e o esposo amovavel que, na serenidade de um lar incomparavelmente feliz, traçou estas linhas de affecto para aquelles em cujas almas a sua anda repartida.

Recommendar tal livro aos nossos leitores seria inutil porque decerto já todos o conhecem e o leram e releram como uma das obras mais ternas e emmocionantes que se têm publicado.

Ao nosso querido e eminente collaborador Valentim Magalhães, enviamos com as nossas sympathias as mais sinceras felicitações por tão mimoso e admiravel trabalho.

Do nosso prezado collaborador Joaquim de Araujo recebemos dois pequenos folhetos. *A Michélet e Proverbios do Oriente*, que são mais duas provas magnificas do maleavel e brilhante talento de Joaquim de Araujo. Para regalo dos nossos lei-

tores aqui transcrevemos dois ou tres dos *Proverbios*.

Quem casa com mulher que tem cabeça  
Raramente na vida é desgraçado;  
Pai que a bondade aos filhos reconheça,  
Não sente e coração desconsolado.

Não celebres a fortuna,  
Por mais que vos ella faça,  
Que num momento, importuna,  
Pode chegar a desgraça!

Se tu, porventura, és tal  
Que não sabes fazer bem,  
Minhas palavras retem:  
Ao menos, não faças mal!

**A Monte.** (prosas do Campo.)  
*Antonio Pena*. Lisboa. — Recebemos este pequeno volume de contos, em que, com simplicidade o autor descreve scenas pittorescas dos campos portuguezes e n'esta paisagem tão característica desenrolla os seus themas rusticos e vividos.

**Letras e Artes.** Revista quinzenal illustrada. Porto Alegre. — Recebemos dois numeros d'esta nova Revista, publicação muito artistica e elegante, que apparece na Capital Rio-grandense e que faz honra ás Letras e Artes brasileiras-Saudamos o novo collega a quem desejamos larga carreira.

O Summario do ultimo numero é o seguinte:

*Bibliographia, A Imprensa, Noticiario artistico litterario, Sonho de Titania*, Zeferino Brasil; *Michelangelo e Palladio*, Rodolpho Brasil; *A materia, O cadaver*, Appolinario Porto Alegre; *Lagrima paterna*, Raymundo Pereira; *Dall'ombra nell'ombra*, Cosimo Giorgieri-Contri; *Cordelia*, Oswaldo Poggi; *A vida e os alimentos*, Th. Sweet; *Diversas, Os livros, Illustrações e supplementos*.

**A Meridional.** Revista internacional. Rio de Janeiro. — Tambem d'esta publicação recebemos o primeiro numero que traz os retratos de Cruz e Souza, Stéphane Mallarmé, Decio Villares, Puvís de Chavannes e o seguinte summario: Cruz e Souza, *Espelho contra Espelho*; Stéphane Mallarmé, *Plainte d'automne*; Silva Marques, *Stéphane Mallarmé*; Rocha Pombo, *A Estatua de Hulme*; Arthur Rimbaud, *Ma Bohème*; C. F., *Decio Villares*; Elysio de Carvalho, *Satan*; Felix Pacheco, *O Sr. N. Victor e sua obra*; Luiz Delfino, *As Tres Irmãs*; Carlos D. Fernandes, *O Obelisco de Cêra*; Felix Pacheco, *Extranhas Lagrymas*; G. D., *Puvís de Chavannes*; Carlos D. Fernandes, *A Minha Lyra*; Silva Marques, *Não é dos Nossos*; Cruz e Souza, *Flôres da Lua*; Paul Adam,

*O Povo Negro*; Mauricio Jubim, *Olhos*; Raoul Braga, *Sonho do Coração*; Elysio de Carvalho, *Noticiario*.

**Le Bresil.** *Courrier de l'Amérique du Sud*, Paris. — Temos recebido regularmente este nosso prezado collega que vae já no seu dezenove anno de publicação e cujo successo se afirma de dia para dia.

O *Bresil* trata com uma alta competencia de todas as questões mais salientes da politica e finanças brasileiras.

**Revue du Brésil**, publicação quinzenal. — Paris o ultimo numero d'esta interessante revista traz os retratos de Dinarte Ribeiro, visconde de Mana Dr. Augusto Thiago Pinto, José Lourenço d'Aguiar, bispo de Amazonas, e vistas muito pittorescas e numerosas das minas de diamantes de Bôa-Vista em minas Geraes.

**A Arte.** — Porto. — Temos continuado a receber esta revista portugueza de collaboração escolhida e nova.

**La Presse internationale.** — D'este nosso prezado collega recebemos o seu numero especial comemorando o Congresso da Imprensa em Roma. Traz os retratos de SS. MM. o Rei e a Rainha de Italia e os de todos os delegados d'este importante congresso jornalístico.

**Gabinete dos Reporters.** — Temos sobre a mesa os numeros 92 e 93 d'este jornal illustrado de Lisboa. O primeiro traz os retratos do Dr. Luiz Gonsalves de Freitas, de José Antonio Serrão do actor José Baptista e da actriz Elisa Aragonez, o segundo insere as photographias dos bandarilheiros hespanhoes Quinto, Jimenez e Algabeño.

**Revista portugueza Colonial e Maritima.** — No ultimo numero recebido ha a notar um muito curioso artigo sobre a *Cidade de Cantão*, um estudo sobre as *Saluções da Politica Colonial Portugueza* e um outro o sobre *Nyassa Portuguez*.

**Revue Illustrée.** — Ludovic Baschet, Paris. — O ultimo numero d'esta magnifica publicação traz o retrato do actor Féraudy da Comedia Franceza; um conto de Jorge d'Esparbès e artigos e poesias de Courteline, Jacques Normand, Jerome Doucet, Dazaincourt, Montfrileux, Adolphe Brisson, Jules Méry, Francisque Sarcey, etc.

# CONCURSO LITTERARIO

A *Revista Moderna* faz um apello a todos os escriptores do Brasil e Portugal para o Concurso Litterario de **Um Conto Inedito e Original** sem thema determinado e cujo desenvolvimento não exceda tres paginas da nossa Publicação. Os concurrentes deverão enviar os seus Trabalhos á nossa redacção em Paris até **30 de Junho** data fixa do **encerramento** do Concurso.

Até 30 de Julho proceder-se-ha a leitura e julgamento dos Contos enviados, e o Jury será composto de tres escriptores e presidido por **EÇA DE QUEIROZ**.

## PREMIO

A *Revista Moderna* offerecerá ao vencedor deste Certamen Litterario o bellissimo e artistico bronze do grande esculptor **Falguière**,

### LA DANSEUSE

medindo cincoenta centimetros de alto e cujo valor real e indiscutivel é de **500 francos**, preço de fabrica em Paris.

Trinta dias depois do julgamento estará esse valiosissimo premio, por intermedio dos nossos Agentes, á disposição de quem de direito.

A Redacção reserva-se o direito de publicar os originaes enviados.

## CONCURSO PHOTOGRAPHICO

A *Revista Moderna* convida a todos os amadores do Brasil e Portugal a um concurso Photographico que fica desde já aberto devendo as provas nos serem enviadas até **30 de junho**, praso fixo.

### ASSUMPTOS DO CONCURSO

**Monumentos artisticos, Paysagens, Marinhas, Typos de cidade e do Campo.**

Todas as photographias podem ser acompanhadas de um pequerro artigo descriptivo.

Pede-se a maxima **nitidez** nas provas enviadas. O Jury será composto de dois membros do Photo-Club de Paris sob a presidencia do nosso collaborador A. da Cunha, photographo amator, premiado em differentes exposições.

### PREMIO

Um magnifico aparelho e os seus pertences e mais um elegante estojo para ser trazido a tiracollo será offerecido ao author da photographia premiada.

O valor minimo d'este premio é de **200 francos** preço de fabrica.

Até 30 de Julho estará o nosso premio a disposição do amator que for classificado como primeiro.

A *Revista Moderna* nao poderá admittir neste concurso photographias de proffissionaes. Reservamos o direito de reproducção de todos os documentos recebidos.

# AFFONSO CELSO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

AFFONSO CELSO, a quem a *Revista Moderna* presta uma sincera homenagem no presente numero, começou muito cedo a sua vida litteraria, e muito cedo tambem conheceu o applauso e a popularidade. Os seus primeiros ensaios — versos quasi infantis — datam ainda dos tempos do collegio; isso não é raro; com frequencia os que mais tarde hão de ser escriptores illustres rabiscam sobre a mēsa de estudo, nas margens de um exercicio ou de um *penso*, estrophes mais ou menos soffríveis, madrigaes ou epigrammas no seu idioma proprio, e até disticos latinos ou gregos. O que menos geralmente succede é que taes ensaios sejam publicados; de ordinario ficam esquecidos na pasta poeirenta, ou rasgados ao sahir do collegio voam por ahi sem deixar vestigio. Os de Affonso Celso tiveram as honras da impressão; e ainda se poderá encontrar acaso em mãos de algum colleccionador, ou nas estantes de algum alfarrabista da rua de S. José esse folheto ou caderno, tendo á guisa de prefacio uma carta de Cesario Alvim ao pae do auctor.

Sem duvida a alta posição do hoje Visconde de Ouro Preto, já então parlamentar de grande prestigio, concorreu não pouco para attrahir sobre o principiante quasi menino os precoces applausos com que logo o saudaram, e para aplaiar-lhe depois o caminho da fortuna litteraria e politica. Certo, porém, as esperanças tão depressa manifestadas não eram illusorias; o adolescente aureado por mãos amigas havia de confirmal-as, e ir, se possivel, alem d'ellas. Na Academia de Direito, em S. Paulo, Affonso Celso encontrou companheiros de grande talento, um bello e fervoroso grupo de rapazes, que se esforçavam por continuar as tradições de Castro Alves, Fagundes Varella, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, e outros estudantes notaveis. Aquella geração pertenciam Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Assis Brasil, Julio de Castilho, Fontoura Xavier, e alguns mais, que nas letras e na politica não tardaram muito a conquistar grande renome. Affonso Celso, entre elles, achava-se rodeado de uma atmospheria de entusiasmo permanente; e ao seu espirito brilhante, inquieto, um pouco

excentrico então, sobravam estímulos para se desentranhar, senão logo em fructos de preciosa substancia, ao menos em flores de colorido violento e luxuriante esplendor. Poesias e discursos, novellas e artigos de fundo, nada lhe era extranho, nada escapava á sua febre de producção e á dos seus collegas de Escola; tão depressa estavam curvados sobre os proprios joelhos a compor odes românticas ou sonetos parnasianos, como subiam a uma tribuna, ou simplesmente assomavam a uma sacada para vociferar e gesticular arengas tumultuarias em que as *instituições juradas* recebiam golpes tremendos de rhetórica e demagogia.

De facto, naquella época, um forte vento, um impetuoso tufão revolucionario soprava e remoinhava sobre a mocidade da Academia; os rapazes não se contentavam com ser republicanos, eram jacobinos rubros; não lhes bastavam as recordações de 89; queriam as de 93. Affonso Celso era dos que mais se distinguiram nesse meio. As suas objurgatorias violentas são ainda lembradas em S. Paulo; lembradas são sobretudo as suas extravagancias de bohemio, que chegaram a crear-lhe reputação um tanto lendaria. As anedotas que correm a seu respeito são copiosas e pittorescas. E ainda hoje a muita gente velha e nova se ouve contar, como nas historias antigas: « Uma vez o Affonsinho... » Está claro que alguns casos são inventados, alguns se lhe attribuem que pertencem a outros.

Assim acontece quando uma figura se grava fortemente na imaginação dos que a conheceram. Provavelmente elle agora, se lhe vão recordar essas coisas encolherá os hombros, sorrirá pensativamente, dizendo: « Como eu era desmiolado! quanto tempo perdi! » E por que? Era moço, nada mais; e quem se lastimará de o ter sido? Era-o plenamente, com audacia e petulancia, ou melhor, era a mocidade em carne e osso, e mereceria o nome magnifico de *Monsieur La Jeunesse*. Tinha caprichos arrojados e incompreensiveis, arranques cavalheirosos e aggressivos, uma verve indisciplinada, uma phantasia exuberante e flammejante, como Cyrano de Bergerac; agitava triumphalmente o



Affonso Celso no seu gabinete de trabalho.

pennacho branco sobre as cabeças aturdidas dos burguezes...

Isso de resto não o impedia de estudar e trabalhar; o seu curso de direito foi brilhante, e nos escriptos de então, entre os quaes um trabalho sobre Camões e a collecção de poesias que tem o

título soberbo de *Telas sonantes*, sedescobrem, através dos inevitáveis defeitos da improvisação e da emphase juvenil, qualidades de espirito e energias vibrantes de estylo, que chamam e prendem a attenção.

Deixando a Faculdade, Affonso Celso achou logo desimpedida a estrada da vida pública, e enveredou por ella sem hesitações. Eleito deputado por um districto da provincia de Minas, entrou na Camara como arauto

das mais adiantadas idéas liberaes, e creio mesmo que sempre affirmou, ou pelo menos nunca renegou as aspirações republicanas que levara da Academia. Alguns ministerios tiveram nelle um adversario implacavel, ainda que de cortezia perfeita, pois Affonso Celso é por instinto como por esmero de educação, um gentil-homem em toda a etensão da palavra. Certos velhos estadistas astutos, avezados a todas as vicissitudes da existencia parlamentar, olhavam a princípio com indulgente ironia o joven deputado, esse menino que, com todo o fogo dos seus vinte annos, lhes criticava os actos e lhes discutia o programma de governo; mas pouco a pouco, á fôrça de talento e lógica, elle os obrigava a meditar sériamente as suas objecções, e a responder-lhe com cuidado, por que os *apartes*, de um *frondeur* engenhoso poem em risco

às vezes a grave argumentação de um estadista experiente. Sem dúbida, a actividade exterior imposta pela sua situação poucos e escasos momentos lhe deixava ás preocupações litterarias. A Política é amante ciosa e exclusiva, tanto como — é preciso dizel-o? — pérfida e ingrata. Exige que se lhe consagrem todos os momentos, todas as faculdades, e em troca não dá grande coisa. Entretanto, supponho que Affonso Celso, mesmo quando as interpeleções ou as crises de gabinete mais lhe absorviam o espirito, sempre guardou uma predilecção secreta, e intermitente ao menos, pela



Affonso Celso (1880).

musa que lhe fascinara a mocidade. Não duvido que de quando em quando, como o *Sub-Prefeito no campo* do lindo conto de Daudet, escrevesse ás escondidas um madrigal nas costas de um manifesto aos seus eleitores...

A verdade é que elle collaborou no maior poema histórico que

se creou entre nós neste século — a libertação da raça negra. Ao lado de Joaquim Nabuco, André Rebouças, José Bonifacio, Joaquim Serra, Patrocinio, Dantas, elle empregou o melhor das suas fôrças na propaganda do abolicionismo, e teve, a 13 de maio de 1888, a ventura de contemplar no fraternal e sublime entusiasmo do povo a victoria definitiva da magna idéa. Basta isso para que elle possa com razão abençoar a sua passagem, rápida embora pela politica do paiz.

Rápida foi na verdade; em novembro do anno seguinte, proclamava-se no Brasil a Republica, quando seu pae era presidente do conselho. Affonso Celso, filho dedicado e extremo, quiz partilhar a prisão d'elle, e acompanhou-o á Europa, onde então para ambos foram bem tristes os dias do exilio.

Desde a queda da Monarchia, por motivos de ordem pessoal que só inspiram respeito, Affonso Celso retirou-se da politica, renunciando a um futuro que promettia ser espléndido.

As letras, em compensação, lucraram com isso. O illustre escriptor, desligado de compromissos onerosos, se lhes dedicou d'ahi em diante com solícita perseverança; quer no remanso do seu lar, em períodos tranquilllos, quer, em períodos de agitação, no tombadilho de um transatlântico ou nos domicilios precarios do desterro, a sua penna honrada, sincera e independente trabalha sempre. Assim, em pouco tempo, a sua producção intellectual tem sido consideravel, e cresce cada dia.

A primeira obra que elle publicou depois de feita a Republica, *Vultos e Factos*, teve um successo de livraria como de poucos ha noticia no Brasil, especialmente pelo estudo *O Imperador no exilio* que depois se imprimiu em separado. Veio em seguida *Minha Filha*, escripto de character intimo, de páginas tocantes e não raro pungentes, em que elle pinta, pode-se dizer com o sangue do seu coração, os soffrimentos de uma creança intelligente, formosa e boa. Publicando-o, pondo-o ao alcance de toda a gente, Affonso Celso commetteu quasi uma temeridade; esses gemidos, essas preces da alma ferida nas suas cordas mais recónditas não são para se offerer á curiosidade banal do vulgo; só os podem comprehender, só lhes podem dar um eco de sympathia commovida os delicados de indole, os finos de sentimento que são bem poucos, até entre os homens de bem; porque em muitos d'estes mesmos a honestidade anda unida a uma certa grosseria nativa que os mantem impermeaveis á poesia subtil dos affectos. É certo, todavia, que o autor venceu todos os obstáculos; o encanto da linguagem a suggestiva tristeza, a profunda e terrivel amargura de muitas páginas, a sinceridade dolorosa de todo o volume, conquistaram desde logo o respeito dos leitores, e destruíram quaesquer velleidades de ligeireza critica-



Affonso Celso (1889).



Affonso Celso (1897).



D<sup>r</sup> AFFONSO CELSO

ESCRITOR E POETA BRASILEIRO

A *Minha Filha* succedeu *Lupe*, leve e agradável narrativa, que seria uma joia litteraria, se o hybridismo da concepção lhe não prejudicasse a belleza. De facto é um trabalho extremamente *composito* a um tempo descripção de viagem, fragmento de auto-biographia, libello politico e novella. Faltou-lhe por isso a unidade e a simplicidade que teria, se o autor não cedesse á tentação da *miscellanea* que é o principal defeito do seu rico temperamento. A influencia das recordações pessoaes, fazendo-o intervir a cada passo na acção, diluindo-a em longos capítulos digressivos, torna tambem frouxo e prolixo o seu romance *Um Invejado*. Ahi é ainda o gôsto, ou a necessidade da polémica que se revela, subordinando os personagens ás theses do autor, levando-os portanto de ordinario a advogar as opiniões d'elle, em vez de fallar e viver por conta propria. Em outras obras como em *Giovanina*, nos contos e phantasias, onde elle se entrega mais inteiramente ás emoções esthéticas, o estylo ganha em concisão e energia, os quadros são mais coloridos, as scenas mais animadas, embora as suavise e esbata certo ambiente de melancholia, discreta

mas successivamente perceptivel, que envolve como um veu crepuscular todos os livros da sua segunda maneira litteraria (a primeira já vimos que é a dos tempos de estudante). Essa melancholia, natural naquelles cuja mocidade, como a de Affonso Celso, foi truncada prematuramente, no sentido da vida de acção, por um acontecimento inesperado e decisivo, resumbra com desolada eloquencia nos bellissimos versos que elle tem dado ultimamente á *Revista Brasileira* versos que mostram um coração em declínio, onde a flor violacea da experiencia desilludida despontou emfim sobre as cinzas da vermelha flor da chimera juvenil — e na admiravel traducção que está fazendo da *Imitação de Christo*, e da qual os dois primeiros livros já appareceram.

Como se vê, Affonso Celso, cujos traços mais característicos ficam apenas esboçados nesta simples noticia, está em plena actividade artistica; e, como o amor das lettras é já nelle uma d'essas tendencias que a força do hábito identifica absolutamente com a propria natureza, o seu talento laborioso e fertil nos dará ainda muitas obras dignas da sua reputação. Esperemol-as para as applaudir.

M. A.



Villa Petiote. Residencia de Affonso Celso em Petropolis no Brasil.

## SUPREMA SEDUCÇÃO

A AFFONSO CELSO.

*Ao longe, assoma a doce Cavalleira,  
Amazona gentil e donairoza;  
Da floresta sombria e silenciosa  
O seu vulto alvorece na clareira.*

*Tres leões, fronte erguida e sobranceira,  
Coma fulva, attitude majestosa,  
Surgem da selva densa e tenebrosa,  
Fitam-lhe o rosto, flôr de romanzeira.*

*O intrepido corcél estaca e freme...  
Então, como um piloto finca o leme,  
Contra o embate dos rijos vagalhões.*

*A Caçadora grita : Avante ! e passa,  
Banhada no clarão meigo da Graça,  
Atirando com beivos aos leões !*

JOAQUIM DE ARAUJO.

Turim 1896.

# K A A T J E

A ÉMILE CLAUD

**V**EERE!  
Tinha vindo um dia a esta miniatura de cidade antiga que fica para lá de Middelbourg e de Dombourg. Sim viera lá por estar perto do mar e também para ver as lindas raparigas de Veere com as suas saias de balão e os seus bonnesinhos chatos sobre os cabelos levantados em nó. Parecia-me que n'uma ou n'outra d'essas pequeninas cazas baixas, de tectos côr de tangerina, deveria haver alguma cousa que me retivesse por algum tempo.

Meu Deos! era um tão delicioso canto do mundo, uma pobre coisa perdida por detraz d'uma antiga muralha, com esta Torre-de-Passagem-para-Camperland que descreve uma meia lua no seu portosinho e esta alta habitação antiga de Carlos-Quinto, florida como uma joia!

E depois havia ainda o caes do Veere, a linha das fachadas côr de demasco maduro, de rosa, de rosa chá com velhas pedras roídas de musgo emoldurando tranquillias janellas com cortinados de guipura, pequeninos vidros verde garrafa contra os quaes se appoia a chanfradura em forma de coração d'um para fogo verde ou azul malva! Uma sombra de velhas arvores mancha d'uma renda lilaz as pedras em facetas entre o debrum do caes e as casas; e em seguida ella afestoa d'um desenho nobre de pampanos à nuança de carne loira d'essas pequeninas casas que parecem feitas para bonecas, bonecas com bonnets brancos circundados d'antennas de cobre que, nos dias de semana, se vão a passinho miudo para as dunas balanceando as suas pesadas saias enfunadas como sinos.

Era ainda essa enorme egreja toda vasia do seu Deos que sobre as colmas verdes d'aoredor e sobre os campos ao largo faz uma grande sombra, gyrante como o fogo d'um pharol, para que haja ainda ao menos uma coisa que diga que ahi, outrora, um vasto porto via entrar as flotas do mundo.

Ao desembarcar do navio de Zierikzee é ella que se vê primeiro e depois circundam-se os muros, muros côr de rosa chá e rosa camarão, como todas as velhas pedras de Veere, muros por detraz dos quaes se derramam os tufos de sabugueiro e de syringas, com casas de cortinas de guipura tão pequenas que seriam necessarias cem para encher apenas a extensão da abside. E segue-se baixando a voz como em um logar cheio de reliquias com medo de quebrar alguma coisa — o silencio, o somno, o pouco de vida fragil que resta n'esta solidão de Veere.

Mas eis que eu chego um domingo: a cidadezinha parecia morta detraz das suas cortinas cerradas. Só o carrilhão da casa do município soava ainda as horas da vida. Uma chuva de estio pela tarde, uma fina geadá de pequenas notas lentas a morrer cahia do campanario, espalhava-se por cima das casas com um ruido melodioso de lagrimas. E ninguem nas ruas, nada senão aqui e alem uma face levantando-se do crepusculo verde dos quartos, o ligeiro phantasma d'um ser que outrora tivesse vivido e que por cima do guarda fumo, entre as finas guipuras, me olhasse passar. A Zelandia, luterana e protestante encerra-se em casa ao domingo e lê a Biblia.

Mas eu que pela primeira vez me encontrava lá buscava por toda a parte os bonnets com sacca-rolhas de cobre.

No caes o mesmo silencio; as casas dormiam sob as arvores espelhando nos vidros verde garrafa as embarcações de vélas recolhidas, os barcos dos pescadores d'Arnemuyden, que não retomariam o mar senão ao nascer da madrugada. A agua também murmurava adormecida, banhando docemente os degraus do molhe, encrespando d'ondulosos reflexos o somno das pequenas fachadas. E toda a aldeia, ao longe, os prados, os campos, a duna tinham o ar de ler a Biblia.

Fui assim até á Torre-da-Passagem-para-Camperland, perto do porto, e senti-me tão só que, para pensar em alguma coisa, abri a minha caixa d'aguarella e puz-me a molhar o papel d'um pouco de toda esta immensa agua que lá em baixo, sob as nuvens de prata fazia uma barra, d'um azul flor de cardo.

Ao cabo d'algum tempo, uma voz de velha, zangada gritou do fundo d'uma casa:

— Deus não quer que refaçam o que elle fez!

Eu não via a velha, não appercebia mais do que o extremo

d'um braço em buxo que sahia d'uma janella e parecia lançar-me um sortilegio. A respeito de tudo aquella mulher disia uma coisa profunda. Porventura há no mundo algum homem capaz de ajuntar um pouco de belleza á obra de Deus? Abandonei o mar e ainda uma vez recommencei a gyrar entre os velhos muros.

Havia lá, algures, diante d'um jogo de malha plantado de alamos uma casinha deliciosa, uma casa florida d'um tom d'hortencia, tão fresca á margem da relva verde que me veio a ideia seria bem doce acabar d'uma morte sem agonia por detraz d'essas janellas de cortinas. Sim, uma casa como se veem nos conventos de beguinias deante d'um prado onde pascenta um carneiro annelado. Uma sombra azulada avelludava o tijollo, tremia no solo da porta como uma mão d'avó que entrando em casa mette a chave na fechadura. Era uma coisa de vida tão humilde e tão pacifica que fiquei por muito tempo assentado debaixo dos alamos da casa como um pobre para quem as outras portas estão fechadas.

E depois appareceu um fresco rostinho sob um bonnet, uma pequena cabeça que, com as antennas de cobre em espiraes nos cabellos, me olhava com os seus olhos de esmalte azul, o azul que o mar tinha lá em baixo sob as nuvens de prata. Esta não me diz que Deus poz um preceito na belleza das coisas. Ella não dizia nada, e, tranquillamente, de debaixo do seu bonnet, de sombra terna, ao extremo do seu longo pescoço nú, levantava para mim um olhar ingenuo de cabrinha mansa. Um lenço lilaz cruzava-se por cima do seu véo côr de rosa e, no quadril. Os seus braços sahiam d'uma manga curta e estreita, comidos d'um soão vivo, picado de vermelhidão como os pequenos salpicos que pointinham um pecego maduro. Com isto as faces as mais frescas, a cor d'uma nuvem de vermelhão sobre um palor leitoso, sobre as transparencias de porcelana fina azulada pelo tempo.

— Um lindo Claus, pensei.

E desejaría pronunciar docemente o seu nome tendo a sua mão na minha.

— Como te chamas? perguntei sorrindo.

Fallava-lhe assim como se ella fosse uma creança. Só muito imperfeitamente conhecia a cantante musica na qual as pessoas da Zelandia dizem que se amam e se desejam. A' minha pergunta ella poz-se a rir, agitando o seu pequeno corpo no fundo do grande sino das suas saias. E em seguida, de subito, como um passaro que voa, com aquelle riso claro que nos seus dentes fazia frufu, ella fugiu deixando cahir sobre si a porta. Pareceu-me que comprehendia então o sentido dos ferrolhos de sombra que os grandes alamos moveidos punham sobre a casa. Esta, ao lado de seu jogo de malha verde era também uma coisa morta como todo o Veere d'um longo domingo de somno e de Biblia.

Mas no dia immediato como ainda uma vez tivesse vindo assentar-me lá, vi-a passar por detraz da sebe da horta. Ella veio até ao extremo do caminho e fez-me um cumprimento, um aceno ligeiro da sua pequenina cabeça que fez mover sob o bonnet branco as placas de metal. Eu que lhe fallara como se fóra a uma creança; fiquei um tanto confuso vendo que em summa ella era uma das lindas raparigas de Veere, uma verdadeira mulhersinha qua poderia já estreitar amorosamente um homem. O meu engano explicava-se: como as raparigas de Zelandia ella tinha sob o véo um pequeno seio que bem pouco sensivelmente tumescia o collete. Todas no seu amontoado de saias tem amplas ancas e as estaturas ondulam com uma inflexão apenas nubil.

— Goëndag (bons dias), digo-lhe.

E agora ella ria sem motejo nem susto e conservava-se na sombra dos alamos com manchas de sól sobre a brancura do seu bonnet. E eu, tendo-me aproximado, ria como se ri quando queremos domesticar um amavel animalsinho um pouco timorato.

Adiantei em seguida a mão; toquei os seus dedos vermelhos, envernizados como a ponta do pé d'uma lagosta; e ella olhava-me francamente nos olhos com o seu claro olhar de cardo azul, com seu ingenuo olhar de creança.

O que podia haver em mim para que ella me olhasse por esta forma? Talvez ella tivesse sorrido também a outros homens que tivessem passado. Digo-lhe então coizas como se dizem ás

creanças que se encontram na estrada. E sempre ella ria com a sua bocca como uma romã aberta onde reludem as pevides. Via bem que ella não comprehendia o que eu lhe disia.

Uma voz trovejou em uma casa do outro lado do jogo-da-malha. Talvez fosse ainda uma velha; talvez ainda uma vez essa velha recordava um mandamento de Deus. E de novo o bonnet branco se sumiu como na vespera; e ella cessára de rir.

Interroguei a gente da estalagem onde descera. Soube por esta forma que se chamava Kaatje e que pousava para os pintores. Depois d'uma certa epocha Veere era muito visitada por artistas e agora todos elles tomavam esta Kaatje para modelo. « Eis ahi, pensei, ella viu que eu trazia um album debaixo do braço. O seu riso era um avanço para me offerer os seus serviços. » Tinha vindo a esta velha cidadezinha á beira már para ver outras phisionomias diferentes das das cidades; viera tambem para pintar a pastel pedaços de marinha com mulherzinhas que contemplam ao longe o partir dos barcos.

Tudo se arranjou pelo melhor. Voltei á pequena casa, bati á porta com o desassombro de quem que é esperado; e os ferrolhos de sombra resvalaram; a linda creança appareceu no quadro da porta. Eu disse.

— Bons dias Kaatje.

— Ella não se espantou; não duvidou um instante de que eu não fosse realmente um d'esses homens de barba ponteaguda que vinham pedir-lhe para pousar para os seus quadros. E n'uma algaravia que a divertia perguntei-lhe se queria pousar para mim.

Ja hoor (sim decerto) respondeu.

Por cima soccos bateram na casa e uma mulher idosa, uma face encarquilhada e doce com olhos comidos pelo sal, veio diserm-me que era um florim. Kaatje fazia com os dedos o gesto de orlar o seu avental e não ria; olhava ao longe na direcção do mar. De resto era uma coisa natural que esta velha, sua mãe sem duvida, me fallasse de isso.

N'esse dia portanto, ao cahir da tarde, disse-lhe que caminhasse á sua frente se sentasse como quizesse e quando sentada fizesse o que muito bem lhe apetece. E' uma opinião minha que não se deve reclamar d'um modelo senão que elle viva da vida de todos os dias:

Kaatje, sob os ultimos raios do sol, caminhou a passo miudo como se verdade passeasse por sua propria conta. Seguiu uma rua, depois uma outra, parou um segundo para dizer alguma coisa ás velhas que se abrigavam por detraz dos vidros verde garrafa e em seguida tirou a sua meia e d'esta forma fazendo meia uma das agulhas debaixo do braço, docemente ella marchava balanceando as saias de balão com passos miudinhos.

Eu seguia-a, cocando uma attitude, um gesto, esperando que ella pousasse á vontade.

Devo confessal-o, com o seu bamboeamento que a levava a appoiar-se sobre um quadril e depois sobre o outro com os seus cotovellos sahidos, esta linda Kaatje ora tinha o ar d'uma bengalasinha passeando no caminho ora extranhamente me evocava uma ave pendurada na vitrine d'um gallinheiro, uma ave cujas azas se quebram em angulo brusco, rosadas e grandes. Ella pozera um collar de perólas vermelhas, de tres fios, como as ricas camponezas.

Aconteceu que tendo assim caminhado algum tempo ella se assentou sobre um talude verde ao lado dos jardinsinhos plantados de couves, de alhos e de cebolas. E agora fazia-me frente, com os seus pés cruzados sob a orla do seu avental azul, com o recorte do seu veo rosa sobre os fundos lambrequinizados das empenas que, do lado do Occidente, se tingiam de clarões cõr de

pescoço de pombo. Esbocei um lindo pastel; de repente a claridade attenuou-se; nós não tinhamos dicto nada nem um nem outro.

No dia seguinte, fui com ella para os lados do mar. Grandes nuvens d'algodão em rama, rapidas e molles corriam levadas pelo vento n'um azul lavado, salino, brilhante como crystaes de soda. Por vezes o mar, n'um grande espaço, fazia-se cõr de violeta, escamoso de vagasinhas curtas como as quebras d'um estofo. E Kaatje, n'esse dia, poisando a sua meia sobre a herva, perto das suas grossas saias entufadas, contemplava os grandes paquetes e as pequenas vélas cõr d'assafrão que passavam ao largo. E nada me dizia. Fui eu que lhe fallei; ella tinha por momentos um riso que eu não tinha ouvido ainda em nenhuma outra rapariga, um riso que se assemelhava um pouco ao kan kan kan d'um pequeno ganso. Gaivotas soltando guinchos agudos giravam; outras aves aquaticas passavam sobre o grande paiz tranquillo, banhado d'um calor d'agosto.

Accendi um cachimbo, e olhando com um só olho á maneira dos pintores, disse-lhe:

— Kaatje, não tem um namorado que navegue lá em baixo, no mar?

— Nee hoor (não por certo), respondeu dirigindo d'esta vez os olhares para os velhos tectos de Veere.

Vi aquelle olhar e perguntei-lhe se não seria porventura lá que ella tinha um namorado. E ainda uma vez ella se poz a rir sacudindo a cabeça.

— Nee hoor! replicou.

Não ella não era nada expansiva esta Kaatje...

Ja hoor. Nee hoor... Todavia porque razão, debaixo do veo cor de rosa que occultava os seus seios pequeninos, não teria ella uma alma como as outras?

— Diz-me, Kaatje, se elle não vive lá nem aqui onde está então o namorado que tem o direito de comprimir docemente a tua mão?

Ella encolheu os hombros e disse-me um pouco fatigada, sem tristeza.

— Ninguém ainda fez isso a Kaatje.

E depois poz-se a cantar uma exquisita canção nada alegre em que um marinheiro esquecia uma rapariga como ella para seguir as raparigas de cabellos verdes no fundo do mar, e sempre, com os seus olhos tão pallidamente azues que se assemelhavam a duas gottas d'agua sobre o azul-mar d'uma folha de cardo fitava ao longe as vagas ligeiras. Esta tarde não perguntei mais nada a Kaatje: ella parecia ter-se feito um pouco arisca

Com o tempo tomou confiança. Ia commigo do lado das muralhas, perto do velho moinho: Disfructava-se d'ahi uma bella vista sobre a marinha e as barcas dos pescadores de Arnemuyden. A enorme torre da igreja ganhava tons de prata e d'oiro por cima dos (*pignons?*) rosa chá e lagosta, na doçua do sol. Descobria-se tambem a Torre-da-Passagem-para-Camperland, perto dos madeiros da pequena estacada. E Kaatje, juncto a mim, era como uma doce coisa da vida que não me perguntava nunca se era tempo de me deixar para entrar em casa, uma tão amavel coisa sob as suas placas de metal e o seu bonnet branco que eu então já a chamava amigavelmente,

— Lieve dingske (querida coisinha).

Ella gostava tambem que eu lhe dissesse.

— Lief sniutje.

Que significa cara linda.

Disia isto por brincadeira mas começava a haver entre nós a nuança d'uma camaradagem um tanto intima. Ella ia fazer vinte annos. Sua tia (a velha com quem vivia) possuira outrora um papagaio que seu filho, o grumete, lhe trouxera de San-Francisco. Ella disia simplesmente, Ciseo. Elle tornara a partir e nunca mais voltara. Lá em casa havia tambem um pote para



tabaco em velho delft que representava um gato zangado. E essas pequeninas historias interessavam-me como humildes coisas de existencia que eu não conhecia ainda. Ao contal-as ella tinha o ar d'uma collegial vinda a férias ou d'uma jovem beguina fallando dos seus pequeninos Jesus rosados como confeitos.

Todavia, algumas vezes eu sentia praser em tocar, com um dedo, a carne avermelhada dos seus braços. Era dura, ligeiramente assetinada e tão fresca, d'um frescor de pelle humida á sombra.

O meu dedo, enterrando-se, fazia em volta um pequeno disco branco.

— Isso, não, decerto. Nee hoor! disia ella rindo.

E não retirava o braço quando eu recomçava. Meu Deus! sim, aquelle que um dia tomasse nos seus braços, o seu corpo fresco que cheirava ao sal do mar, esse certamente não seria para lamentar. Ora uma vez, apontando-lhe com a mão a circunferencia das suas saias perguntei-lhe quantas trazia. Nunca a vi tão confusa, o seu rosto inflamou-se como as casas de Veere quando, da duna, se veem ao pôr-do-sol. Um fogosinho de colera, creio que era colera, passou sob o alto arco da sua sobranceira. Tinha-lhe feito esta pergunta muito innocentemente. E de repente, com uma singular dignidade, ella respondeu-me.

— Trago oito!

Oito saias Kaatje! E uma vez ainda eu pensei no bello moço de fato de velludo, com placas d'aço á cintura, que viria um dia e as faria carhi todas as oito, uma após a outra, como se desenfexa uma creancinha,

Nem todos os dias estava disposto a trabalhar. Deixava então que os lapis repousassem na caixa mas apesar d'isso ella acompanhava-me sempre como se, não pousando fizesse ainda uma coisa que tivesse sido combinada entre nós. Eu contemplava então por tempo esquecido a gotta d'agua azul dos seus olhos. Eram como duas manchas claras e perladas com uma ligeira barra cinzenta ao fundo. E em seguida, voltando-me para o mar, julgava vel-os ainda, esses olhos pallidos e claros, multiplicar-se infinitamente e correr sob as pequeninas vagas. Nunca soube o que havia nos olhos de Kaatje.

*Ia hoor... Nee hoor...* Agora dizia-me que se deitava ás nove horas, que outrora ia com cabazes de legumes vender ao mercado de Midelbourg, que sua tia não cessava de esfregar o lagedo, de polir os cobres, de passar á esponja as vidraças. E bruscamente parava a fallar, lançava-me um olhar de lado e depois fitava o mar. O Kaatje! Kaatje! era bem o vasto mar e todas as pequenas embarcações do mar que havia no fundo dos teus olhos — e toda as pequenas embarcações do mar!

Succedia então que durante horas ella conservava-se assim, tendo cerrada a sua linda bocca de labios arregaçados como uma rapariga de Veere que tivesse o seu segredo e não o quizesse diser. O que é que no seu grande silencio interior poderia ella pensar de mim? E mesmo pensava ella acaso em alguma coisa essa Kaatje que tão gentilmente ria mal que eu a chamava « Lief sniutje » ou Lieve dingske »?

Quando iamos junctos sobre o caes, os pescadores de Arne-muyden olhavam-nos com physionomia severa ou então escaarravam na agua por cima dos muros. Nós não ousavamos já appoiar os nossos cotovellos nas pedras da Torre-de-Passagem-para-Camperland e de lá ver os barcos abater as vélas e tranquillamente

atravessar o canal. Um dia a velha tinha de novo estendido o seu braço de buxo e gritado um mandamento de Deus a proposito da coisa innocente que nós fásiamos escutando ambos o marulho da agua contra a pedra.

O barqueiro por vezes adiantava-se sobre o lumiar da porta e via-se, da outra margem, o signal se Camperland não fazia içar o cesto na extremidade da longa vara. Bom! eis a alcofa. Então desamarrava o barco, içava a vella, mettia a proa sobre a linha triqueira que lá em baixo fechava o grande declive glauco.

A velha quilha dançava, rasava, bordejava. Mas havia agora outras raparigas com bonnets brancos e collares de coral como Kaatje que vinham espreitar-nos á Torre, Com as boccas contraídas ellas abalavam em seguida com seus passos lentos seus passos miudos sob as saias como o dançar d'um badalo no concavo d'um sino. Kaatje, com os seus bellos braços cõr de pecego maduro, não parecia occupar-se d'ellas.

Ella vinha á tarde á duna, perto do mer e assentava-se juncto a mim com as suas grossas saias que lhe cahiam sobre a ponta dos pés. O crepusculo malva e cinza deslisava os (*pignons?*) e as grandes boias pintadas a zarcão do caes; o cordeame e as vélas dos barcos no porto faziam-se cõr de vinho, purpureavam-se brilhavam escarlates. Um clarão vivo illuminava as aguas cõr de violetta da Torre-de-Passagem-para-Camperland.

E do campanario escorria a musica do carrilhão, um vago rumor de mar, que pairava nas nuvens e ondulava por cima de nós como a velha canção dos berços. Era tão doce, tão triste, esta musica vinda da cidade, um soluço, a palpitação lassa d'um coração, inutilidade de esperar sempre.

E que mais ainda? Era como se, muito tempo depois, eu voltasse ali e que alguém me dissesse: « Esse Kaatje tão linda levaram-n'a agora para o cemiterio; mas, tambem, ella era já um pouco velha. »

Todavia Kaatje não estava morta: os seus olhos eram sempre duas manchas claras na sombra e ella parecia esperar. Não sei o que ella podia esperar. E eu pensava: « É o sal do mar que lhe faz a todas esses bellos olhos limpidos como lamparinas transparentes; como as pequenas ondas azues sob as quaes rôla a alma dos marinheiros naufragados. »

A final de tudo eu era bem tolo em prestar tanta attenção a uma rapariga tão pobre. Talvez muitos outros antes de mim tivessem vindo assentar-se perto d'ella na duna. Talvez muitos outros viriam ainda que, por sua vez, quando soasse o carrilhão olhariam o fundo d'esse coração silencioso de creança e não o comprehenderiam. Quem pôde conhecer algum dia o coração das lindas raparigas de Veere?

Uma tarde eu disse a Kaatje:

— Eis ahi pequena coisa de vida que eu vou partir. Pensarei muitas vezes em ti.

O seu véo rosa agitou-se docemente, não disse nada mas olhou-me por muito tempo com os seus olhos cor de flor do cardo. E depois olhou o mar. Desde então nunca mais voltei a Veere.

Kaatje! Exquisita Kaatje! Continuas a ir lá baixo á duna, á hora do crepusculo em que o sino chora? E aquelle que tu devias amar, partiu tambem?

CAMILLE LEMONNIER.

REMEDIO EFFICAZ CONTRA A CALVICE



— Oh! de casa.

— Lá está un freguez.

— E garanto o resultado.

# VOU SER PAE!

Monologo em Verso

A scena representa uma rua. O actor entra apressado.

*Vou ser pae! Vou ser pae! Oh! que ventura a minha!  
Acabo de chamar a parteira. São tres  
Da madrugada. Espéro-a aqui. Pobre Joanninha!  
Coragem, meu amor, chegou a tua vez!  
Vaes ser pae... Vou ser mãt...*

*(Dando peo engano)*

*É o contrario. Oh! ventura!*

*Vae do prelo sahir minha obra primeira.  
Vou dar á luz, em pouco... uma litteratura...  
Melhor que a nacional, mais bella que a estrangeira...  
Sou autor; entretanto, a cousa é singular,  
Não sei que especie d'obra é a minha : é poesia?  
E' romance? é tratado? E' a arte de amar?  
Ou manual de cosinha? Obra de fancaria  
Ou obra d'arte? E' boa! Eu sei que sou autor  
Mas que fôrma dei eu ao meu pobre trabalho?  
Não sei; apenas sei que é uma obra de amor.  
Mais que o publico estou curioso por lel-a,  
Para saber, emfim, como autor o que valho.*

*(Consulta o relógio).*

*E a parteira não vem! Vou novamente vel-a...  
Não, não pode tardar... Disse que vinha já...  
Pae inedito sou, mas breve, meu talento  
Vae o mundo pasmar... Pae nenhum houve, ou ha,  
Capaz de me egualar. Minha obra é um portento.  
E' menino ou menina? Ecco il problema! Embora!  
Se é menina é um primor de graça e formosura...  
Suave como um lyrio e rosea como a aurora...  
Tem dos jasmíns o aroma e do leite a brancura...  
Os olhos, oh! são de oiro, os dentes...*

*(Detendo-se e rindo)*

*Que loucura!*

*O meu enthusiasmo até dentes lhe deu!  
Se fôr rapaz será forte, elegante, airoso,  
Terá musculos d'aço e coração de cera.  
Mais que o Principe Azul será nobre e formoso,  
E ha de cantar-lhe n'alma a eterna primavera!*

*(Com ternura.)*

*Minha filha!*

*(Outro tom)*

*Ou meu filho... E' o diabo esta incerteza.*

*Rapaz ou rapariga, hei de amal-o, pore, m,  
Com amor sem egual em toda a Natureza.  
Papá! Que, lindo som que esta palavra tem!  
Caramba! que barão, commendador, Alteza,  
Conselheiro, ministro ou vizir ou pachá  
Vale por este ideal dissyllabo-papá! ?  
Que mundo nelle vae! Quanto bem, quanto affago!  
Quanto pipillo d'ave e perfume de flôr...  
Ouvindo-o, acorda em mim um sentimento vago...  
Ignoto, original... que é muito mais que amor!*

*Como que isso de ser papá melhora a gente!  
Dá-nos um santo orgulho, uma doce alegria,  
E a força de lutar, serena, altivamente,  
Pela vida. Eu, por mim, confesso : dia a dia,  
Depois que sou papae... em perspectiva, sinto  
Tudo isso que expliquei, crescer-me dentro d'alma!  
Procuro melhorar... Não praguejo, não minto,  
E sinto-me invadir de uma coragem calma...  
Tudo para educar o meu filho... futuro,  
A fim de lhe não dar máus exemplos... percebem?  
Ah! as crianças são aquillo que os paes querem.  
Suas almas de cera as impressões recebem  
Dos exemplos e são como os paes as fizerem.  
E a parteira a tardar! Mandou-me que a esperasse,  
Na rua e cá não vem. Quatro horas! Oh! meus Deus!  
Quem sabe se não é já tarde? Se a chamasse  
De novo?... Vejo luz na janella : não tarda.  
Vão se realizar todos os sonhos meus!  
Se fôr homem, porém, que profissão terá?  
Dar-lhe-ei tóga, batina, avental, béca ou farda?  
Será padre, doutor, soldado? Que será?  
Isso me preoccupa horriavelmente... é serio.  
Já me impede o dormir. Que farei de meu filho?  
Como desvendarei do Destino o mysterio?  
Será um sabio, um poeta, um genio ou um peralvilho?  
Deverá casar cedo ou tarde, como o pae?  
E' preciso evitar-lhe os vicios elegantes,  
E o abysmo do Prazer que os rapazes attrae.  
E se não me attender, serei severo, ai! ai!  
P'ra impedir que se junte aos vagos e tratantes.  
Mas se elle fôr mulher? Se meu filho fôr filha?  
Se fôr filha é educal-a e casal-a. Com quem?  
A quem dar tão mimosa e rara maravilha?  
Quem p'ra genro escolher? Oh! eu exijo alguém  
Capaz de lhe dar toda a humana f'licidade!  
Negociante ou doutor, banqueiro ou militar?  
Esta incerteza atroz meu espirito invade  
De tristes apprehensões. Com quem ha de casar?  
E a parteira sem vir! Pode ser que não venha!...  
E talvez que a Joanninha a esta hora já me tenha  
Feito pae de uma filha ou de um filho, ou de dois!  
Meu pobre coração quasi do peito salta,*

*(Reparando para fóra)*

*— Como um passaro que foge e voando vae! —  
Eis a parteira, emfim, que alli vem... Eia, pois!  
Coragem, Felisberto! Agora, pouco falta  
Para seres feliz...*

*Vou ser pae! Vou ser pae!...*

*(Sae correndo.)*

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio de Janeiro, 25-6-93



## INDICAÇÕES

**S**i Patria é o conjunto de elementos sociaes distinctos vivendo sob o mesmo solo, ligados pelo mesmo governo independente, tendo tradições de solidariedade ininterrupta e concorrendo para o mesmo porvir, sob o peso das necessidades creadas por um passado commum, — não faltam, por certo, ao Brazil os característicos essenciaes de uma verdadeira Patria.

Effectivamente, esse vastissimo territorio, que tão assignalado lugar occupa no continente sul-americano, é a sede da nacionalidade de estrutura mais igual ou uniforme que o mundo conhece. Não temos o designio de coordenar aqui as rasões fundamentaes da proposição que deixamos enunciada, nem tão pouco julgamos indispensavel fazel-o, porquanto ella nada mais é que a formulação de uma verdade que emerge, irrefutavel e imponente, do seio de nossa historia. Em seu apoio encontram-se documentos demonstrativos desde as remotas epochas da phase colonial, como ainda, do exame esclarecido de todo o nosso passado, resalta edificante exemplo da superioridade das influencias sociologicas, sobre outras de diversas naturezas, na forma ão da unidade de um povo.

E' assim que, apesar das variadas condições cosmologicas que distinguem as regiões que se succedem do norte ao sul do Brazil, mas com o concurso do triplice factor originario de sua constituição, — o preto, o amarello e o branco —, a nacionalidade brasileira se tem mantido e continuará a manter-se á altura de seus alevantados destinos, subordinada sempre ao influxo benefico d'esse alvedrio intelligente com que, sem discrepancias, nem preconceitos geographicos, todas as populações ali se alinham para a defeza das conquistas já feitas ou para o serviço da civilização humana. Pernambuco ou Paulista, Bahiano ou Mineiro, Paraense ou Rio grandense, o habitante do Brazil tem acima de tudo o culto da unidade nacional. E essa é inquebravel. E a ella se submettem, ou em torno d'ella gravitam todas as evoluções progressistas que la se realisam.

E' assim que, apesar das variadas condições cosmologicas que distinguem as regiões que se succedem do norte ao sul do Brazil, mas com o concurso do triplice factor originario de sua constituição, — o preto, o amarello e o branco —, a nacionalidade brasileira se tem mantido e continuará a manter-se á altura de seus alevantados destinos, subordinada sempre ao influxo benefico d'esse alvedrio intelligente com que, sem discrepancias, nem preconceitos geographicos, todas as populações ali se alinham para a defeza das conquistas já feitas ou para o serviço da civilização humana. Pernambuco ou Paulista, Bahiano ou Mineiro, Paraense ou Rio grandense, o habitante do Brazil tem acima de tudo o culto da unidade nacional. E essa é inquebravel. E a ella se submettem, ou em torno d'ella gravitam todas as evoluções progressistas que la se realisam.

destinos, subordinada sempre ao influxo benefico d'esse alvedrio intelligente com que, sem discrepancias, nem preconceitos geographicos, todas as populações ali se alinham para a defeza das conquistas já feitas ou para o serviço da civilização humana. Pernambuco ou Paulista, Bahiano ou Mineiro, Paraense ou Rio grandense, o habitante do Brazil tem acima de tudo o culto da unidade nacional. E essa é inquebravel. E a ella se submettem, ou em torno d'ella gravitam todas as evoluções progressistas que la se realisam.

Entretanto differenças de costumes se observam entre os filhos do grande paiz, as quaes decorrem, fatalmente, das industrias peculiares ás regiões particulares por elles apropriadas ou exploradas.

No Rio-Grande, do Sul, por ex., dotado de alongadas campinas abundantes em nativas pastagens succulentas, prepondera a industria pastoril extensiva, que tão visivel influencia exerce nos habitos de resolução impulsiva, que com rasão, até certo grão, se attribuem ao povo rio grandense.

E' ali que se cria o *gaucho*, cuja agilidade no manejo do seu ginete corre parelhas, quando não a excede, com a do seu visinho, habitante das regiões platinas.

E' ali que se encontram em cada cidadão, ao lado das provas da energia indomavel, as manifestações cavalheirescas do adoravel desprendimento altruistico, que é o cunho primacial de seu sentir.

E' especialmente a parte do territorio rio grandense que mais se approxima da fronteira uruguaya ou argentina, aquella em que mais accentuadamente a industria pastoril é, para assim dizer, exclusiva.

Ha, comtudo, no interior do Estado, outras zonas em que as *estancias* se multiplicam igualmente, sendo a *creação*, como na fronteira, a base principal da vida local, commercial e economica. Caçapava Comaquan, S. Se-

pé, etc, são d'isso o testemunho. Mesmo nas chamadas circumscrições coloniaes, em que o elemento de origem allemã e italiana é assaz numeroso, a industria pastoril guarda relevante posição entre as forças productoras d'essas progressivas regiões. E' pois, póde-se assim dizer, praticada em todo o Estado, ainda que em grãos diversos, a mesma vida laboriosa e cheia de encantos, á que com profundo anhelos aspira voltar o rio grandense ou o *guasca* d'ella ausente.

Descrevel-a em todos os seus detalhes, é tarefa que ultrapassa



Estancia do Rincão, propriedade do distincto brasileiro o Sr. Simão Porciuncula.



Estrebarias de animais de raça na Estancia do Rincão.

nossos intuitos na occasião. Medimol-os, ao contrario, pela aspiração modesta de alludir apenas a algumas das scenas mais frequentes daquella operosa existencia.

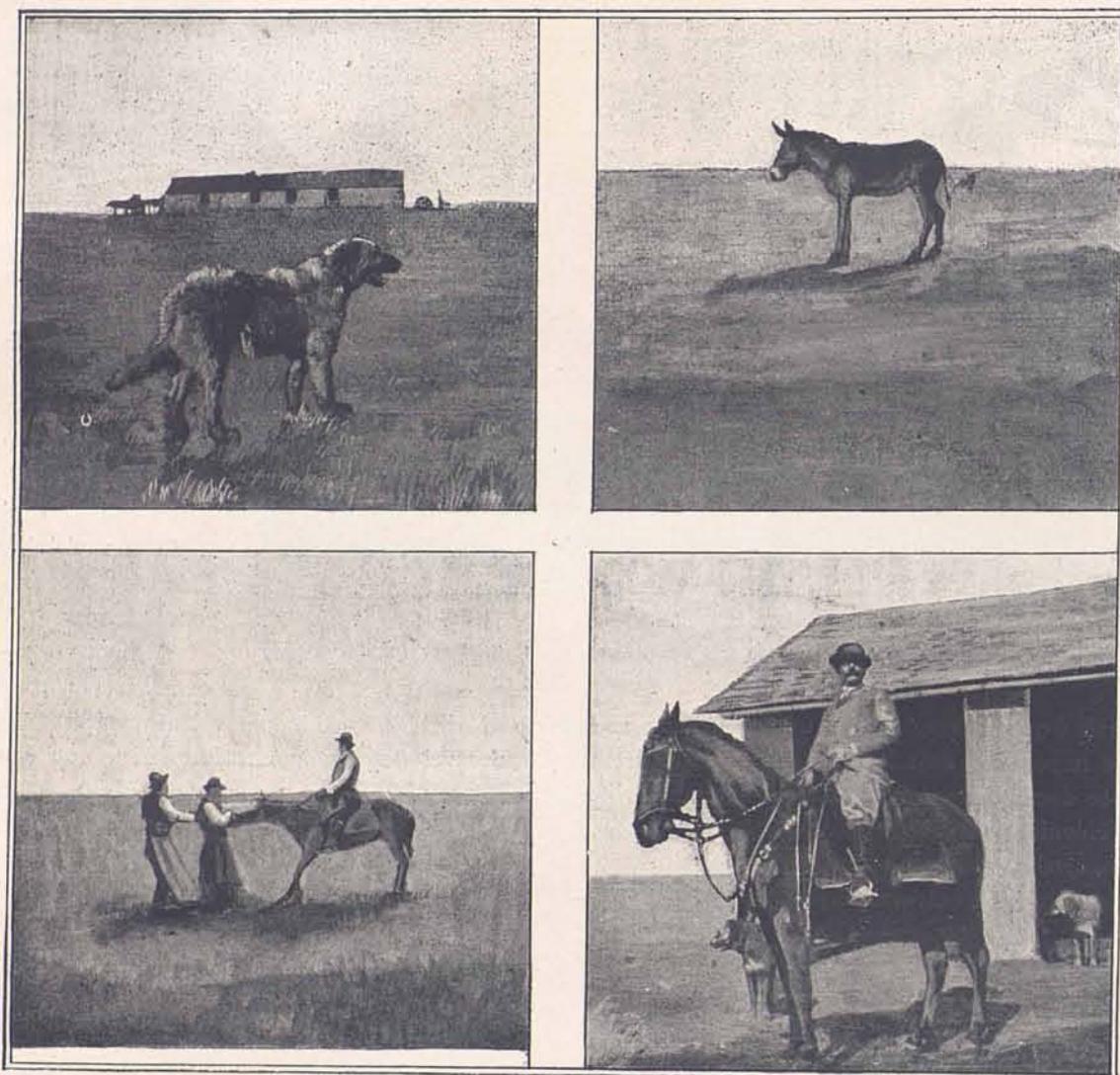
As *estancias*, no futuroso Estado são propriedades ruraes, cuja importancia depende, é obvio, de suas respectivas extensões territoriaes e das proporções de sua producção. Quando pequenas, attingem, pouco mais ou menos, a quatro ou cinco mil hectares, povoados com quatro a seis mil cabeças de gado vaccum, cavallar e lanijero, nos bons campos. Quando grandes, ellas têm, pelo menos, area superior a duas leguas quadradas, não sendo, na actualidade, muito commum o exemplo de uma *estancia* com area supe-

ou conhecidos nos *serviços* da estancia. O proprietario da estancia tem, em geral, entre os empregados ou *peões*, um que os dirige ou os commanda, — o *capataz* — que lhe cumpre as ordens e o substitue nos trabalhos consuetudinarios que não lhe reclamam a inspecção constante, pessoalmente exercida.

A *peonada*, avisada pelo capataz, se prepara de vespera e, de ordinario na mesma occasião, d'elle recebe as instrucções para a *paração* do rodeio. A cada um dos *campeiros* são disignadas as divisas que deverá percorrer e das quaes virá *tocando*, para o centro do perimetro ou do *circulo do rodeio*, todos os animaes que fôr encontrando. Quando os campeiros bem desempenham suas respectivas

tarefas, chegam ao *paradouro*, quasi que a um só tempo, grandes *pontas* de gado e o rodeio é *cerrado* em boa regra, verificando-se então uma bellissima scena de ordem e movimento.

Si o rodeio é de simples *custeio* são desde logo distribuidos os *atacadores* que circulam em torno do rebanho, — raramente menos de 500 cabeças, muitas outras mais de 1000 —, que assim demora reunido e *sujeito* durante um lapso de tempo, que pode variar, porem que é sempre tão longo quanto é necessario, para que a administração possa com attenção se dar conta exacta do *estado* dos gados que ahi se encontram. Quando, porem, o rodeio é parado, para um dos trabalhos especiaes já alludidos, logo que é elle *cerrado*, *encosta-se* a cavallada para o *mudadouro*, em geral, — um circulo formado pelos campeiros apeados —, e os cavallos que serviram na paração são trocados por outros de *refresco*. Feita a *muda* e constituídos pelo capataz os *ternos* de *apartadores*, esses ternos começam a trabalhar simulta-



Paisagens e aspectos das Estancias.

1, Cão de Guarda. — 2, Jumento dos Pyrenéos. — 3, A domação. — 4, Um proprietario de estancia.

rior a seis leguas quadradas. As repetidas divisões as subdivisões, das grandes *estancias* de outros tempos, produsidas pela partilha das heranças ou pelas compras em retalho, têm feito o Rio Grande enveredar para o regimem da pequena propriedade territorial, verificando-se ali o phenomeno consolador de que o camponeo, em geral, gosa de um bem estar cheio de conforto, sem possuir grandes riquezas.

Pequenas ou grandes, nas estancias ha trabalhos methodicamente executados e periodicamente repetidos, como sejam : a *marcação* a *cação*, a *factura das tropas* de gados gordos ou de *côrte*, de gados de *invernar*, etc.

Cada um dos trabalhos citados é forçosamente precedido do que se chama *paração* do *rodeio*, operação que consiste em reunir em um ponto certo todos os gados que demoram ou *pastam* dentro de um perimetro determinado pelas *divisas* do respectivo *rodeio*, ou, por outra, pelas linhas que separam essa circumscripção de outras idênticas e idênticamente [descriminados

neamente, mas cada um *apartando* em separado, isto é, cada um condusindo, a passo e sem estrepito a *rez* a *apartar* desde o interior do *rodeio* até á *beira*, d'onde a gritos adequados e a *cargas* combinadas os campeiros obrigam-n'a a afastar-se do grande rebanho e dirigem-n'a, muitas vezes a toda brida, para o *sinuelo*, *ponta* de gado manso que previamente fôra posta, guardada por *atacadores*, á distancia de poucas centenas de metros do *rodeio*, formando o nucleo inicial do *aparte*. Quando este é terminado, converge toda a *gente* para a operação do *alevramento* do *aparte* — a *tropa* feita — que vai ser conduzida á *encerra* proxima, seja a situada no estabelecimento principal da estancia, seja outra qualquer de que esteja provido o *pósto* menos distante.

Pôr a *tropa em marcha* é um facto dos mais interessantes, que exige ao capataz forte concurso de todas as aptidões necessarias a quem commanda, como aos campeiros voluntariosa obediencia á voz directora de seu chefe. N'esse momento, a *tropa* bravia e *arisca*, ao sentir-se apertada pelo circulo de cavalleiros, que a impellem

a seguir na direcção que lhe vão marcando os *guias* collocados á frente de toda a massa em movimento, relucta em obedecer, investindo violentamente e sem cohesão sobre as paredes do animado circuito, que cada campeiro timbra em não deixar romper-se no sentido do raio correspondente á posição que lhe está confiada.

No trajecto, do rodeio até á encerra, os mesmos arrancos d'esse primeiro instante se vão reproduzindo, perdendo, é certo, gradualmente de sua intensidade, para retomal-a, porem, em todo o seu maior gráo, ao attingir-se á *porteira* ou entrada do *curral*, da *mangueira* ou da *encerra* — um contorno fechado por muros de pedra ou de madeira. Já a uma regular distancia da mangueira, tudo e todos os cavalleiros se vêm predispondo para esse novo combate em que se exercitam o golpe de vista prompto, a independencia de movimentos e o concurso das vontades em acção. A tropa, *assustada* deante da rudimentar construção, se obstina em não querer ir occupal-a. Com impetuosidades em igual recua, contrahe-se, gira, agita-se em sentidos descontraídos, atira-se, possante, sobre as mordaças barreiras, que lhe oppoem os cavalleiros, buscando fazer um *rombo*, por onde se possa escapar.

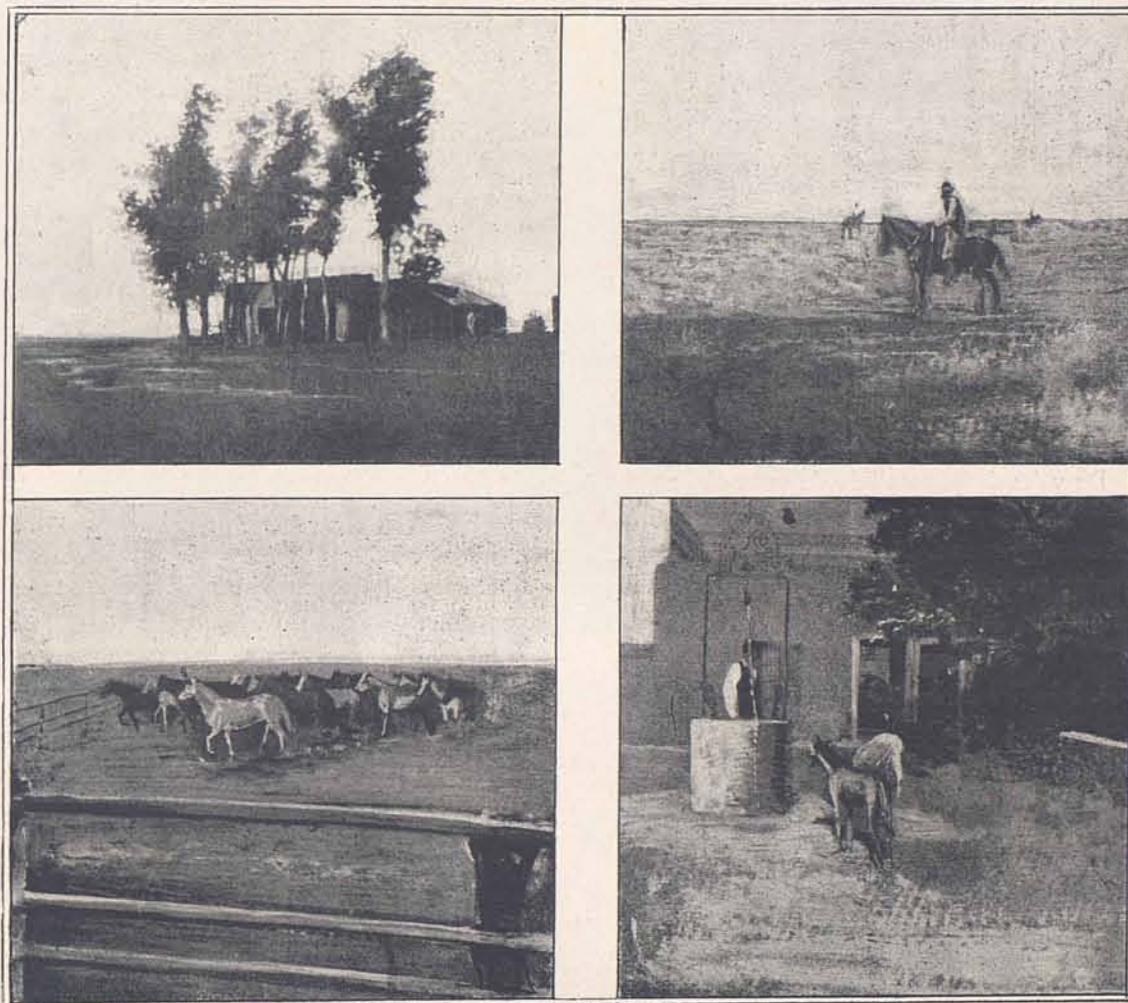
Não raramente ella é dominada em seus impulsos e a encerra se executa sem transornos ou contratempos, experimentando os que a executam o orgulhoso gaudio do successo ou da victoria. Mas muitas vezes a tropa *refuga* e se despedaça, obrigando-os ao alvitre de deixarem correr em diversos rumos, desordenadamente, — *campo fóra*, — *mangueando*, é certo, ou *de longe* encaminhando, para um ponto qualquer que as circunstancias do incidente determinem, afim de *reincorporal-as*, aos multiplos *pontos* em que acaso a tropa se partira.

Após essa *reincorporação*, dá-se á tropa algum tempo de repouso, e ao recommençar-se o trabalho da encerra, redobra-se de esforços, porque já então trata-se de gado que *refugou*, *emperrado* ou *manheiro*. Bem poucas vezes uma encerra se termina sem que os campeiros tenham recorrido ao uso do *laço*, para traserem até á mangueira, tirados á *cincha* de cavallo, as rezes mais rebeldes ou teimosas.

Fechada que é a *porteira*, segue-se um momento de lazer, que é aproveitado para tomar-se uma refeição simples e substanciosa, em que o *xurrasco*, — carne assada sobre a braza, — tem o principal logar, e o *ximarrão*, — infusão quente de herba *matte* servida em *cuiá* e *bomba*, — é saboreado, servindo, de condimento ás alegres narrativas, que, á porfia, fazem da jornada os alviçareiros convivas, a quem as rudes exigencias do serviço não permittiram, desde o amanhecer até aquella hora um só instante de *prosa* ou de conversa.

Volta-se, logo após a trabalhar de novo o gado, que é então sujeito á marcação, capação, ou outras operações, cujos detalhes não nos permite a falta de espaço que aqui as descrevamos, maximo quando preciso é que digamos ainda algo de outras scenas, entre as quaes uma interessantissima na *arte* do campeiro : a da *domação*.

Esse ginete de movimentos celeres e educados que ora monta e lhe é o elemento indispensavel de tantas *proezas*, fóra antes o potro ou o *bagual chucro*, que muitas penas lhe custara para trazer da *querencia* até o curral, onde lhe puzera, não sem lucta, o *boçal* e o *cabresto*, o *bocal* e a *redea*, a *carona* e o *lombilho*, a *cincha*, fortemente apertada, ao meio da barriga, para dar-lhe o *primeiro galope*, ou montal-o pela primeira vez. N'esse pri-



Paisagens e aspectos das Estancias.

1. Um posto na campanha. — 2. Um capataz. — 3. Uma manada de cavallos no rodeio. — 4. Um pateo.

meiro galope, como nos outros, que, duas vezes por dia, se lhe seguem até o findar a primeira *sova*, ao lado do domador se encontra sempre o *amadrinhador*, que tantas vezes evita que o *animal*, ainda *sem governo*, enverede *disparando* e *corcoveando* por caminhos invios e perigosos. Redomão da segunda *sova* o bagual já mais domesticado vem pelo cabresto, sem grande custo, até o *galpão*, e pouco a pouco se habitua á estrebaria ou á cavallariça destinada exclusivamente aos cavallos de *estimação*.

Oxalá que esta succinta descripção despretençiosa de tão poucos factos do operoso labutar do campeiro, pudesse dar uma idea vaga do scenario variadissimo de que se compõe o activo tirocinio do gymnasta sul-rio-grandense. Tão incompleta é ella, que não nos é dado nutrir tal esperanza.

Muitas de suas innumeradas omissões encontram explicação razoavel na propria natureza de uma resenha feita ao correr da penna, sem tempo, nem espaço para se lhe dar maior desenvolvimento. Entretanto seria de todo imperdoavel que a terminassemos sem fazer perfunctoria referencia aos costumes do estancieiro, incompa-

ravelmente hospitaleiro no seu lar, como invariavelmente acessível ás conquistas progressivas da sociedade na esfera do saber que civilisa e afina os sentimentos.

sente-se, ahi, enlevado pelas doçuras de um captiveiro feito de gentilezas tão cordeas, que jamais lhe é possível olvidal-as. Quando se retira, do recanto feliz *leva* coração cortado de saudades.....

Leva tambem no espirito a impressão indelevel produzida pelo passageiro convivio, que indefinidamente quisera prolongar, si suas obrigatorias marchas não o impedissem de ahi ficar sempre ouvindo as harmonias do canto e da boa musica, que não faltam, ou entretendo-se com interlocutores familiarisados com os assumptos mais correntes entre as classes superiormente instruidas.

Uma das nossas gravuras representa a um tempo um bello specimen do typo rio grandense e a expressiva postura de um *guasco*

illustre montando seu *zaino negro* ricamente ajaezado.

Esse abastado e bem conhecido *estancieiro*, é a exemplificativa prova de que conciliar se podem plenamente as energias masculas do campeiro agil com a educação aprimorada de um verdadeiro gentleman.

GUASCA.

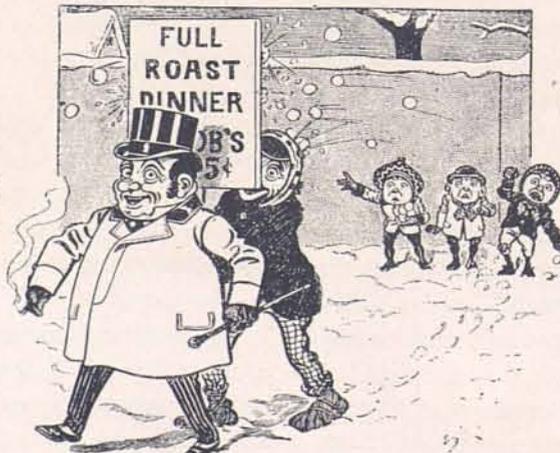
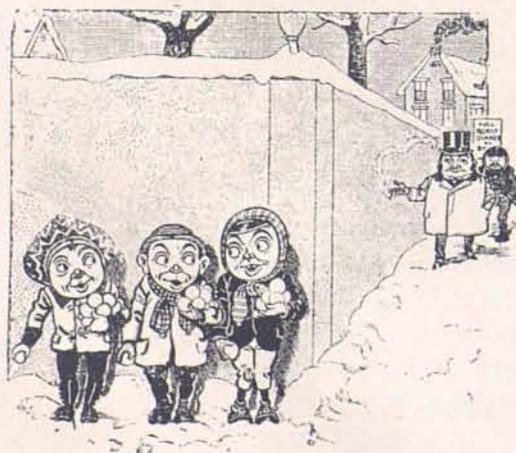


Apartamento de um rodeio na campanha.

De volta da penosa lida de cada dia, ao conchego da familia extremosa e boa, entre as caricias da esposa devotada e as ternas travessuras dos filhinhos, bem depressa *lá se vai* o cansaço physico, promptamente reparavel ao influxo d'esse meio sadio e confortavel. O viandante que a fortuna conduziu a uma d'essas moradas,



BRINCADEIRAS DE INVERNO



Um engenhoso guarda costas.

Do "Puck".



## Leão XIII e o Vaticano

Nos primeiros dias de março uma dolorosa noticia alarmou a sociedade christan. O papa Leão XIII estava gravemente enfermo. Alguns telegramas mais sensacionaes e pessimistas affirmavam até que o Santo Padre agonisava. A verdade porem não attingia, felizmente, a exagerada apreciação dos jornaes e como os leitores sabem, Leão XIII depressa se restabeleceu da enfermidade que resultara de um kisto já antigo subitamente enflamado e que exigira uma operação radical.

Durante o abalo de tão preciosa saude a atenção universal de novo se derigiu ao Vaticano e todos os jornaes rivalisaram em detalhes sobre a vida do Santo Padre, e do sumptuoso palacio em que habita.

Os nossos leitores desejarão de certo que resumindo o que de melhor e mais curioso se publicou a este respeito nós, seguindo a impulsão geral, lhe fallemos hoje do Papa e da Côrte de Roma, a do Vaticano já se vê. A existencia do chefe supremo da igreja se é proeminente, luxuosa e variada nas suas occupaões sacras e profanas, nem por isso deixa de ser monotonica, d'aquella monotonia que nasce da repetição constante dos mesmos actos, da visão permanente dos mesmos aspectos, da perspectiva immutavel dos mesmo horizontes.

E' que o Papa é, como se sabe, um prisioneiro. Prisioneiro voluntario d'accordo; prisioneiro de uma vasta e maravilhosa prisão. Mas a vontade é a mais poderosa e a mais terrivel das cadeias e ao que parece o captiveiro dourado é o que mais pesa e afflige a alma.

Para protestar contra o Quirinal, o Papa Leão XIII, imitando o seu antecessor, fez do Vaticano o seu reino, de estreitas fronteiras materiaes, mas de vastissima extensão moral; e lá de dentro,

do alto mesmo da escadaria principal, a *Scala Regia*, sua santidade pode, desafiando o olhar curioso e ironico da guarda civil italiana, olhar para Roma, como se de um reino olhasse para outro reino.

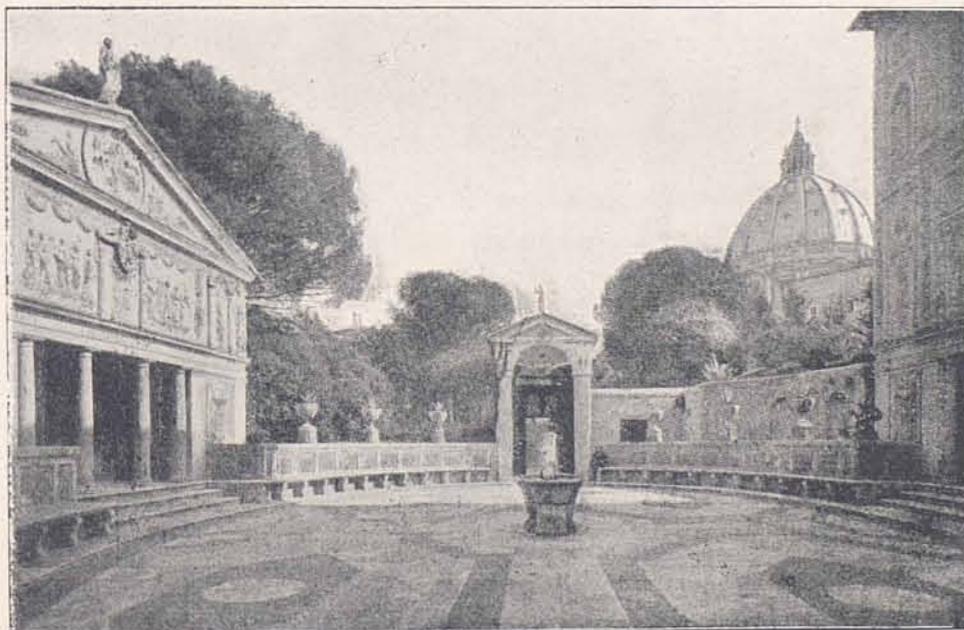
O Vaticano é um territorio neutro, como que uma pequena nação com as suas igrejas, as suas escolas e tribunales o seu exercito e policia. Espiritualmente esta nação é a terra da Christandade e não admira que tão pequenina terra sirva de patria a uma religião que nasceu na mais pequenina e humilde creche de Bethleem. O Papa que é o soberano de mais de 200 milhões de vassallos é o rei d'esta pequena côrte, que a sua dignidade transformou em carcere e onde ha mais de 20 annos vive, na vastidão dourada e severa das grandes salas, na alegria mansa dos vastos jardins, no erudito deleite dos museos e na religiosa magestade da Basilica.



Uma photographia instantanea do Papa nos jardins do Vaticano.

e onde supplicara os primeiros christãos — ali ergeu lado a lado, palacios e galerias, a imponente basilica de S. Pedro e o adoravel

*Casino*, a torre Leonina solitaria medieva e a Bibliotheca de um luxo refinado e elegante; alinhou os jardins; o grande *Giardino Pontificio* subindo pela colina com a verdura espessa dos seus bosques, e o *jardino de la Pigna* plano e arejado com os quinteiros floridos á franceza; fundou e enriqueceu os museus: o Profano, o Sagrado, a Pinacotheca, o gabinete dos Papyrus; rasgou e adornou vastos e esplendidos salões: a sala Real, a sala de audiencias a sala das Columnas, fundou

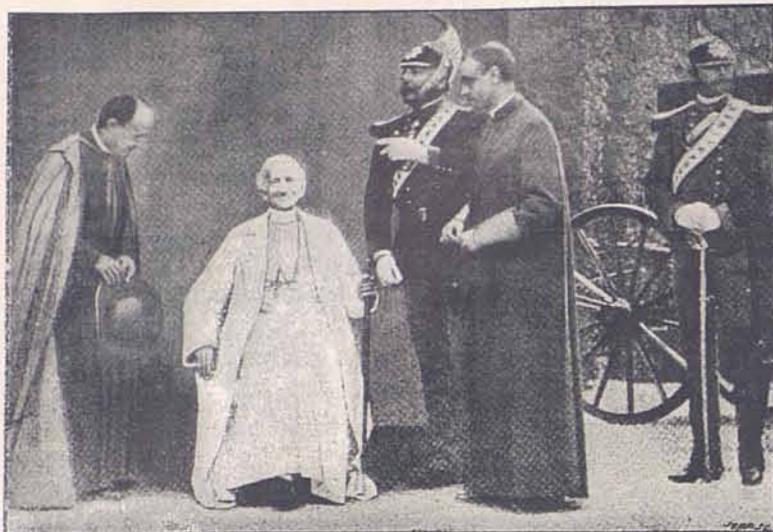


O "CASINO DOS PAPAS"

Admiravel construcção renascença nos jardins do Vaticano.

admiraveis capellas a *Sixtina* e a *Paulina* prodigios immortaes de arte e por todo este collossal labyrintho de maravilhas, nos vinte pateos pelas oito escadas principaes de marmore e oiro, nos trinta salões, nas infindas galerias, nos claustros e nas *logias*, nas cem

capellas e nos treze mil quartos aglomerou uma vasta cõrte vinda de todos os pontos do universo e pertencendo a esta poderosa instituição que é a egreja catholica.



Phot. instantanea de Fredericis.

O Papa descança um momento nos jardins do Vaticano.

Para descrever as coisas preciosas que encerra o Vaticano seria preciso citar todos os nomes que se immortalisaram nos diferentes ramos da actividade humana na era christan.

Os papas, homens em geral de gosto superior, souberam cercar-se dos mais sublimes artistas que a Italia produziu e afóra estes, das obras-primas que toda a Europa creava em honra da egreja. Ora, houve um tempo em que a arte, tributaria da religião, como os proprios reis da terra, só se manifestava por assim dizer em assumptos religiosos e todos os seus prodigios iam como um incenso encher os templos do Senhor.

Que admira pois que o Vaticano esteja repleto de obras primas.

Accrescente-se que a magnanimidade dos soberanos christãos de todos os tempos e de todos os paizes, enviou sempre a Roma magnificos presentes, muitos dos quaes representavam o que de melhor se fazia nos paizes de onde vinham. A Hespanha e Portugal, para não citar senão estes, mandaram ao Vaticano em embaixadas extraordinarias, afóra o oiro e especiarias do oriente, trabalhos unicos de ourivesaria, esculptura em madeira, bordados e tapeçarias, que synthetisavam o desenvolvimento industrial e artistico da epocha e que são hoje preciosas raridades de incalculavel valor.

Tudo pois concorreu para que esta habitação dos santos Padres fosse um paraíso terrestre como devia ser, espiritual e puro, thesouro de belleza e de santidade, para onde os olhos dos catholicos se voltassem como para um grande e esplendoroso astro. Leão XIII

vive no meio d'este tausto a vida simples e frugal que convem ao seu caracter modesto e todo preocupado de distracções espirituas. Quem muito pensa pouco come, diz um dictado, o qual generali-



Phot. Instantanea de Fredericis.

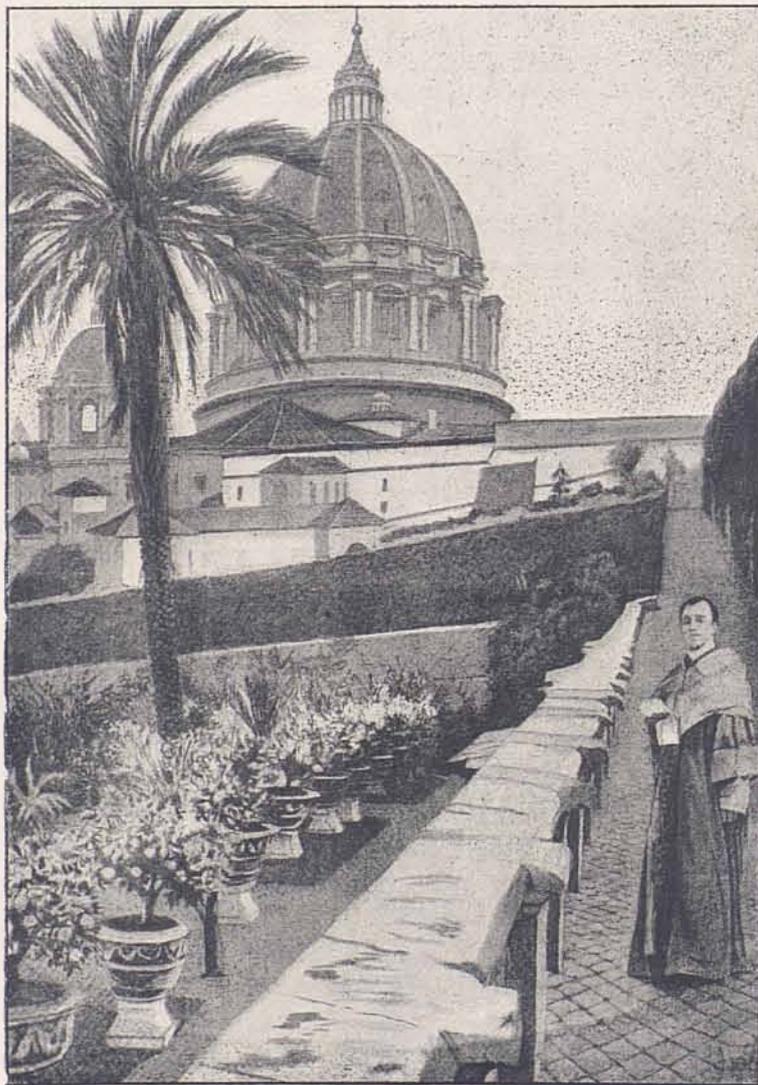
O Papa passeando nos jardins com seu sobrinho e um cardeal.

sado bem se poderia applicar a todas as necessidades materiaes.

O Papa além das suas occupações religiosas que são longas, dos seus affazeres diplomaticos que são absorventes, dos seus cargos de supremo arbitro e juiz que são difficeis, occupa as horas de recreio quer em encyclicas que têm ficado celebres quer em estudos de classicos que d'elle têm feito o maior latinista contemporaneo. O resto do tempo que fica para os passeios e distracções é naturalmente escasso.

— Os dias de Leão XIII — sem fallar dos de grande ceremonial são quasi identicos e podem-se resumir assim :

O Papa levanta-se muito cedo diz uma missa na capella privada que está ao lado do seu quarto e almoça depois frugalmente e rapidamente. Tendo descansado um pouco e revestido as insignias papaes entra na sala de audiencia, onde durante duas ou tres horas, recebe os prelados vindos dos pontos mais diversos do mundo, os cardeaes, os bispos, os missionarios e ouve-os e com elles discute os universaes problemas da egreja romana. Este é o trabalho mais interessante e fatigante das attribuições papaes. Calcula-se quanta diplomacia e observação, quanta sciencia e discernimento são necessarios para dirigir a egreja nas suas relações com os diferentes Estados, nas suas influencias sobre os diversos



Um dos terrassos dos jardins do Vaticano.

meios, na sua orientação por entre o embate das novas sociedades.

A esclarecida intelligencia de Leão XIII tem brilhado, durante os vinte annos de reino, como um estrella de primeira grandeza,

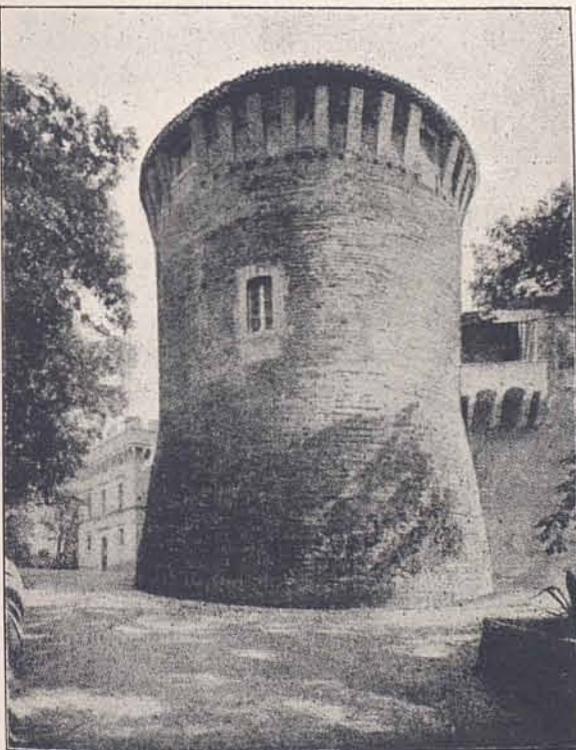
e todos os diplomatas que a têm admirado são unânimes em reconhecer a pureza e extraordinária fixidez de seu brilho.

Quando está bom tempo não é raro que depois do meio-dia o Papa desça dar o seu passeio, em carruagem, pelos jardins.

Passeio bem curto na verdade, que apesar dos ziguezagues pelas alamedas não dura mais de meia hora. Às vezes o Papa desce do carro e lentamente alonga os passos vacilantes pelas sombrias avenidas do bosque ou nos terrassos, onde o sol se espraia n'uma benéfica e vivificante carícia. Outras vezes Leão XIII senta-se n'um dos grandes bancos que bordam os quinteiros e d'ahi contempla em silêncio Roma, onde os

campanários das numerosas igrejas se erguem como para o verem e lhe trazerem, na voz dos sinos, o seu protesto e a sua saudade do tempo em que a cidade Santa era território papal.

Não raro decerto o Santo Padre, sentirá também a saudade de Roma ali tão perto, a seus pés, que a sua vontade afastou para



A Torre Leonina nos Jardins do Vaticano.  
Residência de verão de Leão XIII.

tão longe, e da liberdade, de outr'ora, quando simples prelado vagueava pelas margens do Tibre.

N'estes passeios sua Santidade é acompanhado por um dos officiaes superiores da seu estado maior — quasi sempre o commandante Pecci, seu sobrinho e por um prelado *participanti*, variando cada dia para que chegue a vez a todos de

obter o supremo favor de se sentar ao lado de Leão XIII.

Durante o dia, estes são os verdadeiros momentos de repouso do Papa, porque logo que entra sobe á bibliotheca e começa os seus estudos dilectos, ou de novo se reúne com os seus conselheiros e trabalha nos difficeis problemas da igreja.

Porque Leão XIII, deseja occupar-se de tudo e voluntariamente acarretou sobre o seu cargo attribuições que dantes andavam

por mãos subalternas. É elle proprio quem dicta ou escreve em rapidos e concisos rascunhos as cartas importantes. O seu modo

de fazer a este respeito é original e prova quanto cuidado o Santo Padre pôe em todos os seus actos, cada dia Leão XIII compõe ou antes prepara um paragrapho, ou uma phrase, ou um pensamento para a carta que tem de escrever, e o archiva na gaveta da escrevaninha. Depois, quando julga ter terminado, dá estas notas ao seu secretario que as collige e encadeia, sem alterar o sentido, conservando as phrases mais características e os termos mais pessoais.

O jantar passa depressa, sem aparato, com a mesma frugalidade do almoço: sopa,

um ou dois pratos queijo e fructa, e o serão é destinado aos trabalhos litterarios ou á palestra intima.



Leão XIII e seu sobrinho passeando nos Jardins do Vaticano.



• Graphic •

A Guarda suíça do Palacio do Vaticano.

Não raro porem Leão XIII logo que anoitece, ordena que o desçam na sua *sedia* á Basilica de S. Pedro. Entrando pela pequena porta que comunica com o Vaticano, humildemente e obscuramente, na solidão e silencio da noite o successor de são Pedro vae ajoelhar-se perante o altar da virgem ou sobre o tumulo do seu antecessor. E ahi fica longas horas de prece e meditação emquanto na escura amplidão da Basilica passa a passante alma da religião catholica.

Durante o verão, para fugir ao calor asphixiante de Roma Leão XIII retira-se á velha torre Leonina que escolheu para sua residencia estival. D'antes os papas preferiam o *Casino*, que Pio IV fizera delicioso mas que o tempo se encarregou de tornar quasi inhabitavel, O Santo Padre preferiu a velha construção medieva, e com o seu gosto, esmerado soube

transformal-a n'uma habitação pequena mas preciosa pelo lado artistico. E' ahi que na sua exigua e modesta alcova Leão XIII, durante as ferias, compõe os trabalhos litterarios com que por vezes se distrae e ahi que, longe da cõrte obrigada do Vaticano, inteiramente revella a sua grande alma de uma bondade infantil e de uma encantadora e superior magestade.

Leão XIII, que durante a sua doença poudeser ver quanto affecto e sympathyia a sua pessoa merece universalmente, está inteiramente restabelecido e é de esperar que por largos annos ainda possa illuminar o mundo com a sua brilhante intelligencia. Que o seu reino que tem sido inteiramente dedicado á Fé e á Caridade continue a ser tambem a Esperança do universo christão.

AURELIUS.



O salão circular na torre Leonina.



JMA VELHA FURIOSA, E UM AMOLADOR SURDO



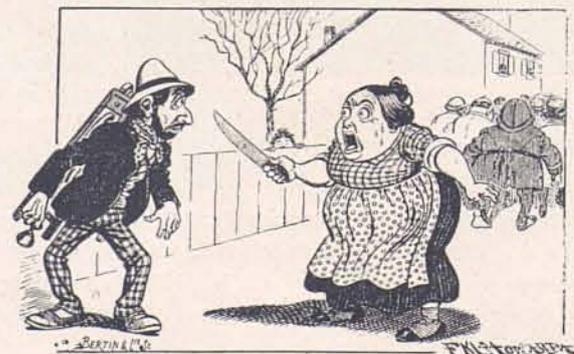
Un passante. — E' uma doida!

Outro passante. — Vae matar alguem

O povo. — Prendam-na que está doida!...



O povo. — Fugam!... Fugam!...



A velha ao amolador. Pois você não vê que eu corro atrás de si ha meia hora para que me amole esta faca!...



## PANORAMAS D'HEŞPANHA

# A SEMANA SANTA E A FEIRA DE SEVILHA

« Très beaux pays, aristocratie du monde! »  
MAURICE BARRÈS.

DOMINGO DE RAMOS NA CATHEDRAL

QUANDO entrei n'esta formidavel cathedral de Sevilha toda em claro escuro, de ciseladura de marmore transparente, de ferro florido, de marfim velho de ebano macisso de renda e d'oiro, esta cathedral chimerica, fantastica, heraldica,



A cathedral de Sevilha e a Torre da Giralda.

desconcertante e tragica, palacio de sonho e de espanto, abysmo de fantasmagoria e de pesadelo, ninho de fulguração e de febre mundo, de sangue e de noite, em que-apezar das cinco naves immensas pela menor das quaes Theo affirmava poder sem curvar a cabeça passar Notre Dame de Paris apezar dos duzentos e setenta e dois pilares que sustentam setenta e oito abobodas enormes em que o porphyro, o marmore e o jaspe ganham tintas d'uma belleza sensual como a carne ou como o velludo, apezar das vinte e oito capellas

onde como em ardentes alcovas de luxuria as virgens desfalecem em violentos spasmos a cabeça derrubada de volupia, os olhos affogados de mysterio, — as Infantas e os Reis, São Fernando como a Rainha Beatriz e Affonso o Sabio e o celebre ministro Florida Blanca, Fernando Colombo o filho do revelador d'um mundo e o mesmo heroico revelador d'esse mundo e todos os grandes d'Hespanha e todos os principes das dynastias mortas devem achar-se bem contrafeitos nos seus tumulos sumptuosos e gothicos arrumados uns sobre os outros de cada lado das capellas polichromas, juncto do altar-mór com o seu retabulo vertiginoso entre a flora dramatica das estatuas, quer angelicas e de alabastro macio, quer exasperadas de violento colorido terriveis e tragicas ou incerradas em grandes relicarios de chrystal com as mascaras d'oiro e as mãos cobertas de diamantes e de rubis — quando entrei n'essa cathedral de maravilha, hallucinante, soberba, monstruosa, voluptuosa e terrivel senti melhor e mais viva a noção catholica da morte juncta á tormentosa vertigem das mais sombrias paixões do amor que até então um só vez bem comprehendera e sentira ao defrontar a monstrosidade funebre e dolorosa do Escorial a pay-sagem convulsa e tragica das desoladas sierras de Castilla.

Esta sensação de esmagamento e pequenez ante o montão de riquezas excessivas e barbaras e dos esplendores d'um luxo de pesadelo tanto elle abunda e rutila nunca a experimentei em parte alguma tão deprimente como aqui; o fausto do catholicismo pesa com todo o peso de trinta santuarios de pedras, de gemmas

e de metal sobre a minha pobreza; o Christo dos humildes e almas visionarias, o amoroso lyrico que em Samaria juncto ao poço no horizonte dourado dos vinhedos exclamava :

...Je suis toujours en tout où il a quelque chose d'amour... transfigura-se no Deus dos poderosos murado como está por detraz das riquezas amontoadas ha dez seculos e a Virgem que nos jardins encantados biblicos de Botticelli e de Giotto como um airoso lyrio de luar e seda cresce para a maravilha dos ceos candido rosto d'opala e rosa, olhos raiados de amor-perfeito fino cabelo em cerrados bandós o diaphano corpo fluctuando n'uma tunica de transparente gase, apparece-nos cingida n'um hieratico vestido de seda laranja orlado de um maravilhoso estofado verde, sob o qual se percebe o rego dos seios erectos e rijos as pernas e os braços cercados de braceletes e gemmas, um véo negro enrodilhando-lhe a cabeça, diademada de oiro onde brilham duas estrellas negras dos seus olhos tenebrosos taes como se fôra uma princeza de Babylonia ou mesmo Venus. Bastos tumulos d'arcebispos e sepulchros reaes atravancam do seu orgulho o mysterio das capellas. Jesus confiscado pelas dynastias apparece mais como rei de Hespanha que como rei do céu e ao ler tantas inscrições gloriosas julgamo-nos menos n'uma egreja christã do que na sala do Trono de qualquer palacio funebre.

Este terror e o culto violento da morte e do amor dos quaes a fé catholica fez a propria athmosphera e alma da Hespanha, a Hespanha de Philippe II e de Carlos-Quinto, este pavor e este culto estrangulam ainda a velha raça iberica. E' esta religião voluptuosa e funebre que sobre as ruinas das mesquitas destruidas de Cordova e de Granada instaurou as macissas e sumptuosas cathedraes povoadas de luxuriosas e tragicas imagens de santas em vestidos de velludo amarello e roxo, o



Santo Antonio de Sevilha  
Celebre quadro de Murillo.

peito transpassado de espadas os dedos diademados de rubis e que na longa noite das capellas humidas e cheirando a rosa contrahem seus corpos de cera ou de madeira nos violentos spasmos das mais loucas alcovas de serrallo; é esta exasperada devoção ascetica que ante os tumulos do Christo enche de tumulto o coração das

mulheres e as faz delirar na voluptuosa embriaguez de ver nu e forte o moreno corpo d'um moço de trinta annos ainda espar- gindo em torno sensualidades de martyrio e com sangue, em volta da frente, sangue nas mãos trans- passadas e inertes, sangue nos joe- lhos e nos cotovellos escorchados; é esse mysticismo furioso e carnal que sob o ceo sulfuroso e triste de Avila ou no chaos de ruinas e ro- chedos da dura montanha, de Mon- sarrate illumina as visões ardentes de Santa Thereza e de Ignacio de Loyola; é esse catholicismo exal- tado e oppressor emfim que agei- tava n'um negro esquife e fazia assistir vivo aos proprios funeraes o monge-imperador de São Justo, elle que conduzia atraz da mumia secca d'um cadaver atravez a pay- sagem desolada e sem esperanza de Castella os prantos de Joanna a Louca, elle que pedra a pedra edifi- cou o tumular e morno palacio do Escorial. Este terror do *au-delà* ex- plorado por um clero ambicioso e feroz foi a alma da Inquisição le- vantou as fogueiras dos autos-de-fé e avivou incendios cujo reflexo ver- melhejava ainda á alva d'este seculo nas pinturas indignadas de Goya. Em parte alguma como em Hespa- nha se queimou o heretico; a lab- reda ardente do dominicano fan- tico passou sobre os palacios, des- povou as praças e as ruas estancou a vida prodigiosa que era a das velhas cidades andaluzas nos séculos d'ouro e sangue da monarchia hespanhola convertendo-as em leprosas e vastas necropoles, cada- veres de cidades ossificando ao sol. Ainda hoje nos terrenos d'allu- vião as chuvas d'inverno car- ream nas e este maravilhoso paiz, todo embalsama- do de tuberosas, de jasmims e da flor de laranjeira exala sob o mais bello sóldo mun- do um persistente cheiro a cadaver.

...No entanto sobas cem colum- nas que como sta- lactites d'uma gruta de gigantes cahem da abobo- da da Capilla Maior, a procissão de Ramos põe-se em marcha.

Ao som das musicas trium- phaes dos orgãos e da sonoridade

opulenta dos carrilhões, sobre uma fofa alcatifa de rosas eervas doiferas o arcebispo avança coifado d'uma pesada mitra em forma de tiara, verdadeiro turbante de metal e gemmas incrustado de trinta e seis perolas orientaes, vestido com uma casula d'ouro macisso conduzindo magestoso uma pyxide d'onde rompem fulgu- rações cruas d'astros. Cercam-n'o dois outros prelados: um calvo

de face glabara perfil d'asceta, as espadas vergando sob uma capa de purpura pesada como um manto real caminha na graça concen- tada dos seus movimentos sacerdotaes e graves agitando nas mãos

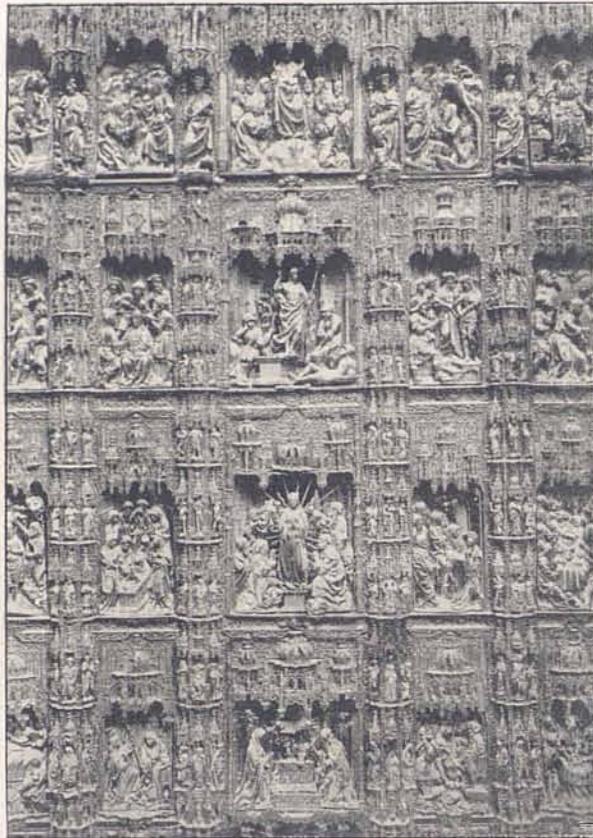
magras um incensador d'ouro; o ou- tro com a sua bella barba que como a d'um propheta ondula e cahe sobre uma palatina bordada de lhama e seda, tem o aspecto d'um deus moço e loiro offerecendo sobre um prato d'opala myrrha e incenso. Uma multidão de dignatarios da egreja com costumes de um verme- lho violento, sobrepelizes de gemmas cujo brilho é cegante e rude, cone- gos rubicundos e prelados com ro- quettes de rendas e capas violettas defarta cauda com o ar de cardeaes destinados ás galés ou de galerianos feitos cardeaes, fidalgos e grandes de Hespanha todas as auctoridades civis e militares, o governador, o capitão general, o alcaide com seus uniformes rutilantes, seguem-nos. Diaconos balançam gigantescos thu- ribulos d'ouro reluzentes e cinzela- dos cuja forma lembra as lampadas da cathedral. E a abundancia bar- bara dos oiros e das pedrarias en- volve o cortejo n'uma radiancia tremula de luz.

No fundo quente e fulvo dos molhes de velas que fulguram rolando pela egreja uma poeira d'ouro esta cerimonia lithurgica

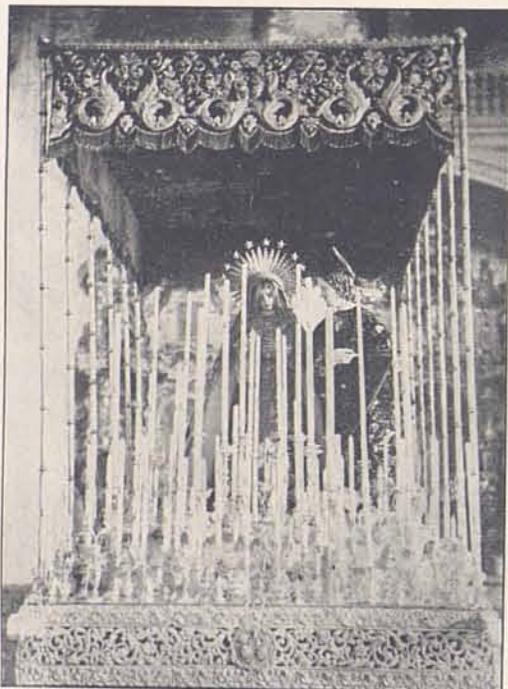
tem um esplendor tão sobrenatural, que o quadro immenso onde se desenrola, a profundidade vertiginosa, das abobodas e a

immensa largura das naves não a esmaga. Em Fontarabia e Valencia as festas da Semana Santa são bellas; mas nem na pittoresca cidade franceza dos Pyri- neos nem na terra embalsamada dos laranjaes nem mes- mo na prestigiosa Roma onde o decor da Sixtina é com- tudo unico, fecundo em assombro e ma- ravilha, ellas egua- lam em pompa dramatica em volu- ptuosidade emba- ladora em sumptuoso catholico. Para embriagar os olhos n'uma visão tão rica ou dar ao espirito, insaciado o praser d'uma sen- sação tão tumultuo- sa e forte é preciso reconstituir com

uma imaginação sensual e exáltada o fausto esmagador e olympico dos antigos cortejos de Byblos ou de Eleusés, d'Alexandria on de Thebas. Esse cortejo de Paschoa em Byzancio por exemplo desen- rolando atravez os degraus de marmore verde da Nubia da basilica a turba multa resplandesciente dos seus dez mil figurantes, prece- dido da mocidade galharda e esbelta do proprio basileus todo elle



Fragmento de uma das portas da Cathedral de Sevilha.



Andor de N. Senhora de las Mercèdes.



O Andor de Nossa Senhora das Angustias. A Virgem e o Christo Morto.

vestido d'azul claro os lindos cabellos frisados em cachos cingidos por um simples fio de saphira e turquezas, dos arcebispos e dos patriarchas, dos dignatarios e patricios em dalmaticas verdes, dos mensageiros imperiaes com seus escudos de prata e dos heteriar-



Andor da descida da Cruz.

chas de longos mantos negros, de sacerdotes com cimarras de purpura e dos doutores e escolasticos coroados de mitras de lã negra enfeitadas de fios de coral e tudo sob palios, a cavallo em liteira, armados de thyrsos d'oiro, conduzindo auriflomas de purpura e globos de ambar e agatha e acompanhados de arautos cujas tunicas eram cor de cereja e cor de oiro, de ennuos e escravos que vergavam a cabeça sob a mitra redonda de metal, de Varangs loiros e altos armados de pesados machados de prata e das legiões de milicias barbaras brunidas por desconhecidos sóes. Mas vagarosa e lenta a procissão catholica depois de dar volta ás capellas lateraes detem-se ante o relicario de chrystal e oiro onde, vestido do trage de guerra com que vencidos os arabes entrou em



Photographia do riquissimo manto da Virgem de Sevilha.

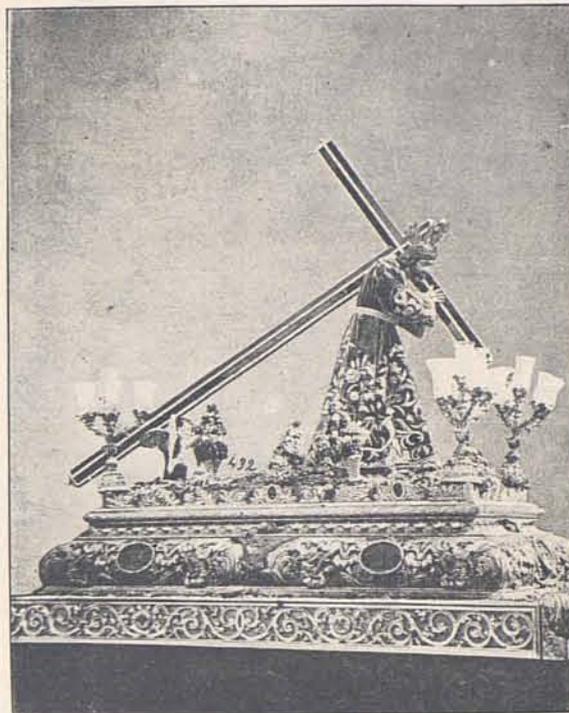
Sevilha São Fernando repousa tendo a um lado a vencedora espada e do outro o bastão emblema do commando. E' em frente d'esta capella que o arcebispo depois de os ter benzido vae distribuir os ramos que não são aquí como em França simples arbustos de murta. A os homens entrega verdejantes e agudas palmas, ás mulheres e ás creanças brinda com aquelles graciosos ramos de phantasia feitos de junco e entrelaçados de flores ardentes de romanzeira que durante toda a Semana Santa se veem

dependurados nos miradoiros e nas janellas de Sevilha e que ellas agitam agora festivamente nas mãos pequeninas e trigueiras.

Em torno a cathedral resplandesce com um luxo sideral e barbaro de oiro de neve, de pedrarias. Lustres de mil velas abrem na adormecida noite das capellas extranhas flores de sangue ou delicadas arborisações de coral; batidos da chamma das serpentinas d'ouros sumptuosos mantos de velludo verde e as tunicas de seda

azues ou amarellas das Virgens faiscam das scintellas das joias, do brilho solar dos topazios e da coruscação ardente de rubis. Sobre o retabulo doirado do altar mór, abrigado por um docel de seda roxa

eleva-se uma cruz d'ebano negro com um Christo macisso, riquissimo todo d'oiro suando oiro, sangrando oiro que reluz — e para se viver. Candalabros gigantescos em forma d'arbustos tendo na ponta de cada galho um fulgor intenso de digitalis parecem reenviar os reflexos crus das suas chammas a



O Andor do Senhor dos Passos.

invisiveis espelhos que as multiplicam, dançantes. E no alongamento vivo toda a sonora cathedral sangra e rutila da gemma das alfaías, dos raios das aureolas dos santos, do oiro dos retabulos e das joias e do velludo opulento e sombrio das rosas.

Pelas largas portas abertas de par em par todas ornadas de estatuas que o sol cose e recose e lentamente vai comendo, entra o cheiro do benjoim e dos limoeiros que vem das praças e dos jardins junctar-se ao aroma doce das vélas e ao acre mel do incenso que em nuvens mões e fragantes esvoaça para o ceo.

Na cathedral após o sermão da tarde. Sob as altas abobodas banhadas de claro escuro, tão altas que parecem mergulhar na vertigem e na noite, a procissão annual do Calvario. Um movimento de curiosidade, como o refluxo d'um mar, na affluencia de curiosos e de devotos desde o coro até ao portico e, no meio do rebanho humano, esta inolvidavel visão... Precedidos de tochas e d'um grande cruxifixo de prata, entre



Um penitente.

duas filas de meninos de côro de sobrepelizes brancas e de sotainas negras os grossos vultos espessos e macissos dos conegos com as pesadas capas de lucto tem o ar de sinos ambulantes. As cabeças glabaras e frustes com a pelle rubicunda onde a chamma das tochas atea imprevisitos vermilhões evocam os monges de Turbaran; com o craneo pellado e a tinta cerosa de creanças pobres os seminaristas recordam os humildes curas das procissões de Goya; a

multidão dividida na passagem surde brumosa no halo de fumo dos quadros de Carrière e são reminiscências de museus que ao primeiro aspecto nos impõe a cerimonia Um enorme relicario de estylo plantaresco de prata doirada e macissa todo cravejado d'esmaltes rutilante como um sol novo desfila sobre um andor levado por vinte e quatro diaconos mas a emoção religiosa não nos suffoca pondo-nos um joelho sobre o peito senão diante da figura estranha do arcebispo cujo grande corpo descarnado se curva sob o peso d'um nodoso madeiro tão grande, tão pesado como o do Salvador. Como Christo tres veses elle cahe e tres veses se levanta; e assim como Jesus no doloroso Caminho do Golgotha foi ajudado por Simão o Cyrineu assim um dos padres o ajuda e ampara. E essa face ossificada, esses pés nús, essas mãos tremu-



Andor do Christo de Sevilha.

descidos de algum pilar onde d'aquí a pouco, mal a cerimonia acabada, voltarão aos seus nichos.

Aterrado e confuso procuro romper a multidão densa e sahir. Mas de subito a meu lado outra figura surde, extranha e mais terrivel ainda. E' um velho sacristão descarnado, calvo, exangue, sujo, cuja bocca esverdeada cheira a sepulchro, cujo carão livido se torce

n'um esgar de morte, cujo corpo mirrado passe a podridão da materia. Para encontrar cabeça assim é preciso remontar até ás telas de Morales e Greco e ainda fasel-as retocar por Valdès e Goya. Dobrado com andadura sacudida e escorregadia, saccudida no caminhar habitual e escorregadiça deante dos altares, com um quebrar subito das pernas que parecem dobrar-se tres ou quatro veses sobre si, retatinando o



Andor do Calvario.

las semelhantes ás que se veem nos ossuarios dos cemiterios; esse magro pescoço bambaleando; essas pupilas sumidas na extraordinaria cavidade da arcada suprecilar tudo isto é d'um personagem d'outra epocha e d'uma outra civilização; é uma figura millenaria esta, é uma alma dactando pelo menos de dez seculos que desfila deante de nós em uma hallucinante aureola de mysticismo e de fé.

A seu lado dous meninos de côro o escoltam, dois pobres rapazinhos de parochia, que, transfigurados pela sua visinhança teem como elle o ar de estatuas do seculo onze, como elle parecem

sóme sob a opa sordida do capuchinho e cahe no chão como um velho trapo d'onde sahem dois cubitos entrecusados em forma de catacumbas elle tem tudo o que é preciso para faser pavor. Nas orbitas cavernosas as pupillas estão mortas, o arregaçar do sorriso deia ver dois ou tres dentes leprosos que subsistem, o resto é um buraco negro d'onde sahem as emanações pestilentas d'um corpo que vive, em avanço sobre a morte, se secca por fora e se putrifica já por dentro, personificação sinistra do dogma catholico, do desprezo do corpo pela exaltação da alma.

DOMINGOS GUIMARÃES.

## DOIS SONETOS

### TANTALOS

*Esta dôr, que nos anda amargurando  
E que faz de nós dois — dois desgraçados,  
Sei que traz outros corações chagados,  
Sei que anda outros peitos torturando.*

*Tinho visto esta angustia atroz chorando  
Pela rima de versos inspirados:  
E meus olhos de lagrimas banhados  
Em outros olhos viram-n'a boiando.*

*Tantos soffrendo o mesmo mal... Emtanto,  
Nem um só, de entre tantos desditosos,  
Como nós dois soffremos soffre tanto.*

*E como dôr igual a que provamos  
Provarão, si entre tantos amorosos,  
Não ha quem ame como nos amamos?...*

### NOIVA MORTA

*Tantos annos ancioso, indo á procura  
Do bem mais do que todos desejado  
E quando julgo emfim havel-o achado,  
Acho-o abrigado numa sepultura!...*

*Si em tel-o á mão a maxima ventura  
Da minha vida, eu tinha imaginado,  
Vede vós quão amargo o fel libado  
Por esse triste calix de amargura...*

*Sonho desfeito, posto em meio á vida,  
Fazendo que a um passado sem bonança,  
Siga um futuro de infelicidade!...*

*Morte que a vida em duas põe partida:  
Uma vida — no collo da Esperança,  
Outra vida — nos braços da Saudade!...*

BENTO ERNESTO JUNIOR.



## A ESCULPTURA ALLEMÃ

Não podemos deixar de dar aos nossos leitores uma limitada notícia sobre a arte na Alemanha e especialmente sobre os mestres estatuarios que têm ultimamente sobressahido com a apresentação de soberbos trabalhos provocando geral admiração nas grandes exposições de Berlim e de Munich.

Todos os que se occupam mes.mo de um modo passageiro da evo-

raveis quadros de mestre que podem figurar com vantagem nas mais preciosas galerias. A exposição de Berlim de 97-98 chamou a attenção dos visitantes pelo desenvolvimento que apresentava a secção da escultura com os seus bellissimos marmores entre os quaes figurava a adoravel *Mignon* de José Kopf e o magestoso cyclo de Gustavo Eberleim, representando a criação e a vida do primeiro



Illustriste Zeitung.

Adão e Eva depois do peccado.



Illustriste Zeitung.

A velhice de Adão e Eva.

lução artistica nos diversos países não ignoram que, actualmente, apos a decadencia da chamada escola Italiana, são em primeiro logar os salões de Paris e depois a Exposição Annual de Munich que se apresentam como os centros mais completos da arte Moderna e onde ella se manifesta pelo intermedio dos seus mais prestigiosos representantes. A Academia de Bellas-Artes de Munich que forma mesmo uma escola, conhecida pelo nome de *Escola de Munich* sustenta dignamente a sua justificada reputação, e todos os Annos no magnifico palacio de Christal a *Kunstaustellung* expõe admi-

homem e da primeira mulher, o que constituiu, o principal successo da exposição. Na verdade Eberleim é um artista emmerito e os cinco grupos artisticos que formam o seu Cyclo são uma obra de real e grande valor. Sentimos immensamente não podermos reproduzir a gravura do primeiro grupo que é o maior d'elles todos e o que com mais genio foi creado pelo author. A figura immutavel de Jehovah, representada pelo grave e masculino ancião de longas e brancas barbas, sopra possantemente no corpo viril e perfeito do primeiro homem a vida que deve animal-o e fazer d'elle o rei da

guido escassos resultados, e que a conquista das Philippinas ha de custar muitas vidas, muitos milhões.

O *New-York-Herald* é de opinião inteiramente igual. Perdeu já o tom bellicoso com que se reteriu ao começo da lucta e confessa que se a campanha proseguisse durante a estação das chuvas

cem e que é falso que se encontrem presos. Só os frades é que são conservados reclusos.

O chete tagalo mostra-se muito animado com os ultimos successos das Philippinas.

O general Otis — diz elle — deve ter comprehendido que o

creação. Adão inerte e adormecido com os braços amplamente abertos fazendo ver uma impecável musculatura e o largo peito saliente que completa um acabado estudo de anatomia, espera do Deus creador e poderoso o alento que deve vivificar-o. Se não fôra a nudez do primeiro homem, seria essa uma das mais bellas illustrações que poderíamos offerecer aos nossos leitores, que confirmariam a nossa opinião, admirando a estupenda concepção que forma o primeiro grupo do escultor germanico. Os outros quatro que se

com a tensão de fadiga e do estorço dos musculos do corpo vivo dá a esse grupo um profundo caracteristico de naturalidade. O quarto e ultimo representa Adão e Eva no declivio da existencia redusidos á mais extrema e respeitosa velhice.

Sem pretensão de fasermos critica de arte julgamos que Gustavo Eberleim é um dos mais sinceros interpretores do natural e as suas obras, algumas d'ellas admiraveis, revestem um caracter da mais pura e indiscutivel verdade. No estudo do corpo humano e



Illustriste Zeitung.

Adão carregando o corpo de Abel assassinado.



Illustriste Zeitung.

O Encontro de Adão e Eva.

seguem e cuja reproducção junta damos representam : o primeiro « Encontro de Adão com a Mulher que Deus lhe dá » O segundo « Depois do peccado », mostra-nos o chefe da humanidade com a sua companheira aos pés, já mais velho de uns dez annos. Eva, chorosa e envergonhada esconde o rosto entre as mãos esperando de joelhos a reconciliação naturalmente desejada. O terceiro representa-o já edoso e alquebrado pelo peso do corpo do seo filho Abel, assassinado ao qual elle vai dar sepultura. A differença que se nota logo á primeira vista entre o abandono dos membros do cadaver

nos mais infimos detalhes da anatomia, Eberleim tem mesmo excedido por differentes veses os grandes mestres modernos e tudo faz esperar que o author do maravilhoso grupo « Creação do primeiro homem » especialise o seu grande talento podendo assim aperfeiçoal-o na producção de verdadeiras obras primas. Se o « cyclo Adão e Eva » tivesse sido exposto em um dos salões de Paris, o nome do seu author seria n'este momento universalmente conhecido pois é inegavel que o publico artistico é muito superior e muito mais numeroso em Paris do que em Berlim.

THEODORO DE WILLY.

*E como dôr igual a que provamos  
Provarão, si entre tantos amorosos,  
Não ha quem ame como nos amamos?...*

*Morte que a vida em duas põe partida :  
Uma vida — no collo da Esperança,  
Outra vida — nos braços da Saudade!...*

BENTO ERNESTO JUNIOR.

general Otis de cercar os tagalos em Polo e os decimar, era coisa já feita e victoria facil. Ora a sua desilusão foi terrivel; não só a cada passo encontraram uma resistencia feita de embuscadas e sorpresas, como souberam que os filipinos tinham habilmente evitado o movimento envolvente das tropas americanas como também tinham transferido a sua capital de Malolos para San-Fernando cidade do interior, para onde não ha nem pode haver linha ferrea, mas onde existem pantanos a que não resistem os brancos.

A campanha rapida e devastadora que tinham sonhado os estrategistas de New-York transformava-se assim n'uma guerra sem fim e foi já sem entusiasmo mas com odio que os batalhões yankees marcharam contra Malolos.

Comoja suppunham a cidade caindo-lhe nas mãos sem resistencia, mas devastada, incendiada cheia de cadaveres putridos sem uma plantação sem armas nem mantimentos, que os tagalos já com tempo tinham transferido para o interior... Ao mesmo tempo as chuvas começaram e com ellas um grande desanimo — e quem sabe se remorso envadio os americanos.

Jornaes, como *World* e o *Evening Post*, que tão *jingoistas* se mostraram antes e durante a guerra com a Hespanha, são agora os primeiros a reconhecer que a campanha se vae dilatando e ameaça eternisar-se, custando ao povo americano grandes e inglorios sacrificios.

Com effeito, o *World* escreve :

« Estamos combatendo um povo que incendeia as suas povoações, corta as pontes que estabelecem a communicacão no rios, vê cair impassivel, milhares de cadaveres dos seus filhos e continua e continuará sustentando a lucta contra nós. »

O *Evening Post*, a que também nos referimos, affirma, por sua parte, que de fevereiro para cá as armas americanas teem conse-

seria dispendiosissima. Como se vê, os *dollars* também teem sensibilidade.

Por outro lado os filipinos mostram-se cada vez mais corajosos e confiantes na victoria final. E senão leia-se o que de toda esta campanha pensa um tagalo illustre o sr. Agoncillo, que era delegado de Aguinaldo junto do governo de Washington e que fugindo da America logo que romperam as hostilidades, está agora em Paris.

Entrevistado por um jornalista francez. Agoncillo começou por declarar que a tomada de Malolos não tem, de forma alguma, a importancia que os americanos lhe attribuem. Segundo elle affirma, o governo filippino projectava, havia tempo, trasladar-se a San Fernando dePampanga, e por isso deixou em Malolos unicamente um regimento, com ordem de incendiar a cidade.

O abandono de Malolos, continou Agoncillo, fórma parte do plano de attrahir os americanos ao interior do archipelago, para que, na sua phrase expressiva, dentro de dois mezes « as grandes chuvas e as febres paludosas economisem aos filipinos fadigas e munições.

A guerra, em sua opinião, não terminará enquanto existir um filippino com vida.

Agoncillo desmente cathegoricamente que os tagalos tenham começado as hostilidades logo depois de se terem retirado os hespanhoes. Affirma que o general Otis firmou um tratado comprometendo-se a não continuar a lucta, e que faltou vergonhosamente aos seus compromissos.

Interrogado ácerca do objecto da sua viagem a Paris, o delegado do general filippino declarou que não podia responder a essa pergunta, mas que o fim d'essa visita era, com effeito, favorecer os interesses do seu paiz.

Quanto á questão dos prisioneiros hespanhoes, que ainda não foram libertados, o enviado tagalo assegura que elles de nada care-



AGONCILLO  
Representante do governo  
Filippino  
na Europa e Estados Unidos.



Collier's Wilkly.

Atiradores filipinos do exercito de Aguinaldo

guido escassos resultados, e que a conquista das Filipinas ha de custar muitas vidas, muitos milhões.

O *New-York-Herald* é de opinião inteiramente igual. Perdeu já o tom bellicoso com que se reteriu ao começo da lucta e confessa que se a campanha proseguisse durante a estação das chuvas

cem e que é falso que se encontrem presos. Só os frades é que são conservados reclusos.

O chete tagalo mostra-se muito animado com os ultimos successos das Filipinas.

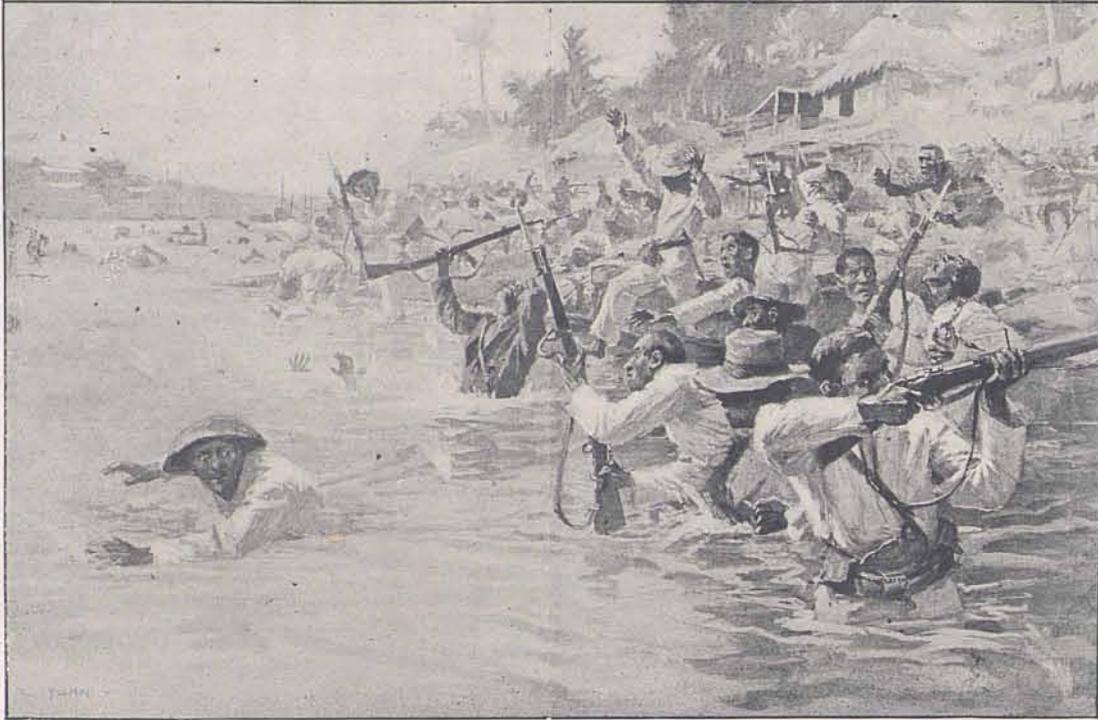
O general Otis — diz elle — deve ter comprehendido que o

seu fracasso é completo, tanto assim que se vê reduzido ao recurso de telegraphar para Washington as mais vagas noticias dos combates occorridos, sem os poder comprovar com factos positivos.

— Nós — continuou Agoncillo — temos 200 000 homens

« A situação do filippinos — concluiu Agoncillo — não tem nada de desesperada. »

Os ultimos acontecimentos parecem dar-lhe razão. Com effeito não só o general Lawton que se avançara para o interior na direcção de Santa Cruz teve que bater em retirada e voltar a Manilha, como uma columna americana composta de 140 homens, atraincoda pelos guias indigenas, caiu n'uma embuscada e foi feita prisioneira sem combate. Uma pequena chalupa yankee do navio Yorktown, foi tambem capturada pelos tagalos e a sua tripulação, um official e quatorze marinheiros aprisionada. Alem d'isso os filippinos occuparam a cidade fortificada de Zamboanga ao sul de Mindanao que os hespanhoes tinham abandonado e onde foram encontradas 7 000 espingardas Mauser em perfeito estado bem como uma grande quantidade de munições; capturaram varias canhoneiras que os hespanhoes tinham cedido aos americanos e levaramnas pelo Rio-Grande até ao interior. Todos estes successos causaram ultimamente um grande entusiasmo nas hostes tagalas, que de novo se aproximam de Manilha, onde as tropas ameri-



Combate de Pasig.

Os americanos obrigam uma pequena banda de Tagalos a afogar-se no rio.

armados e decididos a morrer pela independencia da patria.

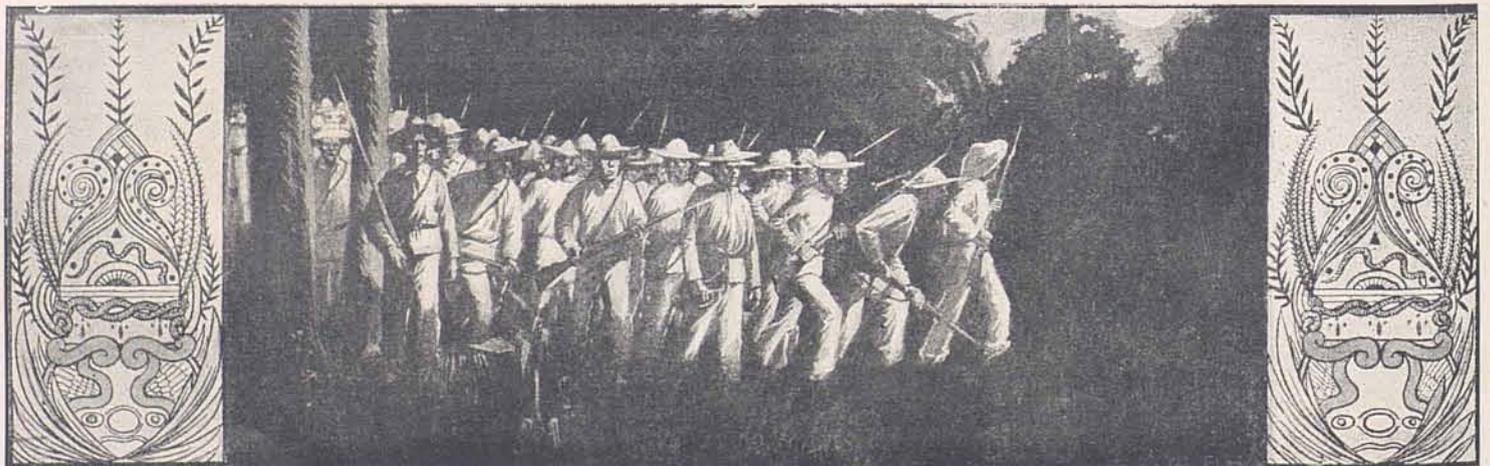
« Nas fileiras tagalas vêem-se tambem muitas mulheres que estão promptas a combater o inimigo. E' o paiz inteiro que está disposto a pugnar, até á ultima, pela independencia nacional.

« Em geral, ignora-se que temos em nosso poder 1 500 prisioneiros americanos.

canas soffrem terrivelmente do clima e são decimadas sem piedade pela desynteria e pelas febres.

Como se vê a lucta sera longa e desesperada quem sabe porem como acabará esta sanguinolenta comedia americana que tem enojado o mundo.

Fallará em New-York, o partido da razão e da justiça? Trium-



Uma companhia de atiradores tagalos.

« O general Otis viu-se obrigado a suspender as hostilidades durante a estação das chuvas.

« Esta resolução, que o general americano não podia deixar de adoptar, equivale a seis mezes de tregua forçada, durante a qual poderemos aperfeçoar e completar a nossa organização militar e as nossas defezas terrestres, emquanto os americanos teem de limitar-se á tarefa de enterrar os seus mortos. O clima não deixará de nos coadjuvar, causando enormes perdas aos invasores.

pharão as ideias democraticas que durante tantos annos fizeram da Republica Americana uma gloriosa e admiravel Nação? Ou o absurdo imperialismo do Snr. Mac-Kinley continuará a afogar no sangue os gritos de independencia que bradam nas Filippinas?...

Quem sabe?

As nossos sympathias porem vão aos tagalos, aos bravos indigenas filippinos que palmo a palmo disputam a sua terra ao invasor hypocrita, que sob prétexto de os livrar de um pesado jugo os pretende agora submeter a outro mil vezes mais intame...

INFORMADOR.



## UM LORD TOCADOR DE REALEJO

**E**XTRAORDINARIA e inacreditavel é a historia de lord Poulet, descendente e herdeiro dos titulos e da fortuna de uma velhissima e fidalga familia inglesa.

Antes dos vinte annos já era celebre em Londres pelas suas excentricidades e extravagancias que eram naturalmente acompanhadas de um grande espirito perdulario e gastador. Aos vinte um annos depois de ter estragado alguns milhões emprestados pelos usurarios de Londres, por conta da fortuna a herdar, o joven Lord Poulet é posto em curatella pela sua familia que o envia com uma modesta mensalidade a fazer a volta do mundo. Cinco annos decorreram-se e durante os quaes a chronica escandalosa da capital inglesa não mais teve a se occupar das suas aventuras, quando um

bello dia, no caes de Liverpool desembarca das Indias onde'apoz correr o universo tinha feito uma longa estada. Os companheiros da travessia affirmavam que elle era sempre o mesmo insupportavel e phantasia rapaz e que a longa ausencia em terras estranhas e os limitados recursos que dispunha nunca impediram-o de continuar a antiga e desordenada vida. Querendo revestir a sua nova existencia em Londres de um character mais decorativo, entrou para as fileiras do regimento da guarda a cavallo, como official inferior e todo pimpão, passeava pelos theatros, clubs e restaurants o vistoso uniforme desse mesmo regimento, composto na sua maioria de officiaes nobres e ricos. Algumas semanas tinham-se apenas passado que os jornaes annunciavam como o grande escandalo do dia o casamento de Lord Poulet, que partindo do Club a uma hora da manhã fisera com os seus amigos uma importante e original aposta; compromettia-se a casar com a primeira mulher que encontrasse ao pôr os pés na calçada de Oxford Street... E se assim dissera assim rez, e a primeira rapariga que passava no momento em que Lord Poulet sahia do Club, ficou toda espavorida quando vio esse bello official de bigodos retorcidos, apresentar-lhe com inesperada insistencia o seu pedido de casamento, realisado na manhã seguinte deante do primeiro *clergyman* que encontraram. A historia não entra em detalhes sobre a posição social d'aquella que do dia para a noute trocara o seu nome plebeu, por um dos mais fidalgos e antigos da velha Albion mas não obstante a completa extravagancia de um

tal matrimonio, o casal viveu durante dous a tres annos, contra a expectativa de todos, relativamente tranquillo e mesmo feliz, pois o nascimento de um filho viera consagrar em parte, essa união original. Mas lord Poulet não vangloriava-se de possuir grandes virtudes e d'entre ellas a constancia, era-lhe totalmente desconhecida. Algumas semanas antes de concluir o seu tempo de militar abandona a familia e o quartel e desaparece deixando a mulher e o filhinho entregues aos asares da sorte e sem os memores recursos de vida.

Repudiada pela familia do marido que a abandonara a Condessa de Poulet e o filho viveram durante alguns annos com uma restricta pensão que mal lhes impedia de morrer á fome, cessando mais tarde todo e qualquer auxilio em virtude do divorcio pronunciado em favor da mulher bem entendido mas que de nada lhe adeantava visto o marido nada possuir da sua fortuna e não se saber noticias do mesmo. Assim viveu e cresceu nas ruas de Londres como o mais infeliz dos garotos o pequeno Conde de Poulet, até que chegando aos quinze annos de idade e sempre abandonado começou a contarolar pelas portas das tavernas, comprando mais tarde um piano mecanico sobre o qual pregou o seguinte cartaz: *Eu sou o Conde de Poulet, filho legitimo de um*

*dos mais ricos e nobres fidalgos da Inglaterra, abandonado por meu pae, desde a mais tenra infancia e obrigado a tocar nas ruas para ganhar honestamente a minha subsistencia e a da minha mulher e meu filho.* O extravagante e desnaturado lord Poulet, casa-se em segundas nupcias e fica alguns annos mais tarde viuvo e sem filho; o que o obriga naturalmente a um terceiro matrimonio do qual resulta-lhe um descendente que foi reconhecido por elle como unico herdeiro da sua fortuna e titulos. Lord Poulet morreu ultimamente com 78 annos de idade e immediatamente formou-se uma

companhia com o capital de 250 contos para offerecer ao primeiro filho, o tocador de realejo, os meios necessarios de custear o processo que intentou contre o seu irmão, filho do terceiro casamento, para disputar-lhe a fortuna e os titulos que em direito de idade devem pertencer-lhe. Sobre esta interessante historia daremos aos nossos leitores a decisão d'esse processo que tanto emociona toda a Inglaterra pela posição e originalidade dos principaes personagens. A companhia que fornece o capital ao filho mais velho, intitula-se como toda a sociedade commercial que se respeita *Poulet Limited*.



Segundo filho de Lord Poulet.



Primeiro filho de Lord Poulet.



O conde Poulet puxando o seu realejo nas ruas de Londres.

# As Millionarias Americanas

O NASCIMENTO DOS MILHÕES

Os economistas que tem estudado a constituição da propriedade individual na Europa, ver-se-hiam singularmente embaraçados se tentassem applicar aos enormes capitães americanos as regras estabelecidas. Os grandes industriaes os Reis da Finança, os especuladores a um tempo audazes e felizes que edificam as fortunas principescas no velho continente procedem todos pouco mais ou menos da mesma forma. Esforçam-se por fazer descer o preço da mercadoria que compram ao seu minimum mantendo o preço da venda á taxa a mais elevada possivel. A subida de preço, se ella se produz, deve apesar de tudo permanecer ligeira ou, em todo o caso, seguir uma ascensão bastante lenta, a lei da concorrência e a da offerta e do pedido continuando a regularizar d'uma maneira por assim dizer mecanica, as trocas dos productos.

Assim, o que se poderia chamar a geração espontanea do milhão é um phenomeno quasi exclusivamente americano. Se a Europa e particularmente a França nos tem fornecido n'estes ultimos annos alguns raros exemplos de fortunas formidaveis, constituidas em periodos excepcionalmente curtos, isto prova que os methodos americanos commecaram já a transpor os mares. Certamente que a applicação é ainda muito restricta por isso que a velha organização economica das

sociedades da Europa centralisadora e estatista não favorece o seu desenvolvimento. Mas ninguem poderá affirmar que será sempre assim e que não teremos de conhecer um dia ou outro esses instrumentos de riqueza subita que ao abrigo da bandeira estrellada da União produzem maravilhas.

O mais poderoso d'esses instrumentos é o *Trust*, velha palavra que significava outrora *confiança e esperança* e que não quer dizer hoje outra coisa que não seja um *syndicato*. A coalisção dos especuladores que organisou em França, vae para uma duzia d'annos, a alta ficticia dos cobres, operação terminada, ninguem o esqueceu, por ruinas sem numero, era um *Trust*. Vou procurar definir claramente o que seja um *Trust* e ao mesmo tempo fazer avultar o seu machinismo e o seu perigo. Perigo para a collectividade, bem entendido; por que os membros do *Trust*, os *syndicateiros*, não operam senão a golpe seguro na quasi unanimidade dos casos; e se, por acaso, elles se enganam e se arruinam, é sempre, inevitavelmente, porque encontraram, em face d'elles, um outro *Trust* mais rico, mais poderoso, mais apoiado que o seu.

De facto, pode-se dizer que o *Trust* é um accaparamento, não só de productos, mas tambem de meios de producção. E' a derivação, a drenagem, em um unico cofre, dos lucros realisados por uma multidão de productores e de trabalhadores. E' a apropriação absoluta de toda uma parte da riqueza nacional. E' o

desenvolvimento do monopolio levado a uma potencia desconhecida.

Nenhuma lucta é possivel. No seu curso irresistivel, o *Trust* arranca, tritura, leva, arrasta, como um rio que rompeu os diques, tudo o que encontra na sua passagem. Não são somente os adversarios importantes, os especuladores já classificados, os fabricantes consideraveis; são egualmente os pequenos, os humildes, os trabalhadores, os modestos que o insaciavel appetite do monstro devora. Por isto, elle calca, aos pés, não só os sentimentos da mais

elementar humanidade mas tambem a resistencia das leis que faz annular quando ellas o incommodam, e que infringe descaradamente e impunemente quando não consegue destruil'as. Um facto bem recente, fará comprehender, melhor que todas as definições abstractas, o verdadeiro character do *Trust* e os perigos que elle traz em si.

O REI DO PETROLEO

Isto dacta de alguns meses apenas. Em quarta feria 12 de outubro de 1898, o mais terrivel talvez dos directores do *Trust*, o Rei do Petroleo, Jonh. D. Rockefeller, era chamado a explicar-se diante do Supremo Tribunal de Ohio ácerca das numerosas violações da lei que lhe pezavam sobre a consciencia. Por varias vezes já, o Tribunal d'Ohio e muitos outros Tribunaes de Justiça tinham-se visto forçados a occuparem-se do *Standard Oil Trust* e dos seus directores. Sentenças tinham sido promulgadas, condem-

nando, os *Trusts* em geral, e o *Trust* Rockefeller em particular a desaparecer, mas elles não se tinham dado sequer ao trabalho d'illudir a lei e tudo continuava como no passado.

Uma tarde depois de ter passado o dia inteiro no Tribunal, o riquissimo Rockefeller entrava no salão do *New-Netherland Hotel* onde estava alojado, quando se achou face a face com um homem de cabellos grisalhos, de alta estatura e de formas atheleticas. Vivamente emocionado, o millionario estendeu a mão ao que chegava e com a sua voz mais doce disse-lhe:

— Como vae isso Jorge? Eis que ambos envelhecemos, pois não é verdade? Não lamenta você não ter seguido os meus conselhos d'outro tempo?

— Talvez tivesse feito melhor se os tivesse seguido, respondeu o desconhecido com uma voz vibrante, pois você me arruinou com effeito como promettera fazel-o. Sim, você arruinou-me, pela força do seu dinheiro e da sua perversidade, você arruinou-me e não o negará!

John D. Rockefeller não discutiu. Abriu a porta do salão e sahu. Mas o escandalo fôra publico. Todos os assistentes tinham reconhecido no energico velho que tinha tão claramente expresso a sua indignação ao Rei do Petroleo, uma das mais notorias victimas da tyrannia dos *Trust*, Jorge Rice, de Marietta (Ohio). Uma das mais notorias, sim, mas não a unica. Elles são innumeraveis,



JAY GOULD

Chefe da millionaria dynastia Gould.

os pobres seres que o egoísmo e a ambição dos Rockefeller e dos seus semelhantes tem affogado na sua lucta pelos milhões. Escutemos a historia d'este; ella será, com algumas variantes apenas, a historia de todas os outros:

Em 1876, Jorge Rice, engenheiro de grande merito, fundava na Verginia uma refinação de petroleo. A sua probidade bem conhecida tinha-lhe assegurado uma clientela numerosa e, desde o começo, a sua fabrica chamada *The Ohio Works*, exportava por anno mais de 100 000 barris de petroleo bruto. Não foi perciso mais para excitar a inveja de John D. Rockefeller, que dirigia já o *Trust* dos petroleos, conhecido pelo nome de *Standard Oil Company*, e a guerra commecçou sem mais demora.

Primeiro, a Companhia offereceu aos clientes habituaes de Jorge Rice, o petroleo refinado a o f. 15 de menos por galão. O engenheiro quiz saber a rasão d'esta depreciação e fez um inquerito. O inquerito revelou-lhe factos monstruosos. As Companhias dos caminhos de ferro que transportavam o petroleo obrigavam os refinadores a carregar os barris nos wagons de mercadorias ordinarias; só, o *Trust*, estava auctorisado a fazer circular os seus productos em wagons-reservatorios, pelos quaes não tinha de pagar a viagem de retorno. Alem d'isso, o peso dos barris constituia um frete muito pesado a cargo dos refinadores independentes em geral e de Jorge Rice em particular, emquanto que o *Trust* não pagava senão o peso do petroleo. Isto dava ao *Trust* uma vantagem sobre os seus rivaes de mais de 500 fr. por wagon. N'este momento, John D. Rockefeller, julgando Jorge Rice completamente desanimado, offereceu-se para lhe comprar a sua refinação. Jorge Rice preferia interromper momentaneamente os seus negocios e recusou. Elle sabia que a lei interdiz formalmente os *Trusts* e, decidido a ir até ao fim, não quiz entregar-se de pés e mãos atadas aos seus temiveis antagonistas.

A questão foi appensa aos tribunaes e do inquerito a que estes procederam resultou o averiguar-se que a *Standart Oil Company* e a Companhia dos caminhos de ferro estavam nas mesmas mãos. Os presidentes e administradores do *Trust* eram ao mesmo tempo os presidentes e administradores d'uma quinta parte da rede total da via ferrea nos Estados Unidos. Os sacrificios que estes faziam para transportar a preços minimos os petroleos do *Trust* eram supportados por os accionistas do caminho de ferro, d'onde resultava que os do *Trust* embolsavam annualmente devidendos de 30 a 40 p. 100!

Mas emquanto os tribunaes prosseguiam o inquerito, Rockefeller e os seus continuavam as operações. Successivamente, todos os refinadores americanos, atacados uns após os outros, eram obrigados a fechar as suas fabricas. O processo empregado era portoda a parte o mesmo. Na cidade fornecida por um refinador independente, o petroleo era vendido pela *Standard Oil* 10 ou 12 por 100 mais barato do que o d'elle. Naturalmente os mercieiros e outros vendedores a retalho mudavam de fornecedor e dirigiam-se a Rockefeller. Se, por acaso, sabendo o augmento que os esperava no dia em que os refinadores independentes fossem extrangulados elles se recusavam a mudar de fornecedor, o syndicato installava elle mesmo lojas de retalho na cidade e arruinava os mercieiros vendendo muitas vezes mesmo com prejuizo aos consumidores. Uma vez tornado unico senhor do mercado reçassava-se immediatamente dos prejuizos. Georges Rice forneceu este detalhe extraordinario, cuja authenticidade, não só me foi affirmada por elle, mas por outro lado foi tambem constatada da maneira mais formal durante o curso do inquerito judicial. Em 1885, o caminho

de ferro fazia-lhe pagar 1 fr. 75 pelo transporte d'um barril de Macksburg a Marietta, distancia de 25 milhas, emquanto que, pelo mesmo percurso, a mesma Companhia não reclamava do *Standard* senão o fr. 50; e, o que ha de mais inverosimil, a Companhia *vertia* ao *Standard Oil* 1 fr. 25 sobre os 1 fr. 75 que ella recebia, de modo que o *Trust*, concorrente de George Rice, embolsava os dois terços do dinheiro que este ultimo pagava por o transporte dos seus productos.

O inquerito uma vez terminado o Attorney geral formulou os seus quesitos. Elles tendiam a que o Supremo Tribunal d'Ohio pronunciasse a quebra das Companhias de Caminhos de ferro e a dissolução do *Standard Oil*. Isto passava-se em 1887, ou seja ácerca de doze annos. O Tribunal na sua decisão adoptou estas conclusões. Parecia que, d'esta vez tudo estava bem acabado e que M. Georges Rice tinha ganho a causa. Em realidade nada de parecido aconteceu. As Companhias de caminho de ferro e o *Trust* não podendo obter rasão do poder judicial appellaram para o poder executivo. As tarifas differencias continuaram a ser applicadas.

Em 21 de março de 1892, o Supremo Tribunal de Ohio promulgava um novo julgamento contra a *Standard Oil* e ordennava a sua dissolução immediata. D'esta vez, Rockefeller declarou que ia submeter-se. Contentou-se, porem, em substituir o nome dos certificados do *Trust*, especie de warrants, que substituiu por titulos d'uma outra especie, mas negociáveis como os primeiros e, apesar da opposição do Tribunal, que não se declarou satisfeito com este subterfugio, continuou nos seus habitos d'outrora, que não mais abandonou até hoje. Pode-se imaginar que beneficios escandalosos resultam d'estas operações illicitas. De março de 1892 a setembro de 1898, o *Trust* pagou aos seus accionistas 26 devidendos trimestraes de 3 p. 100, mais 59 p. 100 de devidendos especiaes, seja ao todo 137 p. 100 do capital. Esse capital sendo de 102 230 700 dollars, o *Trust* ganhou portanto, depois da sua pretendida dissolução, a somma fantastica de 140 000 000 dollars ou 700 milhões de francos, que passaram, na sua inteira totalidade quasi, para o bolso de Jonh D. Rockefeller. A fortuna do Rei do Petroleo passa hoje de 1 500 milhões. Só a *Standard Oil Company* lhe assegura um rendimento de 60 milhões por anno, e essas sommas enormes represen-

tam ruinas accumuladas, violações da lei, actos de accaparamento em quantidade sufficiente para fazer apodrecer um homem, na prisão durante annos. Com effeito, a lei pune as infracções de que John D. Rockefeller se tornou tantas vezes culpado, d'uma multa de 2 500 francos e de dois annos de prisão por cada reincidencia. E quem contará as reincidencias de John D. Rockefeller e dos seus associados da *Standard Oil Company*?

O argumento que o Rei do Petroleo emprega para a sua defeza, merece ser notado e refutado ao mesmo tempo. Elle pretende que o consumidor quer dizer a população inteira dos Estados Unidos ganhou com os seus accaparamentos. Isto é uma coisa absoluctamente inexacta, como é facil provar. Para reffinar um galão (4 litros) de petroleo, a despeza é de cerca de o fr. 20. Ora, o preço do petroleo reffinado é de 100 a 300 p. 100 mais elevado que o do petroleo bruto. Isto basta para fazer justiça ás allegações do *Trust* e dos seus oradores auctorisados. A *Standard Oil Company* commecçou por arruinar os reffinadores do petroleo. Em seguida subjugou os proprietarios dos poços, ao mesmo tempo que os ia successivamente esbulhando, recusando comprar-lhes o petroleo bruto ácima d'um certo preço de fome combinado antecipadamente e ao qual elles eram obrigados a submeter-se, por isso que os reffinadores, que



ROCKEFELLER

O homem mais rico do mundo.

teriam podido pagar por preços mais remuneradores, não existiam já. Elle fez de administrações publicas como os caminhos de ferro puros e simples instrumentos ao seu serviço. Ella arrancou a toda a população aos productores primeiro, aos consumidores em seguida, o enorme tributo que veio encher os seus cofres. E, graças a isto, ella fez do seu presidente, John D. Rockefeller, o homem mais rico dos Estados Unidos, o especulador atrevido que se ri das leis, o terrível, o insensível *business man* que tudo tem sacrificado ao monstruoso augmento da sua fortuna.

Querem seguir este augmento? Em 1855, John D. Rockefeller possuía 5 000 dollars; em 1870, 50 000; em 1875, um milhão; 1885, 50 milhões; em 1890, 100 milhões. Elle « é valor » hoje, em 1899 de 256 milhões de dollars ou mil e trescentos milhões de francos, sem contar o mais valioso dos seus predios e as partes d'interesse em um grande numero de bancos do Estado, o que excede ligeiramente 200 milhões, seja ao todo mil e quinhentos milhões de francos. Tel é o homem todo poderoso que Georges Rice não teve receio de combatter e de ultrajar, no momento em que, pela vintuagessima vez por punir saia de cabeça alta do



Rice, adversario, que Rockefeller arruinou.

Supremo Tribunal de Ohio, desarmado e impotente contra elle. Todavia este energico protesto do homem que elle linha arruinado inquietou o Rei do Petroleo; e, temendo que a lei não acabasse um dia por ter força, tomou as suas precauções. Grave imprudencia no entanto, porque eis que tudo vem de se descobrir e que John D. Rockefeller está, hoje, em muito má posição.

Em 4 de Março ultimo, o Attorney, geral Monnett, que tinha requerido contra a *Standard Oil, Company* declarava alta e publicamente que John D. Rockefeller lhe *tinha mandado offerecer dois milhões de francos* para modificar as suas conclusões na questão. Elle hesitava primeiro em o dizer, mas a coragem de Georges Rice vencera a sua incerteza.

— Sim, exclamou elle, uma offerta de dois milhões de francos foi-me feita por a *Standard Oil*. A proposta teve logar no meu gabinete, em presença de meu cunhado, Smith W. Bennett, que me tinha assistido n'esta questão. Foi nos primeiros dias de fevereiro, quando eu regressava de Washington, depois de ter requerido no processo do Banco do Estado. O homem que se encarregou de tal proposta é um amigo que serei contrariado em ver implicado em semelhante deligencia. Elle não conhecia, estou certo, o crime de que se tornava cumplice. De resto, elle felicitou-me calorosamente. Quanto a mim teria guardado silencio, mas George Rice foi posto ao corrente. Elle fallou e eu devo-lhe, como devo a mim mesmo, o certificar a exactidão do facto por elle invocado.

Como acabará tudo isto? John D. Rockefeller sahirá ainda indemne d'esta criminosa tentativa de corrupção? A coisa, a fallar

verdade, não é de todo impossivel. Apesar da recusa do honrado Attorney Monnett o millionario comprará outro magistrado menos escrupuloso que pagará talvez com quatro milhões em logar de dois. E elle ficará quitte para poder espoliar ainda mais os seus compatriotas. Não se encontram nos Estados Unidos muitos homens tão integros como o Attorney geral de Ohio.

#### O AUGMENTO AUTOMATICO DOS MILHÕES

Apenas as cifras d'uma fortuna como a de Rockefeller acabam de ser escriptas sobre um papel logo deixam de ser exactas. Cada dia, poder-se-hia diser cada hora que passa, as modifica seguramente d'um lento mas formidavel augmento. Todas as manhãs, pelo simples facto de existir, John D. Rockefeller accorda mais rico de 220 000 francos do que ao deitar-se na vespera. Se, quando elle cada dia sahe de casa e desce a Quinta Avenida para ir á sede da *Standard Oil Company*, desse a cada homem, a cada mulher, a cada creança que encontra uma (*compure?*) de dollar, não poderia gastar mais do que a sexta parte do accrescimo diario dos seus milhões. Em dois annos, o maximo tres, elle terá realisado dois mil milhões.

Póde-se calcular que formidavel poder uma semelhante agglomeração de capitaes põe na mão d'um homem? Mostrei-o já rindo-se das leis a cuja obediencia ninguem o pode constringer. Mas quantas existencias humanas não dependem do seu bel praser! Simplesmente na qualidade de chefe do *Trust* do petroleo elle possui 200 steamers e 70 000 wagons de mercadorias que os 25 000 operarios que trabalham nas suas refinarias, as equipagens dos seus 200 navios, os empregados dos caminhos de ferro dos conselhos d'administração aos quaes pertence, podem ver-se d'um dia para o outro privados da fatia de pão se o potentado achar isso agradavel. Nunca tyranno antigo gozou d'um poder tão discricionario. E não é tudo ainda. Queiram escutar que ha mais e melhor?

Pelo simples terror que inspiraram a um tempo os seus milhões e a sua vontade John D. Rockefeller conseguiu impor á Companhia dos Caminhos de ferro de Pensylvania um tractado aos termos do qual esta companhia se compromette a fazer pagar aos refinadores, pelo transporte do seu petroleo, um preço *duplo* d'aquelle que ella recebe da *Standard Oil Company*. Os directores da companhia, que ao principio se tinham recusado, foram prevenidos de que, se persistiam na recusa, seriam expulsos do seu logar. Já possuidor d'um grande numero d'acções do caminho de ferro da Pensylvania, John Rockefeller decidiu-se ainda a adquirir as que lhe faltavam para ser o unico senhor das deliberações e povoar o conselho d'administração de creaturas suas. E' de resto o que elle já fizera com a companhia dos caminhos *New-York Central* que no entanto pertencia a Vanderbilt. Ahi tractados tinham sido feitos com certos proprietarios de altos-fornos para o transporte do ferro. O Rei do Petroleo fez rasgar os contractos. Aproveitou mesmo a occassião para concluir outros em seu beneficio e concernentes aos seus petroleos. O velho Vanderbilt, que não era todavia nem um ingenuo nem um indulgente, não se mostrou zangado pela forma porque John Rockefeller o embuira desde então e concebeu por elle uma admiração sem limites.

Muito recentemente notou-se que uma companhia de transportes de New-York, a *New-York Transit Company*, que não tinha querido nunca dobrar-se as exigencias da *Standard Oil*, tinha um pessoal inteiramente novo. Directores e administradores, em uma assemblea geral d'accionistas, tinham sido despedidos e substituidos por outras pessoas conhecidas por pertencer já ás innumeraveis sociedades sobre as quaes John Rockefeller tinha a mão. Nos primeiros dias da sua reorganisação a *New-York Transit Company* não transportou senão os petroleos da *Standard Oil*.

Mas, mas logo ao fim da primeira quinzena, ella aceitava carregamento de toda a especie para a America e para o estrangeiro e tomava uma formidavel extensão. Hoje, ella manda sobre as outras emprezas de transportes e ameaça de *boycotter* aquellas que

não se submeterem cegamente ás suas vontades. A sorte d'estas companhias é desde já de tal modo prevista que os accionistas, perfeitamente ao facto do que os espera, vendem n'este momento os seus titulos, que John Rockefeller compra por baixo preço e que terão, antes do fim do anno, attingido a cotação antiga. Em Wall Street, não se calcula em menos de 50 milhões o lucro que o Rei do Petroleo vae realisar com esta operação :

Foi em condições identicas que elle comprou, por menos da decima parte do seu valor, as minas de ferro do Lago Superior e as de Cuba. Fez outrotanto com as minas de chumbo e com as acções de certos bancos, que hoje estão á mercê d'elle.

## CINCO MILHÕES DE ORDENADO

Parece ns entanto que tudo acaba por aborrecer pois que o Rei do Petroleo manifesta emfim velleidades de repouso. Elle está fatigado d'este acaparamento continuo de de milhões, fatigado da incessante contensão d'espírito á qual o condemnam as suas innumeras emprezas, fatigado talvez tambem dos odios levantados em torno de si pelas suas crueldades e pela sua rapacidade. Tambem, como Tircis, sonha com reforma e busca com empenho, um homem seguro sobre quem descarregar o fardo dos seus negocios. Mas não se procura illudir pois que sabe que um homem como elle é de difficil substituição. E acaba de annunciar que dará um *salario annual de cinco milhões* ao phenix incomparavel que queira consentir, no futuro, em pensar e operar por elle.

Esta noticia causou, como bem se comprehendendo, uma grande sensação. A maior parte d'aquelles que conheciam John Rockefeller, recusavam-se a acreditar. Todavia, esta lassitude transpirou n'um discurso dirigido pelo Rei do Petroleo aos mancebos da egreja da Quinta Avenida.

— O que chamam triumphar? perguntava elle. Ganhar dinheiro? Mas isto é bem um successo? O homem mais rico que eu conheço não tem senão dinheiro. Se hoje tivessé de escolher, eu preferiria nada possuir ou pouca coisa e ter um fim na vida.

Nessa noite no Club a expressão de fadiga e tristeza de John Rockefeller chocou toda a gente. N'um momento foi rodeado. Era então verdade? Procurava o Rei do Petroleo deixar os negocios, desembaraçar o seu cerebro das mil e uma preocupações absorventes das quaes era a presa desde ha tanto tempo? Elle respondeu affirmativamente e com a maior energia.

— Sim, eu procuro um homem para me substituir. Encontral-o-hei? Cinco milhões é uma grossa somma e feita para tentar as energias. E no entanto, não peço o impossivel! Bastaria conhecer a fundo a produção do petroleo e os processos de o refinar. Bem entendido que seria necessario ter igualmente um conhecimento aprofundado dos caminhos de ferro e da sua administração, estar ao corrente do ferro empregado industrialmente e das minas de ferro, saber o valor da propriedade immobiliaria...

— E' tudo? aventurou um dos seus amigos.

— Pouco mais ou menos. No entanto eu exigirei ainda noções precisas e completas sobre a navegação a vapor, a direcção e a exploração d'uma companhia de transportes maritimos. A finança preocupa-me menos. Bastaria não ser n'isto inteiramente um noviço. Mas deseiarei que o homem que me substitua saiba na ponta dos dedos os mysterios da Bolsa e dos mercados de valores. Veem que apesar de tudo não é difficil como beber o mar. Queria além d'isto que o escolhido fosse d'uma probidade exemplar, d'uma probidade tal como eu a comprehendendo e não tivesse sombra do que se chamam escrupulos.

— O que entende por escrupulos? perguntou o seu interlocutor.

— Eu me explico! Ser-me-hia necessario uma natureza tão nobre que os interesses do seu patrão fossem, para esse homem, como os proprios d'elle, e ao mesmo tempo um caracter tão frio e tão inflexivel que a ruina d'uma duzia de industrias fasendo viver milhares de familias, lhe fosse coisa absolutamente indifferente. O homem que eu escolher será sobrio, industrial, energico : e será ao mesmo tempo audacioso.

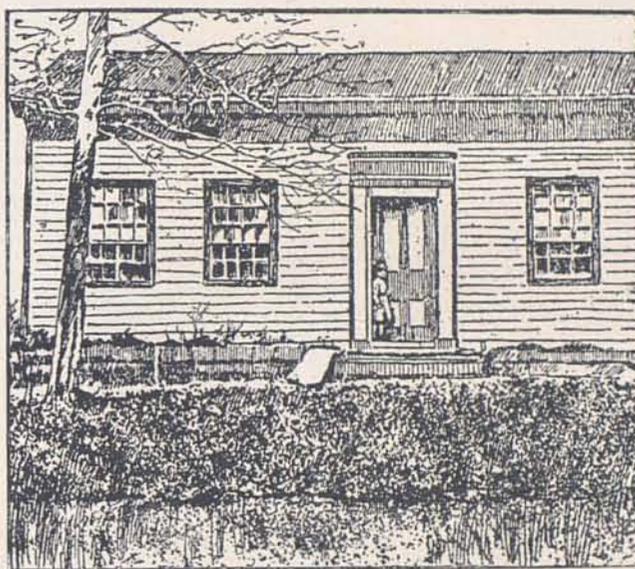
Conhecerá os homens e far-se-ha aborrecer. Saberá diminuir aos salarios e faser subir os preços. Repouso nunca, descanso nunca, o trabalho obstinado d'um extremo do anno ao outro.

Nada de ferias! Em uma palavra, o que eu busco, é um outro eu, o que quizer ganhar os cinco milhões por anno, não terá senão que tomar-me por modelo... Sabem, ajunctou terminando, que além da *Standard Oil* e de todos os meus outros negocios, tenho n'este momento 38 000 milhas de caminho de ferro a vigiar... Ah! se eu achar o que busco!... Darei de boa vontade 500 000 francos ao que me encontrar este bomem!

E, depois de ter saudado, com um olhar circular os membros do Club que o cercavam, John D. Rockefeller desceu as escadas com o seu passo pezado e ganhou a pé o sen palacio da Quinta Avenida.

## A MARCHA DOS REIS

O retrato traçado pelo Rei do Petroleo do homem de negocios tal como elle o comprehende, ennumera bem as qualidades



Casa onde Rockefeller passou a sua infancia.

necessarias — se este egoismo monstruoso póde ser tomado por um conjuncto de qualidades — áquelles que pretendem triumphar nos *Trusts*. Sem ter attingido talvez o ponto culminante por que ellas se manifestam em John D. Rockefeller, vemol-as evidenciar-se tambem n'um alto grau na maior parte dos actuaes millionarios de New-York. Os processos empregados por os outros Reis não differem em nada ou em bem pouca coisa — d'aquelles que vimos de passar em revista. O que Rockefeller fez para os caminhos de ferro, Henrique O Havemeyer para os assucars, Andren Carnegie para o aço, Robert Knight para o algodão, W. A. Clark para o cobre, etc.

No numeros dos mais rapaces entre estas aves de presa, é necessario collocar os Reis do Assucar, os irmãos Henrique e Theodoro Havemeyer, ou pelo menos Henrique, porque seu irmão Theodoro morreu em 1897, não sem ter representado um papel de primeria ordem nas operações muitas vezes contestaveis que edificaram a fortuna da familia.

Apiedados por alguns capitalistas que elles religiosamente esbulharam depois, os irmãos Havemeyer fundaramem 1888 o *Sugar-Trust*. Não passou primeiro de uma especulação sobre os preços. Por meio de assucars accaparados, seja nas Antilhas seja nos mercados da Europa, o *Trust* conseguiu faser descer ou subir os preços á sua fantasia, e os primeiros milhões de dollars foram realizados por esta forma. Mas, desde que elles entraram em caixa, o circulo das operações alargou-se. Em 1890 a refinação d'assucar mais importante da America, a *North River Refining Company*, foi puramente e simplesmente convidada pelo *Trust* a fechar as suas portas. E' preciso confessar que ella recusou. As operações foram desde então dirigidas contra ella. Os seus clientes foram avisados que o assucar lhe

seria vendido pelo *Trust* 20 o/o mais barato do que por ella. Sem prever que consequencia poderiam resultar para elles e não olhando senão ao lucro immediato, os clientes abandonaram immediatamente a *North river Refining Company* cujas acções degradingolaram com uma rapidez vertiginosa. Depois, um bello dia, o *Trust* avisou aquelles que fornecia de que o preço do assucar, de futuro, seria o que tinha sido anteriormente e mais 25 o/o. Immediatamente as pessoas que tinham abandonado a *North River Refining Company* voltaram em massa e encontraram os antigos preços que lhe faziam pagar outrora augmentados d'um ligeiro augmento.

Somente não tardaram em perceber que a *North River Refining Company* se tinha tornado propriedade do *Trust* por uma somme de 350000 dollars, graças á qual os irmãos Hevemeyer tinham comprado todas as acções. Um mez mais tarde, o *Trust* restabelecia a sua aquisição em acções ao preço de 700000 dollars. Eram 1750000 francos que os Reis do Assucar embolsavam, sem fallar dos seus lucros anteriores.

No anno seguinte, faziam com a *Sugar Refining Company* uma operação identica. Dois outros estabelecimentos que julgando-se com os rins solidos, tinham tentado resistir, capitulavam por sua vez. O *Trust* acabou por lhes pagar 7 milhões e meio de francos que poz em acções no capital de 20 milhões. Desde então, Henrique Hevemeyer foi o senhor incontestado do mercado do assucar na America. A sua fortuna excede hoje a mil e duzentos milhões. Sobre as 1500000 toneladas de assucar annualmente consumidas nos Estados Unidos, 1200000 toneladas são fornecidas por elle. Estabelece como bem quer os preços, varre os recalcitrantes e retira um lucro annual de 105 á 115 milhões de francos.

De resto, com o *Sugar Trust*, nós encontramos cifras absolutamente fantasticas. O reino de Henrique O. Havemeyer compõe-se de vinte e duas refinações de assucar sobre as vinte e quatro que existem nos Estados Unidos. Essas refinações estão esparsas nas nove grandes cidades, Brooklyn, Philadelphia, Boston, Jersey City, São Francisco, Portland, Baltimore, São Luiz e a Nova Orleans. Cada refinação conta em media um milhar de operarios, 20000 ao todo.

Conforme os usos dos *Trusts*, o *Sugar Trust* fabrica elle proprio tudo o que lhe é necessario. Em cada uma das nove cidades onde estão as suas refinações, possui uma tanoaria monstro, onde são confeccionados os tonneis que servem para o transporte do assucar. Possui igualmente depositos de carvão, nove fabricas para a fabricação do negro animal, empregue, como se sabe, na refinação do assucar; sem contar os armazens, as docas, as reservas de toda a natureza. 5000 homens são empregados simplesmente a cortar a madeira e a preparar as aduellas que farão os barris. Ha outros 5000 na manipulação do carvão, nas fabricas do negro animal, etc. É, pois, um exercito de 30000 trabalhadores que Henrique O. Hevemeyer tem sob as suas ordens, e que, por consequente, morrem conscienciosamente de fome, o Rei do

Assucar sendo considerado como um dos mais ferozes entre o mais desapiedados dos seus congeneres.

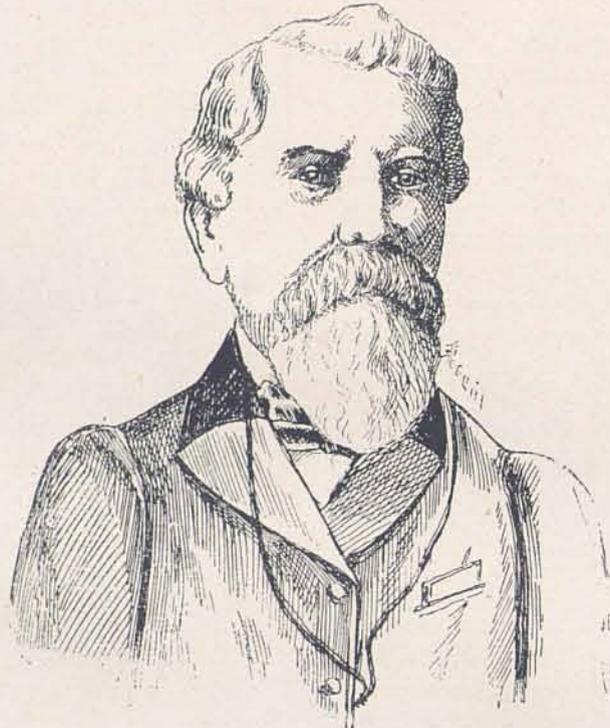
Diante da commissão senatorial encarregada do inquerito sobre os *Trusts*, Henrique O. Havemeyer apresentou, com uma audacia que só a certeza da impunidade explica, cifras sobre as quaes não será demais meditar. A fortuna do *Sugar Trust* eleva-se a 750 milhões, rendendo annualmente 150 milhões quer diser 20 p. 100. As despezas annuaes de exploração são de 165 milhões, cuja metade, 82 milhões, para salario do pessoal. As machinas do *Sugar Trust* são no numero de 275 desenvolvendo collectivamente 84000 cavallos e sempre em movimento. Cada ora gastam 2800 toneladas de carvão e 17000 cubicos d'agua. O simples empacotamento do assucar consome cada anno 220 milhões d'aduellas, 16 milhões de pares de fundos, 100 milhões de e 20000 barris de pregos. A produção diaria do assucar é de 45000 barris. Ajuncte-se que a sede social do *Sugar Trust* é n'uma casa de mais que simples apparencia, situada no 117, Wall Street, e que o Rei do assucar occupa no segundo andar sobre o pateo, um quarto dos mais modestos. E' de lá que elle governa o seu imperio e que decide da vida e da morte dos seus 30000 vassallos. Com cincoenta e um anno, que tal é hoje a sua idade, vê a cifra consideravel dos seus milhões engrossar de hora para hora.

Poder-se-hia crer que Henrique O. Havemeyer tem o direito de se dar por satisfeito e que mil e duzentos milhões constituem uma somma á qual todo o homem se póde limitar.

No entanto, isso não basta, ainda á sua ambição. A venda por grosso pertence-lhe sem contestação: elle quer que aconteça outro tanto com a venda a retalho e, n'este intuito, acaba de abrir o *Trust* á *General Grobery Association* ou Sindicato

dos mercieiros. Arrigementados por bem ou á força no *Trust*, os mercieiros por atacado devem tomar o compromisso de não vender os assucareos aos vendedores a retalho por outros preços que não sejam os fiados pelo todo poderoso potentado Havemeyer. O unico ganho que lhe é concedido é da commissão de 18 p. 100 que lhe é feita pelo *Trust*. Em seguida todos os retalhistas pagam o mesmo preço e revendem por preço igual ao consumidor. Elles recebem tambem o seu lucro sob a forma d'um desconto por parte dos vendedores por grosso. Resulta d'isto que negociantes de atacado e negociantes de retalho não são senão corretores do *Trust*, corretores sem ordenado, não ganhando senão porporcionalmente a cifra de negocios que realisarem. Em dez annos, não sómente a America, mas o mundo inteiro será tributario, para o assucar de canna, da casa Havemeyer, cuja formidavel fortuna terá d'aqui lá dobrado pelo menos. O *Trust* atacará então o assucar de beterraba sobre os mercados da Europa e fará de vós, Francezes, Inglezes, Allemães, o que já fez de nós, puros e simples contribuintes vindo deixar entre as suas mãos um verdadeiro imposto de consumo, recebido em nome de particulares em vez de ser no nome do Estado.

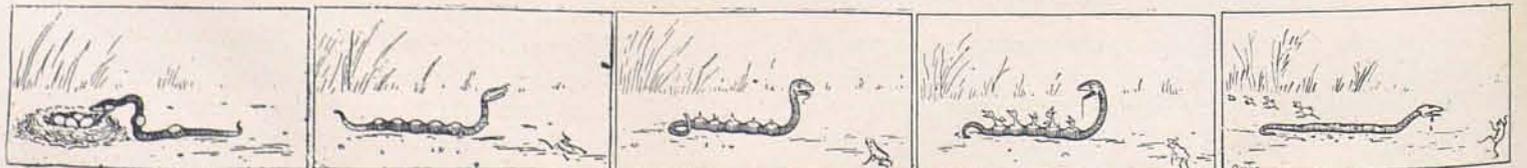
L. DE NORVINS.



ROBERTO KNIGHT

O rei do Algodão.

(A continua.)



# A Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 28.

Como para acolher Gonçalo triumphalmente o portão grande estava escancarado. E elle sem apaar, atirou a egoa, para o meio do pateo, chamando :

— Oh Joaquim! Eh lá! um de vocês!

O Joaquim surdiu do fundo da cavallariça em mangas de camisa, arregaçadas, com uma esponja na mão.

— Oh Joaquim, depressa! gritou Gonçalo sem desmontar. Apparella o Ruço, corre a um sitio ao pé da estrada de Corinde que chamam a Grainha... Tive agora lá uma grande desordem! Creio que dei cabo de dous homens... Ficaram n'uma poça de sangue! Não digas que vaes da Torre, que te podem attacar! Mas sabe o que succedeu, e se estão mortos... Depressa.

O Joaquim remergulhou no escura cavallariça. E uma espantada exclamação partio de cima d'uma das varandas do corredor :

— Oh Gonçalo, o que foi, santo Deus, o que foi?

Era o Barrôlo. Sem desmontar, sem estranhar a apparição do Barrôlo, Gonçalo atirou logo para a varanda, a historia da bulha, n'um resumo offegante. Um malandro que o insultara... Depois outro que desfechara a caçadeira... E ambos derribados sob as patas da egoa, lacerados a chicote, e n'uma poça de sangue.

O Barrôlo desapareceu da varanda — n'outro instante, assomava no pateo, com os braços erguidos, enfiado. Mas então? mas então?... E Gonçalo, desmontando, trémulo agora, no cançasso de sua emoção recommençou a historia, detalhando os lances... O malandro de barbas louras que o injuriara ergue o pau! A esse rasgara a boca, decepara a orelha... Depois o outro, que desfechara o tiro, cortado com tantos golpes de chicote, que rolara, para cima d'uma pedra como morto.

— E com este chicote, Barrôlo! Arma terrível... Bem dizia o Titó! Estou perdido se não levo este chicote.

Esgaseado, Barrôlo remirava o chicote. E sim, com effeito ainda vinha todo manchado de sangue... Então Gonçalo, reparou, no sangue do chicote, pasmado. Sangue de gente! sangue que elle arrancara!... Atravez do seu orgulho, uma piedade aterrada passou :

— Que desgraça, vejam que desgraça!

— Examinou vivamente todo o fato, as botas, no horror de conservar alguma nodoa de sangue!... Sim, santo Deus! sangue na polaina!... E immediatamente ancioou por se despir e se lavar, e purificar d'aquelle sangue d'homem que o salpicara. Galgou vivamente a escada, com o Barrôlo sobre os calcanhares, que rebojava, balbuciava assombrado : — « Ora uma d'essas! ». Mas no corredor, subindo n'uma carreira, da escada da cosinha, appareceu Gracinha, toda, pallida, com a Rosa atras, que erguia os braços n'um pavor mudo :

— Que foi Gonçalo? Jesus que foi?

Então, vendo Gracinha, junto d'elle, na Torre, n'essa hora magnifica do seu orgulho, depois de tão rijo perigo vencido, Gonçalo esqueceu o Cavalleiro, o Mirante, as sombrias humilhações, e no abraço com que a apertou, nos fortes beijos que atirou á face queirida, todo o seu amuo se fundio em ternura... Com ella ainda chegada ao coração suspirou; suspirou levemente, como uma creança cançada. Depois tomando as suas duas mãos tremulas, com um lento sorriso enternecido, em quanto os olhos se lhe humedeciam de confusa emoção, de confusa alegria.

— Pois foi o diabo, filha! Uma desordem horrível, eu que sou tão pacato. Imagina tu...

E pelo corredor, recommençou, para Gracinha que arfava anciosamente, para a Rosa que gemia desabaladamente, a historia do encontro e o pulo da egoa, e a orelha decepada, o tiro que fallara

e os malandros estirados no terreiro, e o velho marchando como um captivo, pela estrada de Corinde. Mas o terror maior de Gracinha era que realmente algum dos homens estivesse morto.

E o Barrôlo, mais vermelho que uma pionia, berrava que taes malandros mereciam ricamente a morte! E mesmo feridos, ainda necessitavam castigo, rijo! O Gouveia! era necessario, mandar a Villa Clara, avisar o Gouveia? Mas a porta da livraria, batteu, arremessada e foram os braços do Bento, de jaqueta de ganga que se ergueram. deante de Gonçalo, n'uma ancia.

— Então, Snr Doutor... Diz que uma grande desordem.

E á porta do escriptorio, todos parados, de novo attentos, a historia recommençou, especialmente para o Bento, que a bebia, abrindo um riso de gosto crescendo todo, com os olhinhos humidos a reluzir, como se tambem triumphasse. Por fins, desabafou, triumphou :

— Foi o chicote, snr Doutor. O que servio ao snr Doutor, foi o chicote que eu lhe dei?

Era verdade. E Gonçalo commovido, abraçou o velho creado, que resplandecia, gritava para a Rosa, n'uma excitação, e para o Barrôlo :

O Snr. Doutor deu cabo d'elles! Aquelle chicote matta um homem! Os malvados estão mortos! E foi o chicote! Foi o chicote que eu dei ao Snr. Dr.

Mas Gonçalo declarou que se queria despir lavar, sacudir todos os vestigios da desordem. E o Bento correu logo, buscar agoa quente, gritando ainda pelo corredor, pelas escadas da cosinha « que fora o chicote, o chicote que elle dera ao Snr. Dr. »! Gonçalo entrara no quarto com o Barrolo : e pousando o chapeo sobre a commoda, soltou um longo *ah* consolado! Era o fundo consolo de se encontrar, depois de tão violenta manhã, n'aquella segurança do quarto, pisando o velho tapete azul, entre as doces cousas costumadas, o gasto divam para se estender, o immenso leito de pau preto em que nascera, e deante das vidraças abertas, as ramagens das faias, que se moviam na aragem e que o saudavam. Com que gosto se acercou do alto espelho de columnas douradas, e se mirou, se remirou, como a um Gonçalo renovado, mais agradável de contemplar, agora que a graça lhe acrescera a força!

E foi voltando do espelho encarando o Barrôlo que subitamente uma curiosidade o atravessou.

— Mas, oh Barrôlo, como è que vos encontro esta manhã na Torre?

Fôra uma resolução da vespera, ao chá. Gonçalo não apparecia, não escrevia. Gracinha matutava, inquieta. Elle tambem s'espantava, d'aquelle sumiço depois do cesto dos pecegos.

De modo que lembrara a Gracinha : — Vamos nós amanhã á Torre?

— Alem d'isso precisava fallar comtigo, Gonçalo... Tenho andado aborrecido.

O Fidalgo accomodava duas almofadas no divan, onde se enterrou :

— Como aborrecido? Aborrecido por que?

Barrolo sacudio os hombros como carregados de melancolias, franziu a bochechuda face que estourava de prosperidade e saude :

— São uma grande secca estas terras pequenas!...

E rebuscando no bolso interior da rabona, tirou uma carta, já amarrotada, depois alisada, que estendeu a Gonçalo.

Gonçalo abriu a carta sem sobresalto, — tanto a inesperada emoção da manhã afastava para uma sombra inferior todos os cui-

dados que lhe andavam n'alma. Eram poucas linhas n'uma letra miudinha, que elle apenas relanceou, declarando logo, com serenidade :

— É das Louzadas.

Depois leu vagarosamente enterrado nas almofadas : « Ex. Snr » Jozé Barrolo. — V. Ex.<sup>a</sup>. apesar dos seus amigos o alcunharem de » *Zé bacoco*, mostrou agora muita esportosa, chamando de novo » para a sua intimidade e de sua digna esposa, o gentil André » Cavalleiro, nosso Governador Civil. Com effeito a esposa de V. » Ex.<sup>a</sup>, a linda Gracinha, que n'estes ultimos tempos andava » com ar tão murcho e até adoentado (o que a todas nos inquietava) immediatamente reflorio, e ganhou côres, e alegrou como » uma andorinha, desde que possui a valiosa companhia da primeira » meira authority do districto. Portou-se pois V. Ex. como » marido zeloso, e desejoso da felicidade e boa saude de sua interessante esposa. Os nosso sinceros parabens! »

Gonçalo, guardou serenamente na algibeira aquella carta que, dias antes, o lançaria em infinita amargura e furia. E para o Barrolo, que esperava com as bochechas abrasadas e as mãos inquietas amarrotando o forro das algibeiras :

— É das Louzadas... E tu deste importancia a semelhante babuseira?

Ante aquella desdenhosa indiferença do cunhado, Barrôlo, um momento desconcertado, exprimio logo tambem indiferença e desdem :

— Eu? Ora essa! Não dei importancia nenhuma! Nem mostrei á Gracinha! Mas fiquei aborrecido. Embirro com bilhetinhos anonymos... E depois logo aquella insolencia a respeito dos amigos me chamarem *BACOCO*... Foi o que me enfureceu. Grande infamia, hein? E só para lançar sizania entre mim e os rapazes... Quanto ao resto é tão estúpido, tão atrapalhado que, ao principio, nem comprehendí. Agora percebo... Querem dizer que a Gracinha e o Cavalleiro, teem namoro... É o que me parece que querem diser! Ora vê tu que disparate. Alem da calunnia, o disparate! Até a intimidade do Cavalleiro é mentira. O pobre rapaz, desde que lá jantou, só appareceu tres ou quatro vezes, á noite, para a manilha, com o Mendonça... E agora até abalou para Lisboa.

O interesse do Fidalgo despertou então tão vivamente que o levantou, com um salto, das almofadas do divan.

— O quê! o Cavalleiro foi para Lisboa?

— Pois partio ha tres dias!

— Com demora?

— Sim, com demora, com grande demora... Só volta no meado d'outubro para a eleição.

— Ah!

Mas o Bento ainda n'uma excitação que o azafamava entrou com o jarro d'agoa quente. E Barrôlo (como não podião seguir, na delicada conversa) desceu á cavallariça, para visitar a sua parrelha que desde Oliveira, sem descanso fizera uma trotada esplendida. E nem um pello suado!

— Então até logo Gonçalo. Tn guardaste a carta?

— Guardei, para estudar a lettra.

Mas apenas Barrôlo cerrara a porta o Fidalgo, recomeçou, com o Bento, a deliciosa historia da briga detalhando mais miudamente os lances, simulando os arremessos da egoa, arreatando o chicote para, representar, as cutiladas silvantes... E de repente, em ceroulas.

— Oh Bento vae buscar o meu chapeo... Estou desconfiado que a bala roçou pelo chapeo. Ambos reviraram, remiraram o chapeo. O Bento affirmava que no alto, a borda da copa estava amolgada — até chamuscada.

— Acho que a bala passou de raspão, Snr. Doutor!

— Não! Nem de raspão! Quando o malandro desfechou já o braço lhe tremia. Devemos agradecer a Deus, Bento. Mas eu realmente não corri grande perigo!

Depois de vestido, Gonçalo passeando no quarto, releu a carta. Era certamente das Louzadas. Mas agora (pensava elle) aquella maledicencia, soprada com tão sordida maldade sobre as pobres bochechas do Barrôlo, não cauzava damno — antes servia, quasi beneficemente, como a brazza d'um ferro, para sarar um damno...

— Oh Bento onde está a Snr.<sup>a</sup>. D. Graça?

A menina subio agora ha pouco para o seu quarto, Snr. Doutor.

Era o seu quarto de solteira onde se conservava o seu leito de linda madeira embutida, e um toucador que pertencera á Rainha D. Maria Sophia, e o sopho forrado de casimira clara em que bordara o Açor negro dos Ramires. E sempre que vinha á Torre Gracinha gostava de reviver uma antiga hora no seu quarto, compondo o cabello, remexendo os armarios, as gavetas vasiaas, folheando velhos romances inglezes na estantesinha envidraçada, ou simplesmente da varanda olhando a querida e negra Torre, o pomar, toda a quinta até aos outeiros de Valverde.

Gonçalo subiu, bateu á porta cerrada com o antigo aviso : — « Licença para o mano! » Ella correu da varanda, onde regava as plantas dos seus vasos de solteira e de que agora a Rosa cuidava, com carinho. E logo, como desabafando o pensamento que a enchia :

— Oh Gonçalo! mas que felicidade nós virmos á Torre, justamente hoje, que te succedeu cousa tamanha!

— É verdade, Gracinha, grande sorte! E è curioso! não me admirei nada de te ver... Era como se vivesses, ainda na Torre, e muito naturalmente te encontrasse no correr... Quem eu estranhei foi o Barrôlo! E no primeiro momento depois de desmontar, emquanto contava a desordem, pensava vagamente « mas que diabo faz aqui o Barrôlo? como se acha aqui o Barrôlo? » Curioso, hein? Foi talvez que, depois da desordem, me senti de repente remoçado, com um sangue novo e forte, e me julguei no tempo em que desejavamos uma grande guerra em Portugal, e nós cercados na Torre, atirando bombardas contra os hespanhoes...

Ella ria, bem lembrada d'essas imaginações heroicas. E com o vestido entalado entre os joelhos continuava regando os seus vasos — em quanto Gonçalo encostado á varanda, considerava a Torre, retomado pela idea d'uma concordancia, mais certa, mais intima, que desde essa manhã se estabelecera outre elle e a sua velha torre, como se a sua força tanto tempo quebrada e vacillante se soldasse enfim firmemente á força secular da sua raça.

Oh Conçalo! tu deves estar muito cansado! Depois d'essa verdadeira batalha...

— Não cansado, não... Mas com fome. Com fome, e com uma sede esplendida.

Ella pousara o regador sacudia as mãos risonhamente.

— Pois do almoço te posso dar boas noticias... Ja andei a trabalhar na cosinha, com a Rosa, n'uma pescada á Hespanhola... É uma receita nova do Barão das Marges...

— Então insonsa como elle...

— Não picante. Foi o Snr. Vigario Geral que lha ensinou.

E como, deante do toucador, ella arranjava á pressa os ganchos do cabello, repuxava o corpete, se preparava a descer para o almoço, Gonçalo, torcendo nervosamente o bigode, lançou uma palavra bem natural, bem simples, mas que em ambos, no segredo de cada coração, levantava agitação e duvida :

— Então em Oliveira? Que se tem passado em Oliveira?

Ella sorriu, com um esforço, um rubor inquieto, que lhe desalegrou o sorriso Nada... Não tem havido nada. Muito calor...

Gonçalo rondava o toucador n'uma volta vagarosa :

— En sei apenas que as Louzadas, as tuas amigas. Louzadas, teem continuado em plena actividade...

Ella exclamou, candidamente.

— Não! não teem apparecido...

— Mas teem tecido!

E como os verdes olhos de Gracinha se alargaram, sem comprehender, Gonçalo tirou da algibeira a carta anonyma que lhe entregou aberta :

— Ahi está o que ellas ainda ha dias escreveram a teu marido.

N'um, relance, Gracinha devorou as linhas terriveis. E com uma ardente onda de sangue na face, apertando as mãos n'uma afflicção em que amarfanhou a carta :

— Oh Gonçalo! pois...

Gonçalo accudio :

— Não! o Barrôlo não se importou! Até se rio! E eu tambem, quando elle ha bocado me deu esse papellucho para ler... E a prova

que ambos o consideramos uma mexerequice tola, è que eu agora t'o mostro francamente.

Ella conservara a carta toda amarrotada nas mãos tremulas, emmudecida pelo espanto, retendo as lagrimas que já rebrilhavam. E Gonçalo com uma gravidade commovida :

— Mas tu Gracinha sabes o que são terras pequenas... Sobre tudo Oliveira. Precisas muito cuidado, muita reserva. Ai de mim! a culpa foi minha. Reatei relações que nunca se deviam, reatar. Bem me tenho arrependido... Gracinha! E acredita! por causa d'essa situação tão falsa, tão perigosa que eu creei, tenho passado aqui, aqui na Torre, dias amargurados, a malucar... Até por isso nem voltei a Oliveira. Hoje, não sei porque, depois d'esta aventura, parece que tudo se esbatteu, recuou para uma grande sombra... Emfim ja não me está tão em braza no coração... Por isso te fallo assim, serenamente.

Ella desatou n'um longo, doloroso choro. Com redobrada ternura Gonçalo abraçou os bellos hombros vergados que tremiam, sacudidos pelos fundos soluços, e foi com ella toda refugiada no seu peito, que ainda aconselhou, muito docemente :

— Gracinha, o passado morreu, e todos precisamos que continue morto. Pelo menos que por fóra, em cada acto teu, pareça bem morto. Sou eu, que t'o peço pelo nosso nome... Gracinha...

D'entre os braços do irmão, ella accudio com um grito soluçado e humilde :

— Mas elle até foi embora! Nem, quiz estar mais em Oliveira!

Gonçalo acariciou a acabrunhada cabeça que de novo se lhe escondera contra o peito, contra elle pesava, como procurando a mesericordiosa doçura que no coração lhe sentia :

— Bem sei. E isso me prova que tens sido forte... Mas precisas muita reserva, muita vigilancia Gracinha...

E agora socega. Não falleemos nunca mais n'este incidente. Por que foi apenas um *incidente*. E que eu de certo provoqueei, ai de mim, por leviandade, por ambição estúpida...

Mas passou... Está esquecido! E quando desceres para baixo, vem com os olhos bem seccos. E vem outra vez socegada...

Lentamente a desprendera dos seus braços, onde ella se apertava como na unica consolação e asylo mais certo. E sahia, com a garganta engasgada d'emoção, recalcando elle tambem as lagrimas : Um doloroso gemido, ainda o reteve.

— Gonçalo! mas tu pensas... Elle voltou, de novo a abraçou, a beijou gravemente na testa :

— Eu penso, que tu bem avisada, bem aconselhada, vaes mostrar muita dignidade. E penso tambem que teu marido não deve perceber que choraste.

Vivamente, a deixou, cerrou a porta. E na estreita escada, de claridade escassa, limpava as palpebras humidas, quando esbarrou com o Barrôlo, que subia procurando Gracinha.

— A Gracinha ja desce! atabalhoou o Fidalgo. Está a lavar as mãos! Ja desce! Vem tu comigo á cavallariça. Devemos uma visita á egoa, a essa querida egoa que me salvou!

— É verdade, caramba, exclamou logo Barrôlo! Precisamos visitar a egoa... Merece razão de assucar. Mas aposto que ficou mais suada que as minhas... Uma trotada d'aquellas, desde Oliveira, e nem um pello molhado! Grandes egoas! Tambem, o que eu olho por ellas! E não ha como a gente olhar attentamente pelas cousas da sua casa.

Gonçalo concordou — entraram na cavallariça, ambos affagaram a egoa. Depois o Fidalgo, pensando em Gracinha que no quarto, de certo refrescava a face, se calmava — arrastou o Barrolo ao pomar, á horta...

— Tu não vens á Torre ha perto de seis meses. Precisas ver os progressos... Passou por aqui a mão forte do Pereira de Riosa... Que te parece?

— Está bem, muito bem. Mas eu, tenho uma fome Gonçalinho! Tambem eu! Entramos pelo pateo da cosinha... Quero que admires os perus.

Uma hora battia quando elles subiram á varanda onde esperava a mesa posta — e Gracinha, á beira do divan com a face mergulhada n'uma velha *Gazetta do Porto*. Os seus bellos olhos, apesar de muito banhados conservavam uma vermelhidão : —

e para a justificar, e todo o seu modo abattido, alludio a uma enxaqueca que lhe viera com as emoções, o perigo de Gonçalo...

— Tambem eu tenho dor de cabeça, declarava o Barrolo, rondando a mesa. Mas a minha vem de fome... Oh filhos, è que estou aqui, desde as sete da manhã com uma chavena de café e um ovo quente!

Gonçalo, egualmente faminto berrou, pelo Bento, repicou a campainha. Mas quem appareceu á porta envidraçada da sala, affegado e risonho, foi o Joaquim moço que voltava do « Campo de batalha ».

Gonçalo atirou os braços, n'um alvoroço :

— Então? então?

— Pois lá estive meu Fidalgo! exclamou o Joaquim com immensa importancia. E vae por lá um povoleu, todos ja sabem! Mas o velho, o tal Domingues que mora na casa, e o filho, abalaram, ambos. O rapaz, ao que dizem, estava pouco ferido. E se cahio, sem sentidos, foi com o susto. O Ernesto de Naceja, esse sim, apanhou. Lá o levaram em braços para casa d'um compadre alli ao pé na Arribada. Parece que tem a cara deitada a baixo, e que fica sem orelha, e que fica sem bocca!... Pois era por alli o ai-jesus das moças!... E logo lá o carregam para o Hospital de Villa Clara que na casa do Compadre, não podê sarar. E vae um povoleu e todos dão a rasão ao Fidalgo. O tal Domingues era malandro. E o Ernesto esse Jesus do Ceu, ninguem o podia enxergar? Mas todos lhe tinham medo... O Fidalgo fez uma limpeza?

Gonçalo, esfregava as mãos radiante. Ainda bem que não passara damno forte, alem da belleza perdida do D. Juan de Nacejas!

— E então o povo está por lá, a fallar, a olhar para o sitio?

— Pois o povo não se arreda, E a mostrar o sangue, no chão, e as pedras por onde se atirou a egoa do Fidalgo... E agora contam que foi uma espera, e que desfecharam tres tiros ao fidalgo e que depois adiante no pinhal ainde saltaram tres homens mascarados que o Fidalgo escangalhou...

Gonçalo murmurou :

— A lenda que se forma!

O Bento entrava com uma larga travessa fumegante. E o Fidalgo depois de lhe recommendar que desse aos creados n'essa manhã para o jantar, duas ou tres garrafas de vinho de Porto — assentou a mão nas costas da sua cadeira e disse, entre grave e risonho — Pensemos um momento em Deus que me tirou hoje d'um grande perigo!

Barrôlo vergou a cabeça, respeitoso. Gracinha pensativamente fez o signal da cruz. E desdobravam os guardanapos. Gonçalo acclamava a travessa de pescada á hespanhola quando o pequeno da Crupola, empurrou ainda a porta envidraçada, « com um telegramma, que viera da Villa ». Houve uma curta curiosidade, inquieta. A manhã corraera tão cheia d'agitações e espantos! Mas, logo ás primeiras linhas, um sorriso de gosto se espalhara na fina face de Gonçalo, que corava :

— Não é nada... É do Castanheiro, por causa dos capitulos do meu Romance que eu lhe mandei. Coitado! Bom rapaz!

E, vagarosamente, recostado na cadeira, communicou o telegramma, que os seus olhos affagavam : — « Parte romance recebida. Leitura feita amigos, Enthusiasmo. Verdadeira obra prima! Abraço... »

Barrôlo, com a bocca cheia, bateu as palmas. E Gonçalo, sem reparar na cheirosa travessa da pescada que Bento lhe apresentava, mas deitando vinho verde no copo, com uma leve tremura da mão, um sorriso ditoso que não se dissipava :

— Emfim, boa manhã!...

Gonçalo, apesar da insistencia de Gracinha e do Barrôlo, não os acompanhou para Oliveira — no desejo de acabar, durante essa semana o Capitulo ultimo da Novella, e depois completar o preguiçoso giro de visitas aos influentes Eleitoraes do Circulo. Assim terminava a Obra d'Arte, e a obra de Politica, — e cumpria a sua tarefa desse verão, que Deus louvado, fóra fecundo.

Logo n'essa noite retomou o manuscripto, n'aquelle apparatuso lance em que o velho Tructesindo, correndo em busca do Bastardo, penetrava, á luz fumarenta e espalhada de archotes, no arraial de D. Pedro de Castro. Ahí, sob a tenda rude do velho homem de Guerra, (cujo leito á moda mourisca era uma camada de pelles de leão,) Tructesindo, contava, commovido e gravemente a morte de seu filho Lourenço, ferido na lide de Cantapedra e acabado á punhalada pelo Bastardo de Bayão deante das muralhas de Santa-Irenea, com o sol, no ceu alto, a olhar a traição! E o velho chefe dos Castros, esmurrando o joelho, jurava pela vida de Christo, que, em sessenta annos d'armas e surpresas de guerra, nunca ouvira de feito mais vil. Depois agarrando a mão do senhor de Santa-Irenea, ardentemente se lhe offereceu, para a santa empreza de vingança, e todo o poder da sua hoste — duzentas lanças e vasta e rija peonagem. Mas D. Garcia Viegas o *Sabedor*, sustentou logo que mais facilmente colheriam o Bastardo com um pequeno e destro troço de cavalleiros... Porque? Por que o Bastardo depois de se aligeirar, junto da Ribeira da carriagem e dos homens de pé, corra, de levada com a mira em Coimbra, para se acolher, á força da Hoste Real. Nessa noite, com os seus poucos cavalleiros, certamente pernoitara no solar alliado de Landim. E com o luzir da alva certamente, tambem para encurtar, continuaria a galopada pelo caminho de Miradães. Ora elle, Garcia Viegas conhecia certa passagem entre os montes, onde poucos cavalleiros, e alguns besteiros de antemão postados nos recostos aavez do bravo, apanhariam Lopo de Bayão como coelho em buraco. Tructesindo incerto e pensativo, mettia os dedos lentos pelos fios da barba.

O velho Castro, ja interessado pela rija montaria, mas menos conhecedor d'essas veredas e serras; duvidava, preferindo que se posesse batalha larga ao Bastardo em campo onde se avantajassem tantas lanças como elle levava. Então o velho Garcia Viegas pedia áquelles senhores para sahirem fora da tenda, ao terreiro, com abundancia de tochas que bem allumiassem. E ahí, no meio dos cavalleiros, curiosos á claridade forte, dos archotes que os pagens inclinavam D. Garcia, sentado n'um escabello riscou sobre a terra arenosa, com a ponta d'uma adaga, todo o roteiro da caçada... D'alli, da honra Landim, largaria com a alva o Bastardo... Por aqui, mais cedo, quando a lua nascesse, abalarião elles com cavalleiros de Ramires e de Castros para que todos, gosassem a lide. Alem se postariam, escondidos nos bravios da terra, besteiros e peões de frecha. Por traz, d'este lado para surdir e pescar o Bastardo, o Snr. D. Pedro de Castro, se tanta ajuda houvesse por elle de ser concedida ao Senhor de Santa Irenea. Por diante acolá para o colher o villão, o Snr D. Tructesindo, que era o pae, e Deus mandava fosse o vingador. E aqui na abertura o derrubarião e o sangrarião como um porco, — e como o sangue era vil, a um tiro de besta terião agoa farta para lavar as mãos, a agoa do *pégo das Bichas!*... « Famosa traça! » murmurava Tructesindo. E D. Pedro de Castro entusiasmado, bradava atirando um faiscante olhar, para os Cavalleiros d'Hespanha : — « Vida de Christo, que se meu pae tivera por Caudel aqui o Snr D. Garcia, não o apanhavam os de Lara quando elle levava o Rei menino, na grande carreira, para as muralhas de Soria! » Depois todos recolheram as tendas — que já nas altas fogueiras lourejavam os cabritos da ceia, e os uchões acarretavam d'entre os carros da Sarga, os odres de vinho.

Com a ceia no arraial grave, e sem ruido, por que um luto cobria o coração dos hospedes — Gonçalo, terminou n'essa noute o seu capitulo. E no quarto, em quanto se despia, (depois de recordar algumas paginas do Poemeto do tio Duarte) traçou todo o movimento da briga curta em que o Bastardo, por seu turno, cahiria captivo e á mercê do bando vingador de Santa Irenea.

— Mas, ao outro dia, antes d'almoço, ao abancar com gosto, para o trabalho — foi surprehendido por dous telegrammas, que o deliciaram, o distrahiram da ardente correria contra o Bastardo de Barão. Eram dous telegrammas d'Oliveira, um do Barão das Marges, outro do capitão Mendonça — ambos com parabens ao Fidalgo por ter escapado do assalto, e destroçado os valentões de Nacejas. O Barão das Marges accrescentava mesmo — « *Bravo!* » Gon-

çalo concluiu que a nova da sua façanha ja se espalhara, por Oliveira impressionada.

Depois, ao batter meio dia appareceu com grande ruido e grandes abraços o Titó, acompanhado pelo João Gouveia que chegara na vespera da Costa, soubera logo a aventura, e antes de averiguações como autoridade, corria á Torre, como Amigo. Gonçalo logo, generosamente, pediu « que se não procedesse contra os bandidos. » O Administrador recusou, decidido e secco, proclamando o principio da Ordem, e necessidade d'um exemplo forte!... Elle e Titó almoçaram na Torre : — e Titó, á sobre mesa, arredou a cadeira bramou um brinde, declarando que Gonçalo agora « era cá da bella confraria dos que dão!... » João Gouveia reclamou « a narração veridica, graphica, da desordem, como deante d'um tribunal. » E na varanda, toda a manhã o Fidalgo, deliciado, repisou a historia heroica, simulando, com o chicote, e sobre o divam (que terminou por esgaçar) os golpes que arremessara aos « malandros ». Depois o Administrador e o Titó visitaram a egoa, na cavallariça; e em quanto os acompanhava até ao portão aavez do pateo, Gonçalo ainda recomçou, imitou os arremessos magnificos da egoa, o valentão de Nacejas tombando!...

E á noute na Assembleia foi acolhido como o Vencedor d'uma Batalha illustre. Por proposta do velho Ribas, flamejou um grande punche — o Commendador Barros desejava que no Domingo seguinte se celebrasse em S. Francisco um Te Deum de graças, cujas despesas elle costearia, com orgullo! Á sahida, acompanhado pelo Titó, pelo Gouveia, por outros amigos encontraram no Chafariz o Videirinha — que não pertencia a Assembleia, mas rondava, esperando o Fidalgo, para lhe lançar uma trova nova do *Fado*, improvisada n'essa tarde em que o exaltava acima dos outros Ramires, pois que sem armas, com um chicote de passeio se lançava aos lances mais arriscados.

E com o chicote destroça.

Os valentões mais fallados! :

A esta eloquente rima os amigos romperam em *vivas!* sob as arvores do Chafariz : E Gonçalo recolheu á Torre pensando : — É curioso! Esta gente toda parece gostar de mim! »

Mas que surpresa, que emoção quando, ao outro dia, o Bento o accordou com um telegrama de Lisboa! Era do Cavalleiro, que soubera pelos jornaes, o attentado, e lhe mandava entusiasmico abraço, pela felicidade e pela valentia! » Gonçalo, sentado na cama, exclamou para o Bento : « Caramba! então os jornaes em Lisboa ja fallam, o caso anda celebrado! » Certamente celebrado — por que n'esse dia chegaram á Torre outros telegrammas de Lisboa, de todos os seus parentes — da Tia Louredo com « parabens ao valente sobrinho » da Condessa de Chellas; de Duarte Lourençal; dos Marqueses de Cója *felicitando* da marquesa d'Esposende « esperando que o caro primo tivesse agradecido a Deus! »; e o ultimo do Castanheiro, com exclamações : — *Magnifico! Digno de Tructesindo.* Gonçalo erguia os braços pela livraria, exclamava, estonteado :

— Santo nome de Deus! mas que terão dito os jornaes? »

Nem dormio, na anciedade de os receber. E logo de manhã, no *Seculo*, soffregamente percorrido, encontrou o telegramma d'Oliveira, annunciando o assalto os tiros disparados, a immensa coragem do Fidalgo da Torre que com um simples chicote... »

O Bento quasi arrebatou o *Seculo* das mãos do Fidalgo, para correr á cosinha, ler á Rosa a noticia gloriosa!

De tarde, Gonçalo, apesar da calma, correu a Villa-Clara, á Assembleia, para devorar os outros Jornaes, os de Lisboa, os do Porto contavam, todos celebravam. A *Gazetta do Porto*, attribuindo o attentado á Política, ultrajava furiosamente o Governo. O *Liberál Portuense*, porem relacionava « como vinganças locais, por questões de influencia e de propriedade o pavoroso attentado que quasi causara a morte d'um dos maiores fidalgos de Portugal, e d'um dos mais pujantes talentos da nova geração! » Os jornaes de Lisboa glorificavam sobre tudo « a coragem, o sangue frio esplendido do Snr. Gonçalo Ramires. » E o mais ardente, era a *Manhã* n'um verboso artigo, (de certo escripto pelo Castanheiro) recordando as heroicas tradições da casa illustre, descrevendo as bellezas do Castello de S<sup>ta</sup> Irenea, e terminando por affirmar que « agora,

se esperava com redobrada ansiedade a aparição da novella de Gonçalo Ramires, fundada sobre um feito de seu avô Tructesindo, no seculo XII, e promettida para o primeiro numero dos *Annaes de Litteratura e de Historia*, a nova Revista do nosso querido amigo sr. Lucio Castanheiro, esse benemerito restaurador da Consciencia heroica de Portugal! » — As mãos de Gonçalo, ao abrir, desdobrar os jornaes, tremião :

— E o Gonveia, que lia tambem por sobre o hombro do Fidalgo, murmurava impressionado.

— Você, Gonçalo, vae ter uma votação tremenda!

Depois n'essa noute, recolhendo á Torre, Gonçalo ainda encontrou, outra carta, que o perturbou. Era da D. Maria de Mendonça, n'um papel perfumado, com o mesmo doce perfume que sabia dos vestidos de D. Anna no adro de Santa Maria de Craquêde : — Só esta manhã soubemos o grande perigo que passou e ficámos *ambas* muito commovidas. Mas ao mesmo tempo eu (e não só eu) muito vaidosa da magnifica coragem do primo. É d'um verdadeiro Ramires. Eu não vou ahi abraçalo (com risco de me comprometter, e de *fazer invejas*) por que um dos meus pequenos, o Neco, está muito constipado. Felismente não è cousa de cuidado... Mas aqui todos, até os pequenos, anciamos, por ver o heroe, e não creio que houvesse nada d'extraordinario, nem *d'um lado* nem *d'outro*, em que o primo por aqui apparecesse, alem d'amanhã (quinta feira) pelas tres horas. Davamos um passeio na quinta e até se mereitava, á laia dos nossos avós. Está dito? Muitos cumprimentos, *muitos*, da Annica, e o primo creia-me etc. » — Gonçalo ficou a

olhar mas pensativamente para a carta; Nunca a prima Maria, lhe empurrara, tão claramente, a D. Anna para os braços!...

E certo era tambem que a D. Anna se deixava empurrar, prompta e d'olhos cerrados... Ah se fosse só para a Alcova! Mas ai! era tambem para a Egreja.

E de novo sentio ressoar o vozeirão do Titó, nos degraus da portinha deante dos olmos da estrada e da lua cheia, affirmando que a falsa creatura tivera um amante, e que elle nunca mentia? »

— Então tomou lentamente a penna, e respondeu a D. Maria Mendonça : — « Querida prima — Fiquei muito enternecido com o seu cuidado, e os seus enthusiasmos. Não exageremos. Eu não fiz mais, que correr a chicote uns valentões que me deram tiros. E' façanha facil para quem tenha, como eu, um bom chicote. Em quanto á visita á *Feitosa*, que me seria agradavel, não a posso, com pesar meu, realisar na quinta-feira, nem mesmo todo este mez... Estou occupadissimo com o meu livro, a minha Eleição, a minha ida para Lisbôa. A data dos cuidados sérios soou para mim, — fechando a era dos passeios, e dos sonhos. Peço que apresente á Snr D. Anna os meus profundos respeitos. E com muitas amizades para si, e bons desejos pelo restabelecimento do Neco, peço que me creia seu dedicado e grato primo, etc. ».

E fechando vagarosamente a carta, e battendo, o seu sinete d'armas sobre o lacre verde, pensava :

— Assim aquelle maroto do Titó : me rouba dusetos contos?...

EÇA DE QUEIROZ.

(Continua.)



**E**M curvilínea, ampla, triumphal ascensão batem, num rumor de palmas e apothoses, fortes e claras, para o Alto, para a plaga illimitada onde eternamente ardem as supremas luzes, onde perennemente vibram os deliciosos hymnos e onde as emoções se não desvanecem e conservam toda sua intensidade de vida superior e immortal.

Symbolisa o favor do céu nessas radiantes azas e uma ave que já ignora o vôo lembra-me um anjo caído, exilado d'aquelles longinquos jardins, sempre floridos e luminosos, por onde o seu ruflar, outr'ora, abriu em flôr abotoados desejos. Que essas pequenas aves qu'inda adejam são encantadores seres cujo vôo traz ainda um vago perfume de cousas celestes, festins da luz, da côr e do som, e no rumor das plumas, vibrando como uma nota poderosa numa tuba invisível, alguma palavra divina, um novo *fiat* esplendoroso e rico de causas ineditas, originaes.

Sigo-lhes, d'olhos num sonho, o irregular, caprichoso adejo, léve e macio, que as leva para longe, a fazel-as pequeninas na distancia, e as traz de novo, arfantes e gárrulas, numa revoada de sons avelludados e esparsos que se perdem n'avidéz da vida como gottas d'uma chuva muito fina n'ardencia d'um areial. E aquellas azas que vêm, que se approximam, baixadas de tão altos mysterios, sinto que adejam no meu peito e cantam como num horto de primavera onde as flores e os fructos inflammam a luxuria do perfume e do sabôr.

O que os meus olhos veem por esse ar de oiro em que vivem os seres infinitos e os sóes passeiam a sua magestade immortal, são aves queridas, pombas, andorinhas, meigos, ingenuos passaros que a minh'alma segue de longe com disvellos e sustos, como uma mãe aos filhos.

Quando ellas partem sinto-me só, incompleto, como se um pedaço do meu ser se destacasse de mim e fosse, azul em fóra, á busca e ao goso de grandiosas alegrias.

No coração das aves — quem sabe? — anda talvez um pouco da noss'alma, andam as nossas doces allucinações d'amantes, as nossas harmoniosas loucuras de poetas, as nossas ambições excelsas, os nossos sonhos, todas as nossas illusões de moços.

E eu sei que essas azas, que no meu peito abrem num irrequieto, descompassado vôo para as claridades do Ideal e do Amor, outras não são que as d'essas tresloucadas, adoradas aves que pelos vinte annos surgem numa primavera, luminosa e branca revoada.

Olhos negros, olhos astraes e creadores um dia m'as trouxeram em bando d'esse Oriente mysterioso do futuro. E sinto-as n'alma, cantando palpitantes e amorosas ao clarão bemdicto e fecundo d'esses olhos.

Nasceram naquella grande luz d'amor e meiguice e o seu calor é para ellas um doce, carinhoso verão. Filhos da su'alma, querem luz, conforto, carinhos e um ninho macio e quente, e vão e procuram os seus negros olhos. o claro-roseo velludo das suas faces, as papoilas humidas dos seus labios, os seus seios tépidos e mysteriosos e o lirio em flôr da sua pelle e é um claro palpitar de azas juncto d'aquella região de sonho, d'aquella *terre promise* do affecto e da graça.

E o circulo ideal abre flabéllos de seda por aquelle céu sorridente, num rumor de palmas e apothoses por altas, gloriosas ascensões para o paiz da Alma.

Azas!... Andam no meu peito abrindo anciosos, tresloucados vôos para Essa d'olhos negros, creadores, que m'as trouxe um dia na divina graça d'um sorriso virgem, só para mim aberto.

E com essas mil azas invisiveis anda o meu coração voando pelas distantes, secretas regiões do sonho e da illusão, como uma ave alegre, como uma ave louca, cantando a gloria excelsa do seu amor!

OLIVEIRA GOMES.



## Noticiario Illustrado

### UMA VISITA À IMPERATRIZ DA CHINA

Os acontecimentos políticos d'este ultimo anno, trouxeram como todos sabem grandes mudanças na familia imperial da China. O Joven Imperador aconselhado por estadistas da nova escola estava completamente disposto a modernisar a velha patria de Confucio, mas como essas mudanças radicacs não são facilmente admittidas no Imperio do Meio, seguiu-se uma tenebrosa conspiração de palacio dirigida pela Imperatriz mãe, que destronou o soberano, seu filho, que ousara renegar as crenças e os costumes passados; fez decapitar a maior parte dos seus conselheiros e assumio o poder governando de um modo dicatorial e absoluto. Os embaixadores estrangeiros recearam que essa mulher, que foi sempre uma authoritaria e caprichosa, complicasse a delicada questão da intervenção européa, ou antes forçasse as potencias a apressar uma partilha, que convem ir devagar para que uma conflagração seja evitada; mas ella como velha diplomata que é, e sabendo faser as cousas, bem comprehendeu, o pessimo effeito que produsira em todo o mundo essa conspiração de cortesãos que affastou do governo o verdadeiro soberano guardando-o prisioneiro no palacio e perseguindo e matando os seus estadistas. Para attenuar esse máu effeito appressou-se a Imperatriz a faser a córte aos representantes europeos, affirmando e garantindo-lhes que a sua intervenção era toda pacifica, e somente em virtude do seo filho achar-se doente e incapaz de reagir contra os maus conselhos dos seus ministros. Para destruir os boatos de envenenamento ou estrangulação, pediu ao medico da embaixada de França que viesse examinar o impe-

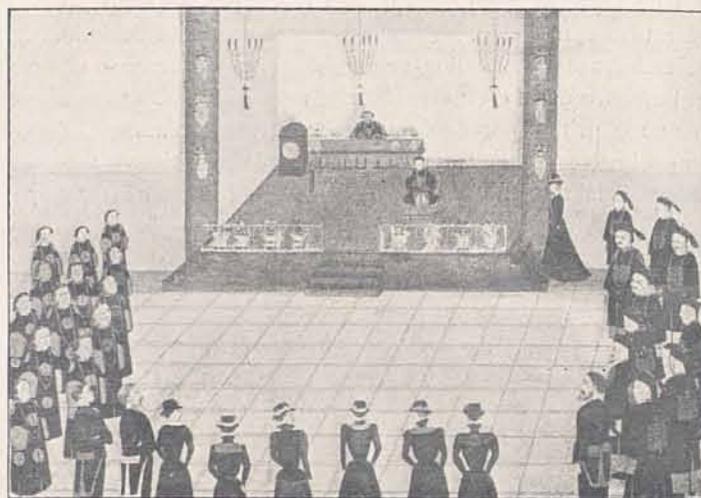


A Recepção das senhoras dos Embaixadores Europeus pela Imperatriz da China.

Segundo um croquis do desenhista da Embaixada Inglesa.

rador e dar a sua opinião sobre o seu estado de saude; e completando a serie de amabilidades annunciou a todos os embaixadores europeus em Pekin que receberia em audiencia solemne a visita das senhoras dos mesmos embaixadores, facto este nunca usado e completamente fóra dos habitos e das pragmaticas do Celeste

Imperio, que considera o imperador e a familia imperial como entes sagrados e não podendo ter o menor contacto com os estrangeiros. No dia marcado para essa extraordinaria cerimonia a primeira n'este genero que se faz na China, todos os embaixadores condusindo as suas respectivas senhoras dirigiram-se em



A Recepção das senhoras dos Embaixadores Europeus pela Imperatriz da China.

Segundo um croquis feito por um desenhista Chinez.

cortejo de gala até ao grande palacio imperial, onde foram recebidos por uma multidão infinita de mandarins e grandes funcionarios da Corte, no vasto e rectangular salão amarelo cuja ornamentação é de uma riqueza fabulosa. Ahi, numerosas damas da Imperatriz, receberam as senhoras dos diplomatas e o cortejo interminavel continuou até ao salão da Audiencia onde a Imperatriz se achava sobre um throno tendo ao lado o seo filho, o jovem imperador deposto. Cada uma das senhoras apoz uma respeitosa reverencia, era apresentada por um interprete á Imperatriz e depois ao Imperador.

Acabadas as apresentações a Imperatriz palestrou amigavelmente com todas as suas visitas, e prometeu-lhes que haveria de repetir com praser essa agradável recepção. A titulo de curiosidade damos abaixo duas gravuras que representam pouco mais ou menos a recepção das embaixadoras pela Imperatriz. A primeira é obra de um artista europeu e a segunda, quasi não será preciso dizer é o trabalho de um artista chinez. Os nossos leitores apreciarão a grande differença com que é interpretada a mesma scena, á primeira o desenhador procurou dar um apanhado geral e mais ou menos verdadeiro da reunião e na segunda a ingenuidade do artista é tal que até nos provoca o riso. Nada mais comico que essa fila de senhoras que esperam com paciencia o momento de ir faser os seus rapapés a velha Imperatriz que la bem longe no fundo do estrado e ao lado do indispensavel e classico gong throna selemnemente como um desembargador do Supremo Tribunal. E lá mais para um lado bem no segundo plano o pobre do Imperador com os braços crusados á moda do paiz expõe-se resignado á curiosidade e tambem á compaixão dos visitantes.

## PROCESSO BIANCHINI

E na verdade um processo bem parisiense, este que acaba de ser julgado pelos jurados d'esta grande capital. Tratava-se nada menos de uma senhora que tentou envenenar o seu marido, usando para conseguir esse criminoso fim da mais cynica e malvada persistencia.

Madame Bianchini, mulher do artista pintor que foi ultima-



M. Bianchini.

M<sup>me</sup> Bianchini.

mente encarregado da scenographia da Opera Comica, era uma d'estas creaturas que julga poder possuir uma moral apropriada a todas as circumstancias e adaptavel a todas as extravagancias do seu modo de viver. É uma d'estas muitas desmioladas que não contentes de desorganisar para sempre a existencia de um infeliz marido, são para cumulo de ociosidade e perversão impellidas ao crime, que é a consequencia forçada de uma vida mesquinha e de um cerebro vasio da mais limitada obrigação de senhora honesta.

São as aventureiras do casamento que não podem admittir o recatamento da esposa e da mulher casada e que tudo descuidando, começam por ser pessimas donas de casa, detestaveis mães de familia e acabam pelo adulterio ou pelo divorcio. As doze horas do dia não lhes são sufficientes para as visitas, as costureiras e as vagabundagens sem fim nas ruas elegantes á procura de conhecidos e de desoccupados que lhes venham diser meia dusia de cumprimentos banaes que ellas ouvem com summo praser até que um dia cansadas de platonismo, consentem na realidade do facto, que é a deshonra.

São d'estas cousas que só existem em Paris, pois esta é a cidade onde a mulher tem a batuta e tudo dirige segundo os seus extravagantes alvitres, sem que o homem, seja elle pae, marido ou pertencente a qualquer outra cathegoria, possa de leve protestar sob pena de expor-se ao mais terrivel dos ridiculos. Este estado de espirito que domina uma grande parte do feminismo parisiense percorrendo a escala de todas as concessões contra a moralidade e a correccão chega a produsir casos como o de Madame Bianchini que não contente de humilhar de um modo despresivel a existencia do seu marido, obrigando-o a aceitar sob o tecto conjugal a presença continua de um favorito vae ao ponto de querer supprimil-o por meio de toxicos violentos que a mulher criminosa e audaz plantada á cabeceira do leito, administrava-lhe todas as duas horas. Um bello dia o Snr. Bianchini cae doente sem haver para isso grande motivo. O seu estado torna-se bem depressa alarmante sem que durante todo o dia a mulher se resolvesse a chamar um medico. Somente pelas sete da noute a visita de um amigo fez com que essa deliberação fosse tomada; sendo então constatados os mais extravagantes symptomas que obrigavam o doente a

fortes convulsões. Apoz duas ou tres horas de uma energica medicamentação partio o Doutor á meia noute deixando o Snr. Bianchini calmo e bem disposto. No dia seguinte as nove da manhã volta a visital-o e encontra o doente novamente victima de horriveis convulsões, com o rosto de uma lividez escura, os olhos a saltarem-lhe das orbitas a garganta cerrada e ameaçando a todo o momento suffocal-o; emfim, diz o medico, a impressão causada era a de um desgraçado que debatia-se nas ultimas estrangulações da raiva. Outros medicos foram chamados e todos foram de accordo que haviam phenomenos caracteristicos de envenenamento pela atropina. Novos cuidados foram prestados ao paciente e ainda novas melhoras conseguiram, mas sempre que o pobre marido ficava á descripção do tratamento que lhe dava a sua mulher, novamente voltavam os terriveis symptomas. E estas miseraveis manobras duraram dous ou tres dias até que alguns amigos resolveram levar o Snr. Bianchini para um hotel nas visinhanças de Paris, de modo que o mesmo fosse ahi tratado, sendo a entrada do quarto do doente completamente prohibida á mulher. Desde esse dia as melhoras foram sensiveis, não mais appareceram as crises que tinham-o quasi fulminado, e no fim de uma semana o Snr. Bianchini já estava restabelecido. Uma instrução judiciaria, foi aberta tempos depois sobre este caso sendo a accusada presa e julgada e soffrendo a condemnação de cinco annos de trabalhos forçados. Madame Bianchini alem das muitissimas bellas qualidades que possuia, era uma grande morphinomania e ainda usava da atropina, fasendo com ella applicações sobre os olhos para que estes ficassem mais dilatados e brilhantes. Madame Bianchini ao ouvir a sentença que a condemnava fez uma pouco séria tentativa de suicidio, procurando enterrar no peito o alfinete do chapéo, sem que isto causasse-lhe o menor resultado.

## AS GRANDES TEMPESTADES DE FEVEREIRO

As duas photographias que abaixo damos representam a

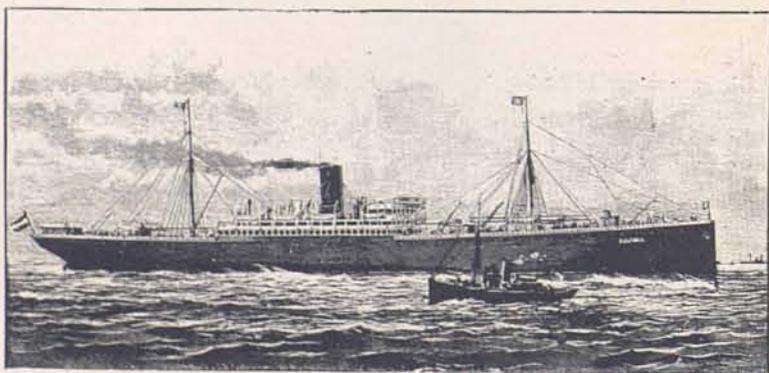


CAPITÃO SCHIMIDT

Commandante do paquete « Bulgaria ».

primeira o retrato do bravo Commandante do *Bulgaria* e a segunda a do proprio *Bulgaria* magnifico e veloz paquete da

linha de Hamburgo a Nova-York, que affrontou ultimamente um dos mais terríveis cyclones que devastou essa parte do Atlantico, fazendo um numero incalculavel de victimas ocasionadas por uma lugubre serie de sinistros e naufragios. Navegava o *Bulgaria* da America do Norte para a Europa tendo já feito tres dias de viagem quando repentinamente achou-se envolvido e preso, pela tromba furiosa que varria os mares. A lucta entre esse solido paquete e os elementos desencadeados foi dura e longa e no meio da tempestade de neve que cahia, dos vagalhões desmontados que rolavam de popa a proa o *Bulgaria* caracolou medonhamente durante dias. O vento e as ondas que bramam-lhe os mastros e uma das grandes chaminés, os botes salvavidas, foram desde o primeiro dia arrancados pelas vagas e os camarotes do tombadilho na quasi totalidade destruidos. Os passageiros bloqueados e calafetados no interior do paquete rolavam como ums desgraçados e o panico era constante esperando-se a toda a hora o momento a catastrophe final. O capitão e o official de quarto solidamente amarrados não podiam ficar no seu posto de observação mais que uma meia hora e para cumulo de todas as desgraças a dupla helice partida e avariada não funcionava sufficientemente para imprimir o movimento e o governo necessarios para a direcção do navio que começou a vogar á mercê das ondas. Mas o bravo Commandante Schimidt não perdeu um só momento durante tão longo tempo o sangue frio nas continuas providencias a empregar e na mais pequena acalmia que se produzia, os estragos da tormenta eram em parte reparados pelo pessoal de bordo que a exemplo do chefe fiseram heroismos. Foi d'este modo que o valente *Bulgaria* andou durante quasi duas semanas, perdido e desnordeado, n'uma viagem que ordinariamente dura 6 dias, até que luctando sempre, e manobrando do modo que lhe era possível, foi dar comsigo na ilha da Madeira, a mais de mil milhas fora do seu itinerario. O *Bulgaria* fez a sua apparição deante da ilha portuguesa n'um triste e lamentavel estado e a sua chegada foi immediatamente assignalada pelo telegrapho que veio ressuscitar no espirito de todos as centenares de pessôas que elle conduzia pois a sua perda completa já era considerada como certa, pela



O paquete allemão « Bulgaria ».

direcção central da Companhia Hamburgo Americana. O Imperador Guilherme sempre sensível as aventuras emocionantes dignou-se telegraphar ao Commandante Schimidt felicitando-o calorosamente e recompensando o seo bello feito com uma das importantes condecorações do Imperio. Depois de faser os concertos mais urgentes, o que necessitou muitos dias continuou o *Bulgaria* a sua viagem, chegando a Hamburgo em fins de Março, onde foi recebido com grandes festas ás quaes se associaram as marinhas, mercante e de guerra. O commandante do *Bulgaria* e todos os seus marinheiros foram recebidos pelo almirante Schorrer que entregou ao primeiro um diploma de honra do almirantado e aos segundos foram distribuidas medalhas de ouro.

## UM CURANDEIRO

Depois de algumas semanas, Paris possui um novo curandeiro que affirma e garante poder dar a saude a quem quer que a tenha perdido. E todo este resultado é obtido, oh grande milagre! sem remedios nem drogas de qualquer natureza, mas por meio de simples passes hypnoticos, ou antes, como diz o vulgo *por sympathia*. Esse interessante personagem se diz formado em medicina



Dr. EDWARDS.

por uma das academias da America do Norte e chama-se simplesmente Dr. Edwards.

E' quasi incrivel que n'uma grande capital como esta, onde o scepticismo reina de alto a baixo um professional do genero d'este curandeiro americano encontre publico que o acredite e procure-o. Mas assim é, pois o escriptorio de consultas do Dr. Edwards sito na Rua Cadet é todos os dias invadido por uma multidão de pacientes entre os quaes domina o elemento feminino. Quando visitámos esse consultorio eram duas horas da tarde e a salla de espera que precede o gabinete das consultas estava litteralmente cheia. Pobres e ricassos, elegantes e maltrapilhos, n'uma pittoresca promiscuidade, esperavam a sua vez de passar deante do fluxo poderoso do curandeiro. Entre os homens que esperavam havia especialmente um cego e um paralytico que discutiam em voz bastante alta sobre as possibilidades da cura das suas respectivas molestias. O cego mostrava-se descrente e duvidava que o Dr. Edwards pudesse aliviar-lhe mesmo em parte a sua cegueira.

O paralytico ao contrario, que é já a terceira vez que vem, affirma toda a sua confiança e diz que depois de ter começado o tratamento já sente-se um pouco melhor; um longinquo vigor começa a aquecer os membros ha tantos annos adormecidos e espera convicto que logo poderá caminhar. Em todo o caso o Dr. Edwards prometeu-lhe que elle ficaria bom. A phisionomia d'este original curandeiro é antes sympathica que maliciosa. Illuminado por dous olhos azues que reflectem uma grande energia, o rosto sobresahe enquadado por uma longa barba e uma abundante cabelleira branca tão longa que cae-lhe até aos hombros. O doutor que é de uma altura media está vestido de uma sobrecasaca preta que vem-lhe até os pés dando á sua pessoa um solemne e grave ar patriarchal. Antes de nos iniciar ao seu poder mystico elle chama a nossa attenção sobre certos signaes caracteristicos que o seo corpo offerece. A mão direita abre em forma de V, pois falta-lhe o dedo medio e o pollegar é unido ao indicador e o annullar ao minimo. A mão esquerda nada tem de anormal mas os seus pés acrescenta o doutor repetem os mesmos defeitos da mão direita.

São justamente as marcas do cruciframento do Christo, diz-nos o Dr. Edwards, pois alguns meses antes do meu nascimento em

Roma, a minha mãe que é extraordinariamente piedosa e crente, ia diariamente ás egrejas e lá ficava uma ou duas horas em contemplação diante da imagem do Salvador crucificado. Compungida que ella estava sobre a dôr e os soffrimentos do filho de Deus ella naturalmente communicou ao fructo das suas entranhas o estigma das feridas divinas.

E' d'esta forma que o Dr. Edwards explica os defeitos que apresentam os seus pés e a mão direita. Continuando a sua narração diz elle que com vinte e um annos de idade sentio um poder sobrenatural revelar-se em si ao mesmo tempo que uma força irresistivel o impellia a dedicar a sua existencia ao alivio das misérias humanas. O seu unico poder consiste na faculdade que elle tem de curar os seus doentes pela força da sua vontade, pelo olhar e tocando-os com as mãos. Elle pretende que o fluido que parte da sua pessoa, passando para o corpo do doente tem por effeito de curar radicalmente todas as molestias possiveis. Na verdade, assistimos alguns momentos depois ao desfilar dos pacientes que eram todos interrogados sobre a natureza das suas molestias, contentando-se o doutor em faser passes magneticos nas partes que soffriam e disia-lhes para voltar alguns dias depois, pois os curativos não podem ser feitos em uma só vez. Antes de partir o doente



O Dr. Edwards no seu consultorio.

passa por uma antecâmara onde sobre uma mesa acha-se uma grande salva destinada a receber o testemunho do seo reconhecimento, ficando a quantia isto é o preço de cada consulta á generosidade ou aos meios de cada um. Alguns dos doentes affirmam grande melhora depois que começaram o tratamento magnetico e mesmo um surdo diz ter ficado compeltamente bom apoz oito visitas que fez ao consultorio d'esse original curandeiro.

#### O DEPOSITO DE POLVORA DE LAGOUBRAN

A tres kilometros da cidade de Toulon, que possui um dos mais importantes portos militares da França deu-se no dia de março ultimo ás duas horas da manhã, uma das mais terriveis explosões que tem registrado a estatistica dos accidentes d'esta natureza. Quasi que encostado á pequena aldeia de Lagoubran tinha a repartição da guerra um immenso deposito de polvora destinado ao fornecimento da esquadra e ás baterias do littoral deposito este que voou pelos ares, sem que até ao presente as causas da catastrophe sejam conhecidas. Desde que o pavoroso estampido abalou toda a cidade de Toulon, arsenaes e outros edificios, faser saltar os vidros das janellas e derrubar as moveis das casas, um extraordinario panico, fez com que n'um quarto a hora quasi toda a população achasse-se nas ruas, julgando que a cidade

desmoronaria-se em virtude de um terremoto. Pouco a pouco foram vindo as noticias até que a verdade foi totalmente conhe-



A aldeia de Lagoubran depois da catastrophe.

cida e immediatamente uma interminavel procissão que durou dias e dias, dirijio-se a Lagoubran para tomar conhecimento do desastre que foi na verdade um dos mais destruidores que se tenha conhecido.

A explosão tinha na verdade arrasado completamente o deposito de polvora e destruido quasi toda a aldeia de Lagoubran, e o aspecto desses logares era lugubre e desolador quando os primeiros clarões do dia veio illuminar a triste scena. A fatalidade não permittio que um segundo deposito de polvora situado a algumas dezenas de metros fosse contaminado pela explosão e o que, se tivesse acontecido, teria na opinião dos competentes destruido grande parte da cidade de Toulon. A nossa primeira gravura representa o estado ao qual ficou redusido o deposito e as construcções que o avisinham e a segunda mostra-nos a aldeia de Lagoubran mais de metade destruida. Até o presente o numero das victimas sobe a setenta pessoas, mas pelos hospitaes e casas particulares ainda se acham muitos em tratamento. A opinião mais corrente é que a explosão foi produsida pela fermentação da pólvora, causada pela humidade ou pela mudança brusca da temperatura, mas até o presente como dissemos nada de official foi declarado, e isso authorisa a uma grande parte do publico admittir a possibilidade de um crime commettido por espiões estrangeiros. A verdade é que um serio terror reina em todas os outros depositos de polvora



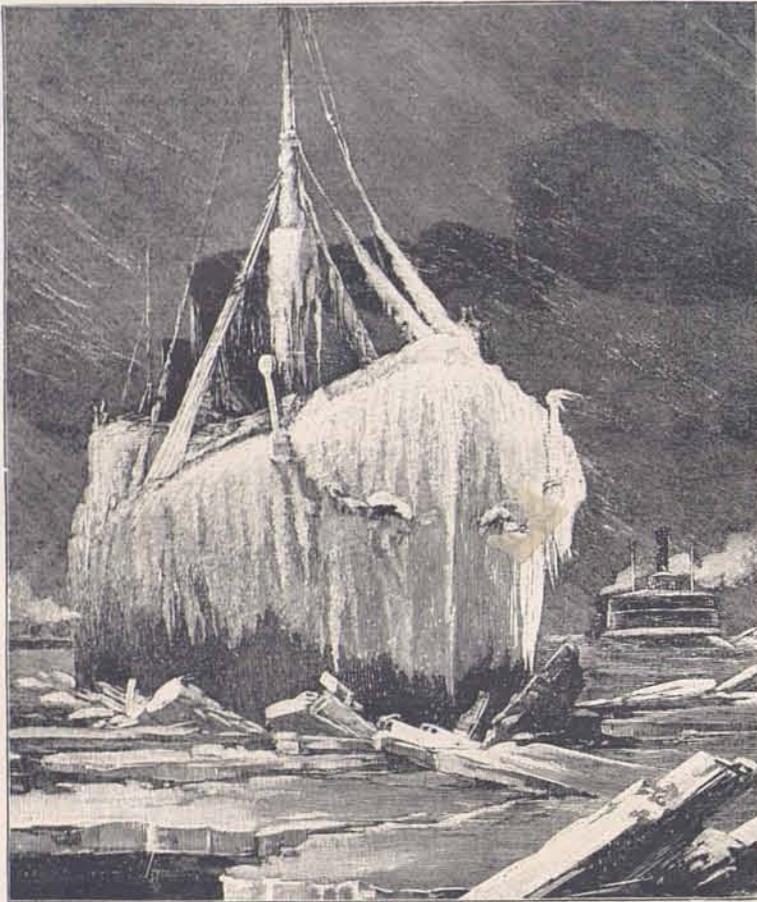
O Deposito de polvora depois da catastrophe.

em França. A guarda de todos elles foi triplicada, as medidas são severissimas, e as sentinellas estão todos as dias a dar alarmas

imaginarios, acreditando nos malfeitores por toda a parte. Da França e do estrangeiro vieram muitos donativos para as victimas da castastrophe e a subscrição que foi com essa intenção organizada ja excede da quantia de tresentos mil francos.

### TEMPESTADES DE NEVE

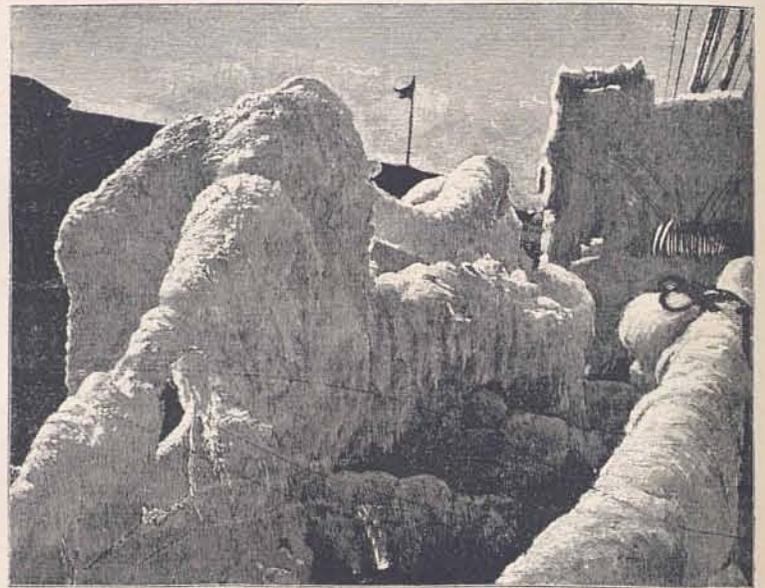
Reproduzimos ao lado d'este nosso pequeno artigo duas inte-



O paquete « Etruria » chegando a Nova York.

casa que algumas horas antes ardia em chammas, ficou transformada n'um immenso bloco de gelo e assim durou muitas semanas.

A chegada dos paquetes transatlanticos ao porto de Nova-York dava lugar aos mais comicos espectaculos. Litteralmente cobertos de neve, navegavam vagarosamente, não podendo mais se perceber todas as pequenas construcções que se elevam nos tombadilhos dos mesmos. E' assim que a nossa primeira gravura representa a chegada do paquete Allemão *Etruria*, arrebatando o gelo com a sua enorme proa e todo elle coberto de uma tão grande camada de neve que mal se distingue os detalhes do grande navio. A segunda gravura que parece á primeira vista uma illustração disparatada e impossivel de se comprehender, representa um ponto do tombadilho do mesmo paquete *Etruria*, de tal modo coberto pela neve que nada se pode distinguir. Se essa tempestade que durou dous dias tivesse se prolongado por outros tantos, não haveria possibilidade que os paquetes resistissem a essa carga



Uma parte do tombadilho do « Etruria ».

ressantes gravuras, que representam o estupendo e original effeito da grande tempestade de neve que cahio sobre os Estados Unidos e tambem em pleno mar já nas proximidades da America do Norte. Em Nova-York por exemplo, incendiou-se um grande edificio de muitos andares, e a agua atirada pelas mangas dos bombeiros meia hora depois estava gelada, de modo que essa enorme

colossal; e naturalmente muitos desastres teriam sido registrados. O *Etruria* chegou a Nova-York com metade da força e o gelo e a neve retirada do paquete excediam a mais de mil tonnolladas. Muitas pequenas embarcações foram a pique mesmo no porto e a celebre estatua da liberdade illuminando o mundo perdera as suas bellas formas transformando-se n'um obelisco de gelo.

REPORTER.

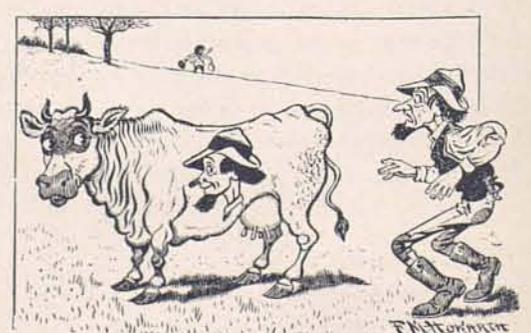
### O PINTOR E O CAMPONEZ



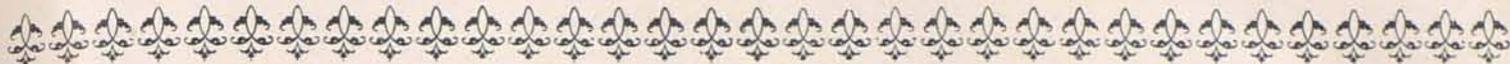
— Era melhor pintar a minha vaca.



— Oh que ideia!



— O meu retrato!!



## SPORT

### As Senhoras Esgrimistas

**T**odos nós sabemos que a Inglaterra não é com especialidade o paiz dos duellos e muito menos a terra onde se cultivava com grande vantagem a esgrima, mas isto não quer dizer que o manejo das armas ahi seja totalmente desconhecido e que o



MISS TOUPIE LOWTHER  
A celebre senhora esgrimista.

unico sport nacional consista no genuino *box*, que tem provocado tão sensacionais e sanguinolentas luctas. Não, em Londres como em toda a grande capital que se presa existem bellas espadas, sem ser de *toreros* e a sciencia do florete encontra nos *gentlemans* da fina sociedade grande numero de adeptos e perfectos amadores. Se em França a esgrima é considerada o exercicio da elegancia, na Italia um torneio de phantasia, e na Allemanha um divertimento univertario, em Londres, isto é na Inglaterra, consideram-a como um sport de grande luxo, somente acessivel e necessario á quellas que aspiram a serem impeccaveis e completos. E para estes existem em Londres, diversas salas d'armas de primeira ordem e mesmo alguns profissionaes de grande competencia d'entre os professores Pollok,

Castle e Ridderbeecks, director da « Pherson's Scool of Armes » que é uma das primeiras e mais bem organisadas da capital.

Magnificos assaltos ahi realisam-se annualmente e os grandes mestres de França e da Italia a convite dos organisadores vem medir-se com os amadores Londrinos. A assistencia feminina acompanha com muito interesse essas festas e com especialidade as artistas inglesas que parecem ter uma queda especial por essas reuniões. Em uma d'ellas uma interessante historia divertio os assistentes. A bellissima artista Peg Woffington, admiradora convicta e sincera do mestre d'armas italiano Angelo, collocou no peito do celebre esgrimista um pequeno e perfumado bouquet de violetas pedindo ao mesmo que o defendesse como se fôra ella propria. Angelo tomou parte em diversos assaltos e tal foi a convic-

ção que elle poz em cumprir o pedido da sua apaixonada que as perfumadas violetas não foram nem de leve tocadas pelos seus adversarios. O chronista esqueceu-se de contar qual a recompensa de tanta dedicacão e bravura, mas tudo leva a crer que o valente defensor das flores de Parma fôra generosamente recompensado. As proprias senhoras tomam parte no exercicio das armas e nas salas do Ladies Club os serões consagrados ao jogo do florete, repetem-se todos os meses contando-se entre as socias, amadoras de grande e real merito, como a celebre esgrimista miss Toupie Louther.

E' mesmo o nosso principal fim apresental-a aos nossos leitores dando com praser essa sympathica illustração que acompanha o nosso texto. Miss Louther exercita-se d'esde pequena e hoje é uma bella senhora de vinte quatro annos, elegantemente desenvolvida e bastante capaz de sustentar uma lucta com um dos melhores representantes do sexo forte. Foi sempre uma *habituée* da Pherson's School e ahi completou a sua educacão do florete. Ultimamente esteve em Paris, aperfeicando e enriquecendo o seu jogo, e obteve diversas distincções em muitos assaltos em que tomou parte. No anno passado miss Louther organisou uma reunião de diversas senhoras amadoras deante do Duque e da Duquesa de Connaught em Aldershot, onde naturalmente todos as adversarias foram batidas. Em Oxford miss Toupie tomou parte n'um assalto organizado durante as festas da universidade e venceu com enorme facilidade o primeiro esgrimista da mesma. Miss Toupie combina no seu jogo uma grande agilidade reunida a uma resistencia muscular pouco commum. O professor Pollok considerava-a como a segunda senhora tendo obtido um resultado completo na esgrima sendo a outra citada uma amadora francesa. Actualmente o seu grande desejo é de trabalhar com vigor e conseguir por meio de um exercicio continuo o ser a primeira senhora esgrimista do mundo. Como boa inglesa que é miss Toupie aspira a ser a Campeã universal do florete e naturalmente a perseveranca lhe concederá a realisacão dos seus votos. De uma Revista de Hamburgo reproduzimos a nossa segunda gravura que representa o



Um assalto de floretes entre raparigas allemãs.

assalto de duas amadoras no *Blumen Club* situado nos arredores da importante cidade allemã. A sala d'armas d'essa associacão é tambem dirigida por uma outra senhora uma professora sueca, não tendo esta a pretencão de ser a Campeã do mundo.

## A Travessia da Mancha em Balão



O AERONAUTA LHOSTE  
Desapparecido n'uma ascensão  
que fez em 1859.

O pequeno braço de mar que separa a França da Inglaterra, e que impediu esta ultima de ser aniquilada pela primeira, nas diferentes guerras que tiveram, é um constante pretexto de excursões aventurosas por parte de amadores dos dois paises. E' assim que em 1860 o francez Thierry procura atravessal-a servindo-se de umas botas fluctuantes, mas a experiencia não teve sucesso e o andarilho aquatico só conseguiu transpor uma distancia de tres milhas.

Em 1874 o inglez Morriss concebe a originalissima idéa de ir de Douvres a Calais sobre um barril que elle fazia navegar com o auxilio de um

remo. Por mais extravagante que pareça um tal meio de transporte, conseguiu o Sr. Morris faser mais de metade do caminho; mas as correntes centraes que de tempos a tempos fasem-se sentir com violencia no meio do canal, arrastaram o tonnel e o tonnelleiro, ameaçando atiral-os em pleno atlantico. Ainda o anno passado o americano Dongley tentou atravessal-a a nado mas nas duas experiencias começadas teve que pedir socorro algumas milhas mais longe.

Muitos aeronautas tentados pela apparente facilidade da viagem tem tambem, ha muitos annos experimentado essa travessia, não pela superficie das aguas, já se vê, mas pelas grandes alturas, a mercê dos nevôeiros e das frescas brisas. Alguns têm sido mesmo victimas perecendo afogados, pois a direcção dos ventos os forçara a cahir em alto mar.

Já no seculo passado o francez Blanchard que foi um dos grandes aeronautas do seu tempo, conseguiu, partindo de Douvres, acom-



A primeira travessia de Lhoste em 1883.

panhado do medico americano Jeffries, descer em Calais. O balão de Blanchard era auxiliado por velas e obedecia relativamente a um leme collocado sob a pequena barca.

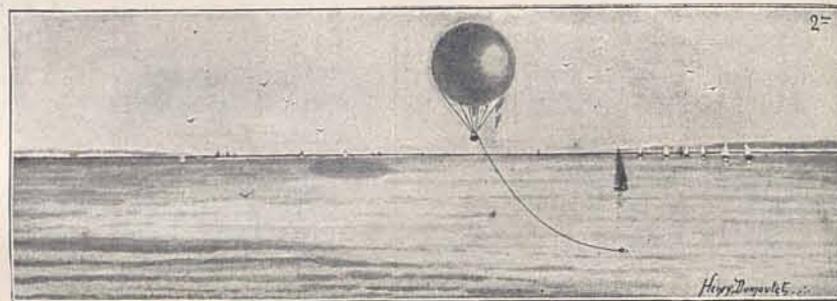
Pilatre de Rozier e Romain procuraram no mesmo anno renovar a feliz travessia de Blanchard. Partiram de Bolonha e já tinham terminado a passagem da Mancha quando em virtude de uma ma-

nobra imprudente o balão incendiou-se totalmente sendo os dous infelizes aeronautas precipitados sobre os rochedos das costas da Inglaterra. Em 1885, Lhoste originario de Bolonha realisou diversas viagens com sucesso.

Foi este ultimo um brilhante discipulo da Academia Francesa de navegação aerea. Partindo pela primeira vez de Saint-Omer nas costas da França é levado por uma forte corrente nas direcções do mar do Norte, tendo a grande facilidade de descer em Wissingen na Hollanda.

Uma segunda ascensão que fez não foi mais que a repetição da primeira sendo novamente levado para a Hollanda indo cahir em Middleburgo.

Lhoste foi um dos aeronautas mais ousados e de mais fortuna e a travessia da Mancha em balão foi por elle repetida diversas veses, ao ponto que deixou sobre esse assumpto indicações preciosas que são fielmente seguidas. Dizia elle que a travessia da Inglaterra para a França é muito mais facil que a da França para a Inglaterra, visto os ventos que sopram da Inglaterra para o littoral francez estabelecerem quasi sempre uma corrente continua e frequente que facilita e simplifica a tarefa do aeronauta. Emquanto que da França os ventos favoraveis são relativamente raros e sujeitos a bifurcações continuas que levam constantemente o via-



Travessia do aeronauta Spencer e do Jornalista Swinburne, Dezembro de 1898.

jante para o mar. A sua ultima ascensão foi em 1887 no balão *Arago* partindo dos arredores de Paris, com destino a Inglaterra. Lhoste desceu em Candehec, perto de Calais para desembarcar um companheiro e desapparecendo de novo nos ares nunca mais voltou.

A cidade de Bolonha, sua terra natal levantou um soberbo monumento em memoria do jovem e ousado aeronauta.

Finalmente em Dezembro ultimo Parcenal Spencer aeronauta e Laurence Swinburne redactor do jornal inglez *Daily Chronicle* partem de Londres, pela manhã, vindo descer em França, cinco horas depois. Ao diser da imprensa francesa, são estes aeronautas os primeiros ingleses que conseguem faser a travessia da Mancha em balão. Este será talvez para o futuro o melhor e mais practico meio de locomoção entre Paris e Londres, apesar mesmo de todos os perigos e contratempos a que possa estar sujeito; pois o serviço de navegação de Calais a Douvres e de Bolonha a Folkestone está quasi sempre interrompido pelas grandes tempestades que fasem o seu ninho predilecto n'este insignificante canal cuja travessia regular é de uma hora, mas que o sucessivo mau tempo e os constantes furacões transformam em longas viagens que são verdadeiras epopéas. É assim que o paquete *Empress* sabindo de Calais para Douvres, não conseguin de desembarcar os seus passageiros senão 46 horas depois! Durante muitos dias a irrequieta Mancha, não admittio o menor movimento de paquetes sendo as communicações entre a França e a Inglaterra, mesmo o correio, completamente interrompidas. Quem sabe pois se os Snrs. aeronautas descobrirão em breve, mesmo a alguns mil metros de altura um caminho seguro e garantido de todas estes contratempos?

S. MARCELLO.

# Revista Moderna

Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO

Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da Revista Moderna equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.

Já se acha em poder de todos os nossos Agentes

## O Magnífico Brinde

Que como annunciámos nos nossos ultimos numeros, a *Revista Moderna* offerece aos seus assignantes e leitores que renovarem ou tomarem uma assignatura por um anno

### ESSE EXPLENDIDO BRINDE

consistindo n'uma bellissima gravura a côres é a copia perfeita e admiravel do

### Celebre Quadro de BOUCHER

## O NINHO

(DO MUSEU NACIONAL DO LOUVRE)

uma das melhores composições do grande mestre francez do seculo XVIII, cuja reproducção artistica é rarissima e attinge preços consideraveis nos mercados europeos. Tivemos a felicidade de poder obter uma limitada tiragem d'esta obra prima que pomos a disposição dos nossos leitores nas condicções acima indicadas.

Os nossos assignantes e leitores, que habitam nas localidades onde a *Revista* tem agencias, basta, para o obterem que se dirijam a esses agentes quanto aos que habitam em outras localidades terão a bondade de fazer o pedido por escripto a esses agentes e juntar 1000 reis para as despezas da remessa postal.

## ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

# A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

8, Avenue de l'Opéra, PARIS

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica  
da Casa Guinard.

## ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dôr em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zôna (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Paris na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Paris.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878  
A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889  
Membro do Jury de Recompensas

## SOCIEDADE ANONYMA

DE

# PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, Administradores

### ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféceiro, despeza por pré : 0 fr. 42 a 0,20, mais ou menos. | Para canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de  
— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id. | 50 a 55 francos.

### INFORMAÇÕES, ANALYSES, LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX. — 15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.

## REVISTA MODERNA

Ilustração Brasileira e Magazine Litterario e Artístico

Director : M. BOTELHO

### COUPON DE ASSIGNATURA DE UM ANNO

Ilmos Senrs

Agentes da Revista Moderna

Junto enviamos a quantia de 50\$000 Reis importancia de uma Assignatura de um Anno a comecar do N° 25 e terminando com o N° 36, que os Senrs farão o obsequio de enviar-me a direcção abaixo :

Nome do Assignante

Endereço

Os Assignantes do interior enviarão aos nossos agentes, afara a importancia da Assignatura, mais *Mil réis* para a remessa pelo correio do grande quadro a côres, que constitue o valiosissimo e artistico brinde que a *Revista Moderna* offerece a todos os seus assignantes.



# MATHIEU-DÉROCHE <sup>235</sup>

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

ASCENSEUR \* TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre esmaltes inalteráveis vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição 1900

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

LIBRAIRIE C. REINWALD — SCHLEICHER Frères, ÉDITEURS  
PARIS — 15, RUE DES SAINTS-PÈRES, 15 — PARIS

## L'HUMANITÉ NOUVELLE

*Revue Internationale, Sciences, Lettres et Arts*

PARAIT MENSUELLEMENT EN UN VOLUME IN-8 D'AU MOINS 128 PAGES

ABONNEMENTS { France et Belgique, *Un an.* . . . . 12 fr. — *Six mois.* . . . . 7 fr.  
Etranger (Union) — . . . . 15 fr. — . . . . 8 fr.

UN NUMÉRO : 1 fr. 50

Envoi d'un Numéro Spécimen, contre 1 franc en timbres-poste

### Principaux Collaborateurs

Ch. Andlet.  
Theophilo Braga.  
Judith Cladel.  
N. Colajanni.  
J. Dallemagne.  
Victor Dave.

G. De Greef.  
G. De La Salle.  
Hector Denis.  
Holger Drachmann.  
G. Ferrero.  
E. Ferri.

Jean Grave.  
Gunnar Heiberg.  
Léon Hennebicq.  
Henrik Ibsen.  
J. P. Jacobsen.  
P. Kropotkine.

P. Lavroff.  
Ch. Letourneau.  
Domela Nieuwenhuis.  
J. Novicow.  
Ed. Picard.  
Élisée Reclus.

Élie Reclus.  
E. De Roberty.  
Clémence Royer.  
L. Tolstoï.  
E. Vandervelde.  
Xavier de Carvalho.

Directeur : A. HAMON

Études de Sciences sociologiques, philosophiques, psychologiques, historiques, naturelles, etc.  
Contes, Vers, Théâtre, Critiques littéraire et artistique, etc.

Pariz ♦ GRANDE HOTEL ♦ Pariz

*situado sobre os Grandes Boulevards no mais central  
e no mais bello ponto da cidade*

OCCUPANDO TODO UM QUARTEIRÃO  
sobre o Boulevard des Capucines, Place de l'Opéra  
Rue Scribe e Rue Auber

A MAIS LUXUOSA E A MAIS  
Vasta Sala de Jantar podendo conter mil pessoas

O Serviço das duas refeições  
é constantemente servido em pequenas mezas  
de duas e quatro pessoas

MAGNIFICA ORCHESTRA DE PROFFESSORES  
*executando diariamente um Concerto*  
Durante o JANTAR

*Preço Fixo das Refeições*  
ALMOÇO 5 FR. ♦ JANTAR 7 FR.  
Vinho não comprehendido

SERVIÇO A LA CARTE  
NO

Grande Restaurant do Hotel  
DANDO SOBRE O  
JARDIM DE INVERNO

RICOS SALOES  
para Bailes, Recepções  
e Jantares

GRANDE SALÃO  
DE  
BILHAR

Pariz

GRANDE HOTEL

Pariz

Endereço Telegraphico :  
GRAND-HOTEL-PARIS

800  
SALOES E QUARTOS  
*Mobilados com todo o luxo,  
elegancia e conforto*

COMMODOS ESPECIAES PARA FAMILIAS  
Com salas de Jantar,  
salas de banho toilettes, etc.

Grandes salas de banhos quentes e Frios  
em todos os andares. Ascensores trabalhando  
noute e Dia, Vasto Salão de Leitura com Jornaes e  
Illustrações de todo o Universo Enorme Jardim de  
Inverno com Fontes luminosas

UM ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO  
de primeira ordem dirigido por um especialista  
funcionna no Grande-Hotel

BANHOS DE VAPOR, BANHOS TURCOS, BANHOS RUSSOS, MASSAGENS, BANHOS ESCOSSEZES

*Serviço de Carros a preço fixo, pertencente ao Grande Hotel*

Agencias de Bilhetes de Caminhos de Ferro e de Paquetes  
para todas as partes do globo. Agencias do Correio e do Telegrapho.  
Cambio de Dinheiros e Valores estrangeiros. Salão de Cabelleireiro.

*Remessa do nosso Plano Tarifa a todas as pessoas que nos fiserem esse  
pedido por carta. Toda a Correspondencia  
deve ser dirigida do Director do Grande Hotel Paris.*

O Plano Tarifa do Grande Hotel permite aos viajantes que desejarem passar algum tempo  
em Paris fixarem de antemao as suas despesas e reservarem os commodos que desejam occupar.

Pariz ♦ GRANDE HOTEL ♦ Pariz